

PERCEBA OS SINAIS..

OBSCURUS

UMA COLETÂNEA DE TERROR DA AVL

18

PERCEBA OS SINAIS...

OBSCURUS

UMA COLETÂNEA DE TERROR DA AVL

DEIXE RASTROS...

2021 by Academia Valparaisense de Letras -AVL

© 2021 by AColibri

Todos os direitos desta edição reservados à AVL/AColibri.

Rua 17, Quadra 47, Lotes 18-20 – Bairro Novo Jardim Oriente
Valparaíso de Goiás - GO.
CEP: 72.870-215
Fone: (61) 99168-4768
@academiaavl

CAPA
Alex Gomes

DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Alex Gomes

REVISÃO
Alex Gomes
Daniel Canhoto

CURADORIA
Alex Gomes

ILUSTRAÇÃO
Daniel Canhoto
Douglas Lima

FOTO DOS AUTORES
Arquivos pessoais

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pela Academia de Letras

Letras, Academia Valparaisense de
Obscurus / AVL. - 1. ed. -
Valparaíso de Goiás, GO: AColibri, 2021.

ISBN 978-65-995439-0-6

1. Literatura Brasileira. 2. Terror
I. Coletânea.

45-97865

CDD – 978.65



SUMÁRIO

Prefácio.....	VIII
A esquina maldita	X
Verme	XIX
A travessia.....	XXVI
Árvore Maldita.....	XXXV
A Bruxa Bem Mal Amada	XLIII
Pacto diabólico	XLVI
O Coletor de Almas.....	LXI
O BOSQUE DAS ALMAS PERDIDAS.....	LXVII
Dano Cerebral e Eclipse	XCIX
Mania	CII
A polícia vai descobrir o que você fez!	CIV
OLHAR DE ANASTÁCIA	CIX
Pai, filho, espírito santo, amém	CXIX
Posfácio.....	CXXIII

Prefácio

Foi fácil.

O olhar da escuridão é realmente grandioso. Está aqui, ali, em qualquer lugar. Foi bem fácil te corromper. Todo mundo já se corrompeu um dia. Alguns olham atentos dentro de si, outros simplesmente ignoram essa escuridão corruptora. Sentimentos que fazem nascer profundas dores que corroem a sua própria existência. Nascem mais pessoas, morrem mais alguns milhões, e o mundo ainda é o mesmo. É isso.

Será mesmo?

Olhe debaixo da sua cama agora. Não tem nada que você possa ver lá. À noite, enquanto dorme, olhos famintos rondam o seu corpo desfavorecido de segurança, atentos a qualquer movimento de desconforto. Eles se alimentam de você, da sua felicidade, da sua saúde, daqueles sentimentos que muitos consideram bons... que nojo.

Foi bem fácil te corromper.

Você olha pessoas na rua como se fossem menores, menos importantes. Alguns te pedem uns trocados, um lanche, um cobertor, mas você está ocupado demais. Ninguém liga pra eles, então você não precisa dessa responsabilidade também. “Eu não tenho dinheiro”, “desculpa, estou sem nada agora”, “Que pena dessas crianças de rua, onde será que estão os pais delas?” ... você diz.

É esse o verdadeiro terror.

Almas fadadas ao sofrimento eterno de vinte e quatro horas por dia. Todos os dias elas sofrem, sozinhas, de frio, de fome, de medo da dor. Elas sofrem na sua esquina, debaixo de uma ponte, na porta de alguma loja. É esse o verdadeiro terror, mas você tem medo do escuro, de fantasmas, de demônios, do inferno, do irreal.

Você se corrompeu.

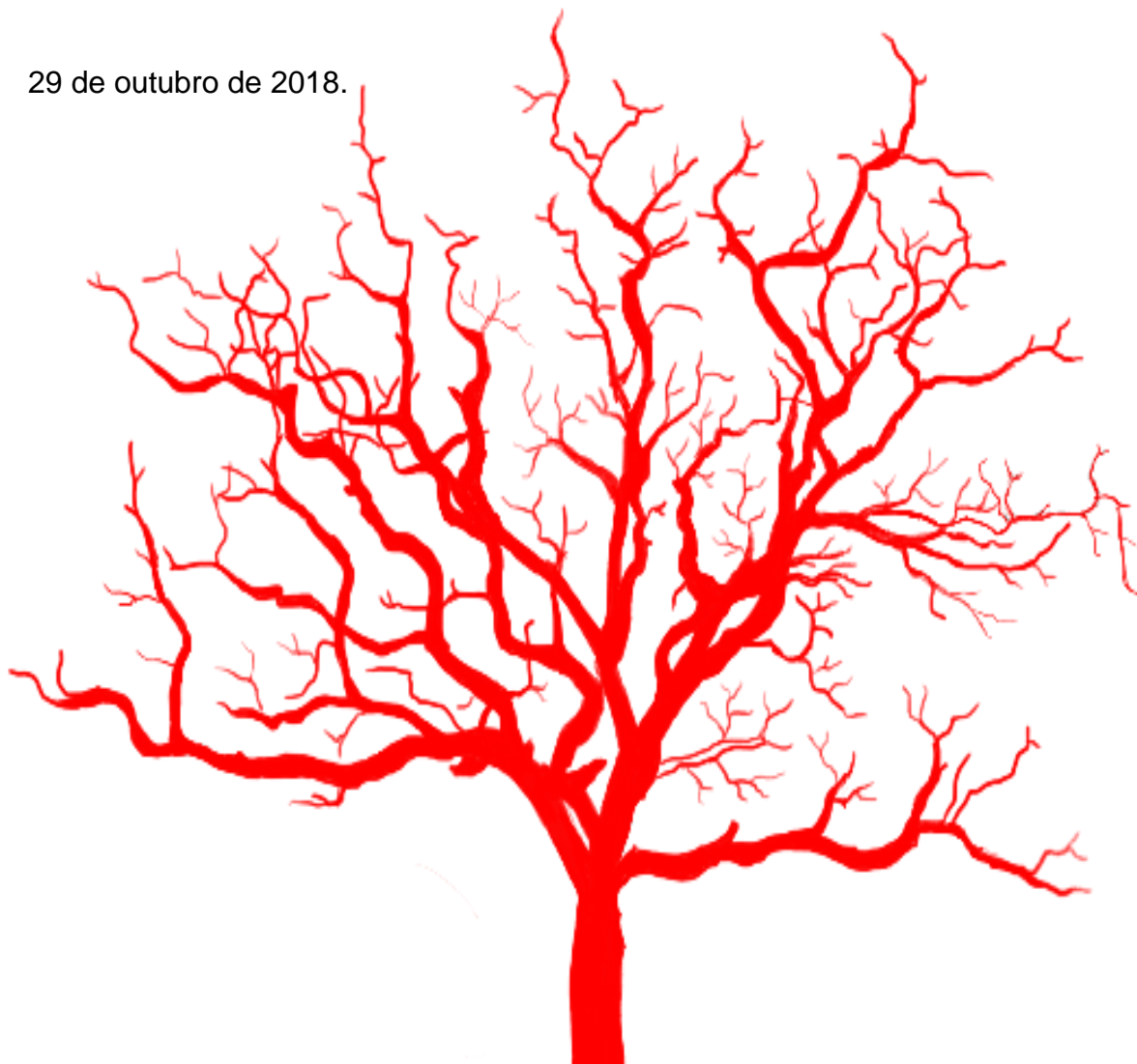
O verdadeiro sentido da palavra “terror” deveria se ligar principalmente ao fato que nos liga à realidade. A fome, a seca, as diferenças sociais, a inquietude de um coração doente. Isso é terror, aquilo que eu disse anteriormente, de monstros debaixo da cama ou olhos fantasmagóricos que te rondam à noite. Uma bala perdida, uma doença avassaladora de lares, a insegurança de andar na rua e não saber quando vai ser a última vez que você vai falar com sua mãe... Isso é terror.

E para fazê-los se lembrar disso sempre, aqui vai nosso primeiro conto de terror, de Tacio Lorrán:

Brasil

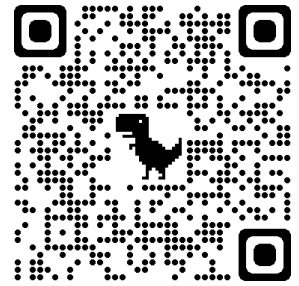
O deputado federal Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República, com 57 milhões de votos.

29 de outubro de 2018.



A esquina maldita

Débora Iglesias



Júlio andava apressado pelas ruas desertas. Estava desorientado. Não sabia que horas eram e não fazia ideia de onde tinha ido parar seu celular. Ele nem se lembrava de como tinha chegado ali... Júlio parou e olhou em volta. Onde estava???

Ele respirou fundo. Olhou em volta procurando uma referência, um ponto qualquer que o orientasse. Não reconhecia nada.

Tentou lembrar o que tinha acontecido. Andréia! Onde ela estava? Os dois tinham saído para dar um rolê. Andréia tinha carro, Júlio não. Ela era uma burguesinha, filhinha de papai. Júlio era da favela. Se conheceram na praia. A praia era o lugar mais democrático do mundo. Todo mundo seminu, sem nada que identificasse o rico ou o pobre. A mesma areia, o mesmo mar. Todo mundo igual.

Júlio riu lembrando do dia que se conheceram. Júlio, 1.85, 19, preto, pobre. Domingão de sol. A garota rica, branca, linda. Ela riu pra ele e perguntou:

- Quer tomar uma coca?

Assim, do nada. Júlio olhou pros lados achando que ela tava falando com outra pessoa. Ela riu.

- Você... Você mesmo! Toma Coca-Cola?

Júlio deu de ombros...

- Tomo, né!

- Vem. Eu pago!

Júlio não tinha ideia, nem naquele dia, nem agora, do porquê da burguesinha ter chamado ele pra tomar coca!

- Eu sou a Andréia. - Júlio ficou olhando. - Oiê? Você tem nome?

- Júlio...Me chamo Júlio!

Andréia riu.

- Prazer!

Virou pro balcão da barraca e gritou:

-Moço! Duas cocas 600 beeemm geladaaaaas!!

O "moço" riu. Trouxe as cocas e olhou desconfiado pra ele. Júlio fez um gesto de "eu não sei de nada". O moço deu as cocas pra Andréia, que estendeu uma pra ele. Ela abriu a dela e bebeu no gargalo mesmo, sem cerimônia. Júlio, mais uma vez, deu de ombros. Abriu a coca geladaça e bebeu. Delícia...

Depois disso, eles conversaram horas. A mina era muito legal. Bateram altos papos. Trocaram número de telefone. Passaram a se falar direto.

No telefone? Júlio ficou tonto. Cadê meu telefone? Andréia?

Andréia ia buscar Júlio e os dois davam altos rolês. Ela falava coisas esquisitas. A garota era estranha, mas Júlio gostava dela. Um dia ela mandou:

- Júlio, você acredita em vida após a morte?

Júlio ficou calado, pensativo. Nunca tinha pensado nisso.

- Não sei. E você?

O olhar dela ficou distante.

- É. Acredito.

Depois mudaram de assunto e o assunto ficou sem ser conversado.

Andréia tinha um carro. Um fusca branco que parecia tão novinho! Júlio não sabia porque a riquinha tinha um fusca. Era engraçado. Tanto carro novo bonito que ela podia ter e tinha um fusca. Ela não parecia ligar. Eles iam pra todo lado. Menos na casa dela, ou na dele. Júlio pensou no porquê de nunca ter levado Andréia na casa dele, que era na favela. Mas ele sabia que ela não ligava. O pensamento fugiu. Eles sempreconversavam. Muito.

Falaram sobre a escola um dia. Júlio não ia, tinha saído com 13 quando foi trabalhar pro tráfico. Ele falou pra ela. Andréia nem ligou.

- Que merda!

Foi só o que ela disse. Falaram sobre o tráfico. Júlio era 'homem de confiança'. Ele sabia tudo. Ele pegava, entregava, recebia, pagava. Ele também cobrava. Isso era muito foda. Às vezes o cara tinha fumado, cheirado tudo e não tinha a grana. Júlio tinha que cobrar com uma "outra moeda". Ele ainda lembrava do primeiro...

Ele voltou sem a grana. Loló, o chefão, encheu ele de porrada.

- O cara não tinha, porra! - Ele tinha gritado

- Mas e a mercadoria?

- Usou! Sei lá! Não tinha nada!

Loló olhou ele nos olhos. De repente deu uma gargalhada. Júlio se encolheu. Loló segurou ele pelos ombros.

- Escuta filho, eu não obrigo ninguém a usar, tá ligado? - Júlio fez que sim. - Mas se usa, tem que pagar, né? - Júlio balançou a cabeça. - Se não tem a grana, a gente cobra com outra moeda! - Gargalhada. Todos gargalharam, menos Júlio.

- Q-q-que moeda?

Loló fez arminha com a mão, apontou bem no meio dos olhos de Júlio e "atirou". Júlio arregalou os olhos. Alguém colocou um "três oitão" na mão do Júlio.

A cena era de puro terror. Júlio tremendo. Suando. Loló rindo. Os outros olhando. Mas o Sabá, braço direito do chefe, tinha saído. Júlio não sabia o que dizer.

- Hoje você vai subir de cargo filho.

Júlio não entendeu. Tinha errado. Tomou uma surra e agora ia ser promovido?

O Sabá voltou. O garoto que não tinha a grana se debatendo na mão dele. Olhos arregalados. Suando e sangrando de uns cacetes do Sabá.

- Faz o serviço.

Loló olhou pra arma na mão do Júlio e indicou o garoto com a cabeça. O moleque era Avião. Devia ter uns 14, no máximo.

Júlio arregalou os olhos e quis sair dali. Ele balançou a cabeça negando, chorando. Sabá segurava o guri e Loló segurava Júlio pelo pescoço.

- É ele ou tu! - Loló empurrou Júlio e acendeu um cigarro.

Júlio olhou o garoto. Preto. Pobre. Favelado. Drogado. Amordaçado. Apavorado.

Júlio ergueu a arma. Tremia feito vara verde. Os olhos do menino arregalaram ainda mais.

A arma tremia. Júlio suava feito um porco. Silêncio total. Júlio olhou pro Loló. Ele tragou e soltou a fumaça com um risinho estranho.

Júlio apontou. Loló puxou a arma e encostou na testa do moleque que começou a chorar. Júlio fechou bem os olhos e apertou o gatilho sem pensar. Era o moleque ou ele. E ele não queria morrer.

O barulho foi muito mais alto do que Júlio esperava. O sangue do garoto espalhou pra todo lado. Respingou no Sabá, no Loló e nele. Ele ainda estava de olhos fechados. Ouviu o barulho do garoto caindo no chão depois que o Sabá largou ele feito um saco de batatas. Loló batia palmas e todos riam. Ele não conseguia respirar. Abriu os olhos e olhou pro chão. Os olhos do garoto, ainda arregalados, olhavam pra ele, mortos. Sangue, cérebro, osso. Tudo espalhado no chão.

Júlio largou a arma. Saiu correndo.

Chegou no barraco onde morava e foi pro tanque. Esfregou o sangue até quase arrancar a pele. Chorava alto, mas nem percebia. Ele tinha matado uma pessoa! Os olhos arregalados, mortos...

Depois, ele tinha cobrado outros assim. Loló não precisou mais falar. Júlio ficou respeitado no morro. Mas aqueles olhos, arregalados e mortos, ele nunca esqueceu.

Mas agora Júlio tinha saído. Muito amigo morto, preso, muita morte e olhos arregalados. Ele nunca usou. Nunca desobedeceu. Mas tinha cansado disso.

Um dia ele chamou o Loló.

- Tô saindo fora Loló. 6 anos já. Minha mãe já morreu na droga. Quero sair disso.

- Tá. — Foi a resposta.

-"TÁ"?! Só isso?!— Ele olhou desconfiado. Loló fez um gesto pra ele sair. Júlio saiu do "Buraco", o lugar onde o Loló ficava, que de buraco não tinha nada, respirou e voltou pra casa. Ele não olhou pra trás. Era domingo. Ele se trocou e foi à praia e conheceu a Andréia. Ele contou pra ela. Ela suspirou.

-É. Vamos, vamos passear...

Essa era a última lembrança dele. Agora estava escuro, ele não achava o celular e não sabia onde Andréia estava.

De repente ele sentiu um frio esquisito. Nas costas. Mas não tinha vento. Ele se benzeu e olhou em volta. Não tinha ninguém. Só o poste de luz. Tudo escuro. Só aquela luz branca, fria e fraca.

Júlio deu um passo. Sentiu o frio outra vez. Levou a mão nas costas e se assustou. Estava molhado. Ele puxou a mão e olhou. Estava escuro. Ele olhou o poste de luz. Foi andando até ficar bem embaixo da luz e olhou a mão. Era sangue! Mas de quem? Não era dele! Ele olhou pra baixo. Estava sangrando no peito. Júlio quis gritar, mas não saiu som nenhum. O que tinha acontecido?

Júlio caiu de joelhos. As duas mãos no peito. Não sentia dor. Só frio. Ele tentou respirar. Foi quando ouviu a voz da Andréia.

- Morto não respira, Júlio!

Júlio encontrou a voz. Fraca, sussurrada.

- Morto?

- Sim. Você tá morto!

- Como? Como posso tá morto? A gente se falou pelo telefoneee! Você...

Então Júlio entendeu. Ou achou que entendeu... Andréia também estava morta? Como? E quando?

- Loló te deu 3 tiros nas costas. Você morreu na hora. Tu nunca saiu.

- Claro que saí! Eu saí e fui pra praia! A gente se conheceu, tomou coca! E o telefone, porra!?

- Você saiu? Saiu do tráfico? Ninguém sai, Júlio. Tu sabe! O telefone? Ilusão, Júlio. Desse lado a gente tem uns poderes... coca geladaça, telefone. Você foi mesmo pra praia. E me viu. Há anos ninguém me via. Então eu soube na hora.

Júlio não sabia o que pensar. A garota só podia estar doida! Morto?! E ela?!

- Eu?! Morri num acidente de carro, há quase 40 anos!

Júlio quis gritar. Correr. Mas não conseguia. Ele entendeu que não tinha falado. Andréia tinha "lido" o pensamento dele! Seu sangue continuava escorrendo e ele caiu de joelhos. Como?

- Eu estava dirigindo um fusca branco novinho. Presente do meu pai. Primeiro carro. Fui numa festa com amigos. Bebi pra cacete. Enfiei o carro num poste na rua da praia. Nesse poste aqui. Matei uma menininha preta.

Júlio arregalou os olhos. Ele conhecia essa história. Muito antes dele nascer, a mãe dele estava fazendo a vida no calçadão. Ela era preta, pobre, favelada e puta. Uma história comum. A mãe alcoólica, o pai bandido. A menina puta. Mas a mãe dele levava a irmã pequena e deixava a menina sentada no meio fio. Era 1986. A menina tinha 4 anos. A mãe do Júlio tinha 14. A mãe dele contava que o carro apareceu do nada e Lúcia, a irmã da mãe dele, não conseguiu sair do lugar, nem viu. A motorista, branca, rica, também morreu na hora. A mãe de Júlio nunca se recuperou. Se sentiu culpada e entrou nas drogas. Puta e drogada. Fez vários abortos pelo caminho. Mas Júlio vingou. Ela tentou tirar, mas ele ficou, teimoso. Nasceu quando ela tinha mais de 30. Ela tentou ficar limpa, criar ele. Mas no fim, voltou pra droga, pra vida. Ele se criou sozinho. Ia na escola quando queria. Ela? Bom, ela morreu de overdose quando Júlio tinha 13. Ele ficou sozinho no mundo. E foi pro tráfico. Era uma história comum.

- É. Fui eu.

Júlio caiu deitado no chão, numa poça do seu sangue.

- Foi assim que você morreu, Júlio. Mas também já faz tempo. Agora você acordou do sono da morte. E já sabe. Pode sair daí.

Júlio fechou os olhos. Então lembrou. O barulho dos tiros foi ensurdecedor. Ele tremeu e caiu de joelhos. Desabou numa poça do próprio sangue. Mas quando? Não fazia ideia de quanto tempo tinha ficado morto. Ficado morto? Como podia estar vivo?

Agora ele sentou. Não tinha mais sangue. Estava de bermuda, chinelo e camiseta. Pobre, preto e favelado até depois de morto... Que merda!

- Por que eu te vejo?

- Porque eu fiquei lá, até você chegar.

- Tava me esperando?

Andréia deu de ombros.

- Eu acho que no fim, eu tava.

- Por quê?

- Porque muita gente morre bem ali. Eu que faço isso... e você... você tem o sangue dela. Da menina que eu matei.

Júlio viu o lugar. Estava cheio de gente passando. Mas ninguém via os dois ali conversando.

- Eu morri ali?

Andréia balançou a cabeça.

- Era noite e não dia. O Loló te seguiu. Quando você parou bem embaixo do poste pra acender o cigarro... - ela fez uma mimica de 3 tiros - Ali é meu lugar maldito... meu castigo por ter matado a criança. Levo muita gente só de raiva! Mas eu não te levei. Você que veio. Veio pra mim.

- Você assombra ali?

- Sim. Amaldiçoo. Quem liga se a garota morreu!? Eu fiquei presa. Cumpro pena. No começo, só ficava ali. Até que eu entendi que eu era do lado escuro. Eu puxei um motorista bêbado, sei lá como! Quando vi, ele tava enfiado no poste, morto, que nem eu. Mas não matou ninguém.

- E eu?

- Você?! Vai ficar preso aqui... você ferrou a vida de muita gente... é maldito como eu! Vendeu a morte, matou, destruiu. É um maldito do lado escuro. Eu só era *porralouca*. Tu sempre foi ruim.

Júlio queria gritar, mas ninguém ia ouvir. Ele gritou assim mesmo, um lamento alto e longo. Ele gritou muito. Até a verdade tomar conta dele. E o ódio. O ódio que ele sentia quando tava vivo. Ódio. Ele odiava todo mundo. Queria que aqueles riquinhos nojentos, que compravam a droga dele, queria que morressem espumando de overdose. Ele tinha ódio da mãe, da tia morta. Depois que matou o guri, achou bom matar gente. Era a droga dele. Matar acalmava o ódio. Agora ele tava morto. Mas ainda tinha ódio. Olhou em volta...

Um rapaz que passava com a namorada bem na frente dele sentiu um arrepio.

- O que foi Felipe? - a namorada perguntou.

- Sei lá! Senti uma coisa ruim... vamos mais rápido? Esse lugar é estranho. Vamos logo pegar as bebidas.

Júlio olhou e viu uma barraca de madeira e o moço que tinha vendido as cocas. Ele olhou novamente e viu um trailer novo, moderno, cheio de gente. Andréia riu.

- A barraca era nos anos 80. O Carlão é outro morto... agora é esse... negócio aí.

Júlio ainda estava atordoado. Olhou pra namorada do cara que estava agoniado pra sair dali.

A garota parou. Bem no poste. Rindo. Debochando.

- Dizem que essa esquina é assombrada!

A moça riu do namorado. Júlio passou a mão nas costas dela, rindo. A garota gritou! Foi Júlio quem riu. O Júlio morto.

-Que foi? - Quis saber o Felipe.

- Um arrepio. Parecia a morte. Bora daqui, Felipe! - a garota abraçou o próprio corpo e foi na frente.

- Aninha! - O rapaz gritou segurando o braço dela...

A menina virou. Viu o carro, mas não deu tempo... o namorado a puxou pelo braço, mas já era tarde. O braço dela ficou na mão dele. O braço dela! O carro esmagou a garota no poste. Ela viu Júlio de olhos arregalados, cheios de ódio, logo antes de morrer. O namorado gritava desorientado com o braço da namorada ainda na mão dele. Ele ficou todo respingando de sangue. Ele correu e tentou "colar" o braço na garota esmagada. Júlio achou graça. O garoto estava em choque, berrando.

Andréia deu um tapinha nas costas de Júlio.

- Viu o que eu disse, cara? Você é maldito! Muito pior que eu. Eu levei um tempão pra matar alguém assim.

Andréia riu. Júlio ainda estava olhando o rapaz gritar com o braço da namorada na mão. Andréia suspirou.

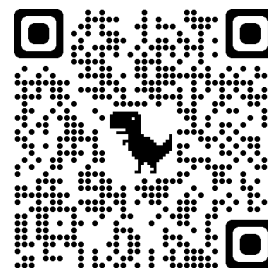
- Quer tomar uma coca?

Então, Júlio foi com ela. O ódio abrandou. Igual quando ele atirava em alguém. Eles nem ouviram as sirenes ou viram os *rotolights*. Nem viram os bombeiros tirando o braço da garota das mãos do rapaz em estado de choque. E Júlio nem quis mais saber como a coca podia estar tão gelada, tão gostosa.

- Duas cocas... beeemm gelaaadaaass!

Verme

Dry Neres



Administrou a distância entre o cigarro e os lábios. Folheou o jornal em busca de ação. Encontrou. Adaptou a velocidade entre o cigarro e o chão. Escolheu a carcaça que vestiria para aquela data. Rasgou um pedaço de uma página policial que continha o endereço do primeiro rato e amassou entre o bolso da calça. Prazer! Srta. K!

Acelerou o velocímetro da sua Kansas 250cc. Arrastou poeira pela estrada. Pilotou como se voasse. Voava como quem queria liberdade. Retornou. Havia esquecido na mureta o seu smartphone que ainda tocava Creep do Radiohead. Esticou os fones no capacete e seguiu. Religiosamente. Quase que de forma invisível. Quase que como ela mesma.

Estava frio. Os dentes cerrados não silenciavam. Conectada, calma, personificada, sádica. Srta. K, apenas. Acendeu outro cigarro e antes que pudesse tragá-lo, a pick up branca se movimentou mais uma vez. Mais algumas cilindradas em nitrogênio na ponta da alma e...

- *Oi! Você pode me ajudar? Acho que minha moto teve uma pane elétrica.*
- *Oi! Claro que sim! Não diria algo negativo para qualquer coisa que você pedisse. É seu dia de sorte, sou mecânico!*
- *Nossa! Quanta sorte! E que frio! Se importaria se...*
- *Toma meu casaco!*
- *Você acha que consegue arrumar?*
- *É apenas um fio acredita?*
- *Ah, vou ficar te devendo essa...*
- *O que acha de...*
- *Tomar uma xícara de chocolate quente? Eu moro logo ali...*

Administrou a distância entre o cigarro e os lábios. Folheou o jornal em busca de ação. Encontrou. Adaptou a velocidade entre o cigarro e o chão. Escolheu a carcaça que vestiria para aquela data. Rasgou um pedaço daquela página policial e amassou entre o bolso da calça. Prazer! Srta. L!

Acelerou o velocímetro da sua Kansas 250cc. Arrastou poeira pela estrada. Pilotou como se voasse. Voava como quem queria liberdade. Retornou. Havia esquecido na mureta o seu smartfone que ainda tocava Creep do Radiohead. Esticou os fones no capacete e seguiu. Religiosamente. Quase que de forma invisível. Quase que como ela mesma.

Estava frio. Os dentes cerrados não silenciavam. Conectada, calma, personificada, sádica. Srta. L, apenas. Acendeu outro cigarro e antes que pudesse tragá-lo, o Ford preto parou na estação de trem.

- Fiu Fiu! Tá precisando de ajuda para amarrar os cadarços?

- Acho que não!

- Ah, mas eu vou ajudar mesmo assim...

- Não faz isso! Vai ser melhor para você...

- Ah! Não se faz de difícil!

- Já que você insiste. Eu tô querendo fugir do frio, mas a gasolina da minha moto acabou. Você pode me dar uma carona?

- É pra já!

Administrou a distância entre o cigarro e os lábios. Folheou o jornal em busca de ação. Encontrou. Adaptou a velocidade entre o cigarro e o chão. Escolheu a carcaça que vestiria para aquela data. Rasgou um pedaço daquela página policial e amassou entre o bolso da calça. Prazer! Srta. D!

Acelerou o velocímetro da sua Kansas 250cc. Arrastou poeira pela estrada. Pilotou como se voasse. Voava como quem queria liberdade. Retornou. Havia esquecido na mureta o seu smartphone que ainda tocava Creep do Radiohead. Esticou os fones no capacete e seguiu. Religiosamente. Quase que de forma invisível. Quase que como ela mesma.

Estava quente. Era verão. Conectada, calma, personificada, sádica. Srta. D, apenas. Acendeu outro cigarro e antes que pudesse tragá-lo resolveu acelerar mais um pouco e subir as montanhas. Entre uma curva e outra, o cansaço. Entre uma marcha e outra, a necessidade de se libertar de Skinner e sua caixa que aprisionava mais a ela mesma que os ratos.

Quando parou e o vento bateu em seu rosto, sentiu a necessidade de desamassar alguns guardanapos que carregava no bolso e escrever sobre o início de tudo. O registro seria imprescindível.

Dezembro de 2003. Um acidente automobilístico. Muitas sirenes. Vários médicos. Massagem cardíaca. Ambulância. Luzes. Gritos. Apagão.

Dormiu por algum tempo. Não tão profundamente quanto quisera. Não tão descansadamente quanto merecia. Não tão dignamente quanto precisara. Por algum tempo, parecia uma espécie de alucinógeno. Não sabia se viva ou morta estava. Não supunha suportar algo tão vil.

Quanto tempo se passara, não sabia. Sentia o seu corpo sendo tocado, violado, metido. Sentia sua alma roubada, esfaqueada. Quanto tempo se passara, não sabia. Entre estar dormindo e acordada existia uma linha tênue entre a dor e a esperança. Não sabia exatamente onde se encontrava. Sentia os seios sendo lambidos e as suas mãos tocando partes outras que preferiu esquecer no estado de coma. Seria uma alucinação? Tão improvável de acontecer que aconteceu.

Agosto de 2006. Os olhos se forçaram a abrir. A respiração se alterou. Um súbito de vida em morte ou vice-versa. As mãos tatearam o lençol e repousaram. Uma enfermeira estava ali. Seu jaleco branquíssimo que reluzia sob a sala branca com luzes brancas e as insígnias do Hospital P. Um misto de alívio ou sentença. Não sabia exatamente. Um súbito de realidade em ficção ou vice-versa. A confirmação se daria em poucos segundos. Eles, os três abusadores, sabendo da notícia, correram para o quarto quase que em desespero. Tentaram sedá-la novamente. Tentaram..., mas os olhos não tornaram a fechar. Não restavam dúvidas. Foi real! Em estado de choque e euforia preferiu não deixar transparecer. Fingiu. Foi forte. Fingiu. Matou um pouco de si mais algumas vezes. Fingiu. Foi forte. Fingiu. Sobreviveu.

Após recuperada, mudou drasticamente sua aparência. Buscou os nomes dos caras, seus hobbies, suas casas. Na verdade, nunca se recuperou. Estava cada vez mais adoentada. Mas, a ponta de vida que existia retomou os estudos dos tempos da faculdade de Psicologia. Ah, Skinner! Uma caixa, uma alavanca, um fornecedor de alimento e... um rato! Quando o professor Gennady falava sobre essa experiência, ela só conseguia enxergar como algo cruel, sádico. Um ambiente hostil, uma câmara fechada sem água, comida. Choques, condicionamento. Não! Tinha dificuldade, inclusive, de participar dos experimentos. Hoje, vê Skinner como um fraco. Poderia ter ido além. Mais, mais, mais! Para ele, o ambiente produz consequências sobre as

peessoas. É um mecanismo de aprendizagem, novo comportamento, um processo modelador de ratos (ou gente)? O professor Gennady ficaria orgulhoso! A sua aluna menos aplicada em estudos Behavioristas e que os achava radicais, hoje, aqui, aperfeiçoando a técnica, condicionando humanos...

Voltemos à Srta. K.

Srta. K poderia aqui dizer mais sobre si. Seu tipo físico, modo de andar, comida predileta. O foco não é ela. O foco é você, leitor!

Ao adentrar a casa-caixa, o rato não pôde mais se mover. Acabou se dispersando e ingerindo alguns líquidos de procedência duvidosa. Ao adentrar a casa-caixa, o rato se sentiu tentado a se alimentar. Ao adentrar a casa-caixa, ele pensou ser muito especial, mas não passa de um verme. Não se alimentou. Ficou dias e mais dias agonizando. Quando acionou a alavanca, ingeriu alimento, água, então se animou, mas no segundo acionamento, ingeriu veneno. O veneno corroeu os olhos, as mãos, a boca. Ao adentrar a casa-caixa, o rato deixou de existir na materialidade, mas não se apagou das lembranças da Srta. K, que trocou de veste, limpou a Kansas 250cc e liberou poesia-dor-poeira no asfalto. Não teve dificuldades para matá-lo.

Voltemos à Srta. L.

Com ele, ela foi mais sádica. Ele estava com pressa para se alimentar, afinal. Com ele, ela foi mais ela do que queria. Ao adentrar a casa-caixa, o rato não pôde mais se mover. Acabou se dispersando e ingerindo alguns líquidos de procedência duvidosa. Ao adentrar a casa-caixa, ela permitiu que ele a tocasse pela última vez. Ele então passou as mãos em seus seios. Ela então cortou-as. Ele então gritou, utilizando seu aparelho fonador. Ele recebeu ondas eletromagnéticas, mais conhecidas como choque. Ela tomou um gole de vinho. Ela cortou-o. Ele sangrou. Ela sorriu. Ele implorou. Ela sorriu. Ao acionar a alavanca, ele ingeriu veneno. Ela sorriu. Quando estava prestes a morrer. Deu-lhe uma injeção de vida. Um sopro. Água pura. Um antídoto. E, no dia seguinte, repetiu o condicionamento da alavanca que não precisou mais ser acionada. O rato estava morto. Silêncio. Não teve

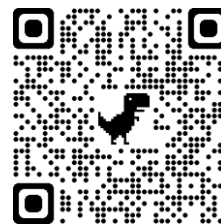
dificuldades para matá-lo, exceto na limpeza do ambiente que ficou encharcado de sangue. As mãos dela ficaram encharcadas de sangue. Provou um pouco. Tinha um paladar peculiar.

Voltemos à Srta. D.

Eles não foram os primeiros, nem serão os últimos. Após subir as montanhas, a *Srta. “Tanto faz”* tinha duas opções: esquecer ou seguir. Ela seguiu. Com eles e com outros. Com vários e com muitos. Até que deixe de existir. Até que deixe de ser uma *Srta. - Killer -*. Assim, como Machado, ela dedica aos vermes que corroeram as suas vísceras e a deixaram no caos. Sem alarmes e sem surpresas.

FIM

Espera um pouco...



- *Ei, tá me ouvindo? Eu amo ouvir Radiohead. Eu adoro essa música, eu matei, matei mesmo! E quer saber? Gostei! O dia tá tão lindo hoje! Mas eu tô, tô feia... Olha, os caras não fizeram nada! (risos) Eu zoei com sua cara! Matei porque quis! Sinto prazer nisso! Nem os conhecia... Eu os atraí e matei porque essa coisa de dor pela morte, empatia pela angústia, sentimentos de vazio não me pertencem. Eu não sinto. Eu nem sei o que é. Escuto as pessoas falando sobre, mas... Leitor desgraçado, eu menti pra você! Aqui nesse quarto, as paredes se fecham e abrem sob meus olhos. Ainda vejo a mesma enfermeira com as insígnias no peito desse Hospital (P) psiquiátrico asqueroso e o seu jaleco branco que reluzia no quarto branco sob a luz opaca e fraca. Ah, eu matei mesmo! Matei porque algo em mim já havia morrido. Matei porque isso não me comove e a morte é um espetáculo. Sinto alívio, prazer, gozo. A morte é um espetáculo e eu sou apenas uma escritora. Tô aqui internada porque não soube conter esse tesão em matar. Eles não foram os únicos... (risos) Lembro-me de você chorando naquele velório, enquanto eu passava as mãos pela sua face e te consolava. Eu matei o seu pai, seu irmão também... (risos) eu estou morta. Estou escrevendo aqui do outro lado do véu. A vida foi algo que durou pouco pra mim. Morri aos 23. Você que folheou essas páginas, não tem mais escolha, ao terminar a última linha, estará fadado ao meu fracasso. Será o próximo autor... Te espero, não demora!*

Assinado: Srta. Serhiy Tkach

O conto "A Travessia" do então acadêmico da AVL Michel Duarte foi removido desta versão digital do livro para adequação da classificação indicativa.

Árvore Maldita

Jhean Lima



Nirvana contava nos dedos os dias de voltar ao sertão e poder ouvir histórias como as de antigamente sobre assombração, aparições do além, fatos sobrenaturais, sortilégios macabros, maldições, lendas malditas. Isso a remetia aos tempos de criança quando se sentava na calçada da igreja, até tarde da noite, com os amigos, para contarem os causos medonhos que atravessavam o tempo no lugarejo onde viveu até pouco depois da adolescência. E, para se conectar outra vez com essas lembranças, Nirvana mantinha a tradição da reunião com os mesmos amigos para relembrem as histórias e ouvir novos folclores, quem sabe, mais assustadores.

Ela era mesmo fascinada por contos de terror. Havia também, no pequeno povoado, uma senhora chamada Dona Zilá que morava bem ao lado da casa antiga dos pais de Nirvana. Embora Dona Zilá fosse uma mulher muito misteriosa e meio sombria (talvez pelo fato de carregar, no significado do próprio nome, a definição de sombra, em hebraico), Nirvana adorava passar as tardes ouvindo as histórias fantasiosas da Senhora das Sombras, como denominava a menina curiosa, ao pesquisar o significado do nome Zilá. Mas, esse codinome jamais podia ser dito diretamente para Dona Zilá, pois Nirvana não queria ser vítima de uma maldição macabra, lançada por ela. Assim, pensava e temia, quando criança...

No entanto, além das histórias que não passavam de pura fantasia, contadas por Dona Zilá, que até eram motivo de risos, depois dos sobressaltos, para a criançada que ouvia e contava histórias de mistério e terror, havia uma história que nunca foi esquecida por Nirvana. Bem no meio do povoado, existia uma árvore antiga, de mais de cem anos, que enfeitava a praça central pela imponência dos mais de seis metros de altura. Era um umbuzeiro. Conta-se que essa árvore de frutos doces e saborosos é símbolo de resistência por sobreviver à seca do sertão e, portanto, é considerada sagrada pelos povos antigos. “As raízes do umbuzeiro são

importantes para essa resistência, pois possuem batatas que servem de reservatório de água e ajudam a árvore a se manter viva nos tempos mais extremos de escassez de chuva e mata a sede dos viajantes”. Nirvana gostava de pesquisar sobre as coisas que lhe chamavam a atenção.

O fato é que esse umbuzeiro carregava uma maldição e não tinha nada de sagrado. Vários relatos acerca dessa Árvore Maldita assombravam a localidade por anos. Havia aqueles que duvidavam desse mistério que envolvia o umbuzeiro e pensavam ser coincidência os fatos que ocorriam em torno da árvore, mas outros acreditavam na maldição e nunca sequer se aproximavam dela. E ninguém jamais ousou cortar o pé de umbu.

Dizem que a maldição começou quando uma moça que já não acreditava mais no amor foi cortejada por um caixeiro-viajante, por quem ela logo se engraçou, e começaram a namorar e fazer planos. A família da moça que acabara de completar 40 anos e era a mais velha das outras cinco irmãs (todas casadas, mas somente Laurinda tinha filho), de início, foi contra o namoro por causa da profissão do rapaz que não garantiria uma estabilidade familiar, pois a profissão o levaria, por dias, para longe de casa e, nessas viagens, tudo poderia acontecer. A idade do moço também não agradava a família, ele completara 31 anos. E, por último, o fato de Rosângela ser moça-velha (assim se dizia para as mulheres que não haviam se casado no “tempo certo da mocidade”), não trazia o consentimento da família para o casório. Os pais de Rosângela diziam que ela não merecia um casamento, porque nem filhos poderia gerar naquela idade.

Mas, Ronaldo demonstrara muito respeito e boas intenções para com a sua pretendida. Queria desposá-la e, para tanto, conseguiu convencer os familiares de Rosângela de que usaria as economias de anos de trabalho para comprar um terreno e construir uma casa. Viveriam da lavoura. Assim, os pais, vendo verdade nas atitudes de Ronaldo, consentiram o namoro e começaram os preparativos para o casamento.

A mãe de Rosângela costurou um lindo vestido branco e preparou um gracioso arranjo de flores naturais para usar como coroa sobre o véu, planejaram

matar um boi para a festança e algumas galinhas caipiras para preparar o famoso arroz de festa com farofa de cuscuz. A festa seria uma fartura!

Acontece que, no dia do casamento, não se via mais o noivo em lugar nenhum do povoado. Nem sinal dele pelos quatro cantos que se procurasse. Depois de muito tempo de desespero e procura pelo rapaz, Rosângela achou uma carta sobre a penteadeira do quarto que dizia, em poucas palavras, que Ronaldo preferiu voltar para a vida de caixeiro-viajante, porque, assim, sentia-se livre para conhecer lugares diferentes sem o compromisso de ter que voltar sempre para o mesmo lugar e que não suportaria viver preso a uma vida rural sem expectativas de algo, financeiramente, promissor. No final da carta, um simples e seco “Adeus!”.

Rosângela, debulhando-se em lágrimas, incontrolavelmente, correu para debaixo do umbuzeiro e lá ficou a chorar por horas a fio. Ao anoitecer, preocupados, amigos e familiares foram até ela para tentar consolá-la, mas todas as tentativas foram em vão. Rosângela sentia uma dor imensa no peito e uma tristeza sem fim na alma. Passou a noite inteira chorando e o dia seguinte, até o anoitecer. Conseguiu levantar-se e ir para casa, mas logo pela manhã, bem cedo, o ritual de choro, sob o pé de umbu, recomeçou e assim se fez por dias e dias sem que Rosângela se alimentasse direito, tomasse banho e conversasse com as pessoas. Ninguém conseguia tirá-la de lá.

As pessoas do povoado e os familiares de Rosângela pensaram que ela, cedo ou tarde, superaria o fato do abandono. “Logo, ela se conformará e voltará à vida normal, diziam”. Mas, numa trágica manhã, a moça foi encontrada enforcada, pendurada no galho mais alto do umbuzeiro. O rosto que já estava cadavérico pela situação em que se encontrava tinha a expressão de uma tristeza infinita, o corpo já estava endurecido. A tragédia estava feita. A maldição, então, começara.

Os pais de Rosângela e as irmãs se sentiram profundamente culpados por não terem insistido nos cuidados e nos esforços para recuperá-la, entenderam que subestimaram a dor e o sofrimento dela. Assim, tomados por esse sentimento de culpa, em um ritual sangrento, em uma noite de lua cheia do sertão, cortaram os pulsos com uma lâmina compartilhada e desfaleceram quase que simultaneamente embaixo do umbuzeiro até a última gota de sangue, até o último sopro de vida.

As pessoas do lugarejo ficaram em choque com aquela desgraça. A capela local realizou novenas e vigílias para rezar por aquelas almas. Pessoas dos arredores, compadecidas, vinham, rezavam e deixavam terços pendurados nos galhos. Mas, aos poucos, as pessoas foram se afastando por causa das coisas estranhas que começaram a surgir. Arrepios e devaneios em meio às novenas, pessoas surtadas de medo saíam gritando de pavor quando o nome dos mortos era mencionado sob a sombra da árvore.

Os moradores mais antigos do local se reuniram para derrubar de vez a árvore, em consentimento de toda a população do povoado. Mas, no dia de realização da tarefa assustadora, os dois homens encarregados do serviço, com as foices levantadas para o golpe, golpearam-se sem que houvesse nenhum tipo de desentendimento entre eles. O sangue jorrou por todos os lados e as pessoas que estavam presentes desmaiaram com o pavor daquela cena trágica.

Depois desse fato, ninguém mais ousou cortar a árvore e anos se passaram com muitas outras tragédias, envolvendo o umbuzeiro. Acontecimentos macabros e bizarros alimentaram os anos com a ideia de praga que se projetava naquela Árvore Maldita. Um jovem abusado pelo próprio pai se esfaqueou embaixo da árvore, após ter sido ignorado pelas tias, ao contar o fato e pedir ajuda (A mãe já havia falecido de desgosto pelo que presenciava). Uma linda jovem, também abandonada pelo noivo, quis seguir a história de Rosângela, mas, impedida pela família de passar dias e noites sob a sombra maldita do umbuzeiro, em um momento de descuido dos pais; pegou uma arma e atirou na própria cabeça. Um senhor de 80 anos, vivendo há anos, corroído pela solidão, após a morte da esposa, em decorrência de um câncer de mama, à noite; tomou todos os comprimidos que tinha na casa e deitou-se, encostado no tronco da árvore, e esperou a morte pacientemente.

A história do umbuzeiro foi contada para Nirvana por Dona Zilá e sempre que Nirvana voltava à terra natal, pedia que Dona Zilá lhe contasse novamente todos os casos que se relacionavam com a morte trágica de Rosângela e família. Embora a velha senhora tentasse dar um tom de fantasia àquela história macabra, sempre lhe escapava um tremor na voz ao falar da noiva sorumbática e

abandonada. Vez ou outra, em meio à contação das histórias, Dona Zilá olhava para o umbuzeiro que ficava quase em frente à janela da sala e estremecia com os olhos marejando. Nirvana sentia que algo muito forte havia entre todas aquelas histórias e Dona Zilá.

Depois da morte de Dona Zilá, coincidentemente, Nirvana passou anos sem retornar ao local que cresceu e viveu metade da adolescência. A vida começou a ficar muito agitada por ter que conciliar trabalho, faculdade de Jornalismo e namoro com Cíntia. Mas nunca se esqueceu de reviver aquelas memórias, ainda que distante, em lembranças, nas noites em que já estava exausta pelas demandas do dia, até cair em um sono profundo. Algo sempre a chamava para as lembranças das narrativas de horror.

Tempos se passaram e, formada, Nirvana decidiu escrever uma matéria sobre a história obscura da noiva abandonada. Decidiu, contra a vontade de Cíntia, ir ao local de suas origens para realizar uma pesquisa de campo e entrevistas com os moradores de lá e seus conterrâneos. Soube, então, que a casa de Dona Zilá estava para ser alugada. Era uma casa muito boa e, como Nirvana era amiga da família, os filhos da Senhora das Sombras permitiram que Nirvana ficasse por lá o tempo que precisasse, por um valor abaixo do que estavam anunciando para o aluguel. Nirvana chegou até a casa e encontrou tudo quase igual ao tempo em que Dona Zilá vivia lá.

Nos primeiros dias de conversa com os moradores, percebeu que o medo da maldição da árvore ainda aceirava todo o vilarejo. “Deus me livre daquela árvore. Não chego nem perto!”, “Cortar? Ninguém se atreve!”, “Há uma maldição ali. Rosângela e a família estão lá, atraindo todas as energias negativas e tentando fazer uma nova vítima.”... Muitos eram os relatos, cheios de medos e desconfianças. Mesmo tendo se passado muitos anos em que nada mais acontecia, as pessoas viviam aterrorizadas e jamais chegavam perto do pé de umbu.

Mas, Nirvana não acreditava completamente na história, sabia que coisas estranhas aconteceram em torno da árvore, mas tinha dúvidas quanto à veracidade da lenda sinistra da noiva abandonada. Durante muitos dias, ela conversou com os moradores mais antigos de lá, fez anotações e gravações. Ficava fascinada com o

que ouvia, mas duvidava e até se desfazia das outras histórias que ouvia que nem Dona Zilá havia contado. Muitas vezes, achou engraçado o jeito como as pessoas demonstravam pavor e rejeição ao umbuzeiro. Era uma superstição absurda para ser admitida em pleno século XXI.

Mas, uma coisa Nirvana nunca tinha feito: aproximar-se da árvore, contemplá-la de perto e até saborear os frutos. Pois assim o fez! Foi até lá sob o olhar de medo das pessoas ao redor. Chegou à sombra daquela copa majestosa e apreciou, observou. “Rosângela, será que você existe mesmo?”. Questionou, afrontou, desacreditou... De repente, uma rajada de um vento gelado, em uma tarde de 37º, levantou aquela terra fina, acompanhado de folhas secas. Nirvana arqueou as sobancelhas e se incomodou com o vento, achou estranho, mas continuou a se desfazer da história de Rosângela. Foi para casa de Dona Zilá, ao anoitecer.

Naquela noite, mais eventos de terror ocorreram. Portas e janelas bateram sem que houvesse vento nenhum. A noite estava quente e sufocante. Nirvana não conseguia dormir. Lá pelas tantas da madrugada, pingando de sono, começou a ouvir ruídos estranhos, como vozes pronunciando palavras em uma linguagem que ela não conseguia entender. Quis pensar que tudo não passava de imaginação, delírio pelo calor que estava fazendo. Levantou, tomou um banho frio, deitou novamente e adormeceu, segurando o terço que estava na cabeceira da cama de Dona Zilá.

Ao amanhecer, acordou meio atordoada, sem saber direito o que tinha acontecido naquela noite. Parecia ter vivido momentos ameaçadores de terror, mas não tinha plena consciência dos fatos. Parecia ter ficado em transe, em um pesadelo que não a deixava acordar. Meio cambaleando, tomou outro banho, vestiu uma roupa limpa e fez um café. Deu algumas voltas pela casa, procurando indícios dos fatos ocorridos na noite. Acabou achando uma caixa de madeira com um cadeado, numa velha estante. Ficou curiosa, quebrou o cadeado e abriu a caixa.

Dentro dela havia uns papéis velhos, documentos antigos e um caderno com alguns escritos. A letra não era muito legível e o amarelado das páginas dificultava ainda mais a leitura. Mesmo assim, Nirvana percebeu que se tratava das histórias da Árvore Maldita. Quase na última página tinha uma fotografia de uma

moça aparentando uns 38 ou 40 anos. Nirvana virou a foto e leu a dedicatória que dizia: “À minha querida irmã Laurinda. Uma lembrança para representar o meu amor por você!”.

Nirvana ficou cismada com aquela foto, e o nome Laurinda não lhe soava estranho, naquele contexto. Continuou olhando os papéis da caixa e, por meio de certidões de nascimento antigas e da lembrança do que Dona Zilá contava, chegou à informação de que Rosângela foi irmã de Laurinda que era tataravó de Dona Zilá. Ou seja, ela existiu de fato e possivelmente as histórias contadas são verdadeiras.

Na última página do caderno, Dona Zilá registrou uma espécie de esconjuração macabra, uma praga lançada por Rosângela, antes de morrer. Ela disse que aquele que duvidasse da sua existência ou da dor que ela tinha sentido viveria também uma perda que lhe causaria a mesma dor de abandono. Ao ler as últimas palavras do caderno, Nirvana recebeu uma mensagem de WhatsApp. Era Cíntia. De todo o texto escrito, Nirvana fixou o olhar na palavra “Adeus!”.

Ela saiu da casa enlouquecida e correu para a Árvore Maldita, não havia percebido que já era noite, uma noite escura de lua minguante que parecia esboçar um sorriso maligno. Na rua, o que se ouvia apenas era um crocitar agourento e sinistro de uma rasga-mortalha. Ao chegar ao tronco da árvore, Nirvana gritava, invocando o demônio daquela maldição e chamava por Rosângela. “Apareça, sua maldita!”, “É assim que você se vinga daqueles que duvidam da sua existência?”, “Você de alguma forma tira a esperança de um amor verdadeiro?”, “Vamos, apareça!”.

De repente, um grito de horror... As criaturas da noite do sertão faziam barulhos ensurdecedores... Depois, silêncio total.

Nirvana não fugiu do significado de morte que carregava no nome e da maldição que a rondou a vida toda. Foi encontrada morta, com expressão de terror. Olhos arregalados, dando a entender que viveu momentos de horror, antes da morte.

De maneira surpreendente, Cíntia chega ao local do ocorrido e fica em choque. Ela havia escrito a mensagem pouco depois de decidir que iria ao encontro

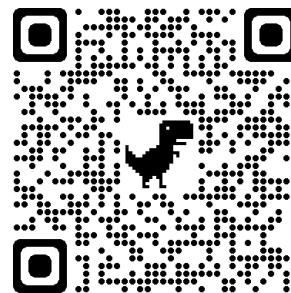
de Nirvana, faria uma surpresa... A mensagem de adeus era uma brincadeira que logo foi desfeita na mensagem seguinte que dizia: "Estou indo ao seu encontro. Te amo! (e uma indicação de música que ela gostava: Come as you are, da banda Nirvana).

Mas, Nirvana não chegou a ler a segunda mensagem.

FIM

A Bruxa Bem Mal Amada

Sissa Santos



Trata-se de um conto de terror, sim, “por suposto”, claro e evidente, mas um que nada tem a ver com fenômenos sobrenaturais ou qualquer coisa desta natureza, na verdade é justamente o contrário.

Aqui temos uma história que trata de física e de coisas da matéria, coisas tão naturais e triviais, que qualquer misticismo que se coloque sobre elas seria negar as evidências — ainda aquelas que um tanto quanto “escondidas”—. Aqui estamos falando de uma ciência exata, a física quântica!

Ela tinha por volta de três anos quando se apaixonou pela primeira vez. Ora, é claro que crianças de três anos se apaixonam o tempo todo, às vezes várias vezes ao dia. Tipo de amor dos mais raros, nada a ver com essa coisa toda dos adultos de se fazer alianças, casas, filhos, até porque, quando se tem três anos de idade, sua vida ainda é bastante marcada por ser, no caso, a prole de alguém. Então amar alguém além daquela pessoa macia chamada mãe, e daquela figura peluda com nome de pai, e ainda além das ruguinhas do vô e da vó, é por si só, um dos primeiros atos de emancipação do sentir.

Os amores infantis são cheios de uma magia muito única e inocente, é classe de amor devoto, de vontade de dividir o lanche, montar juntos os legos no recreio, sujar a pontinha dos dedos de tinta e carinhosamente carimbar o nariz do ser amado. Mordidas, beliscões e puxões de cabelo também são bem comuns nesta época. Tudo por amor é óbvio.

Mas não se engane, doce que seja, este ainda é um conto de terror. Foi no desabrochar desse primeiro amor juvenil que ela sentenciou seu destino. Na primeira mudança de escola, o primeiro coração partido, e a memória boa que só a dela, fez lembrar o sorriso meio banguela do Luiz Fernando e um dia, numa de suas brincadeiras pelo quintal fez, sem consciência, um voto de amor eterno.

De nenhum mal teria sido isso, o problema é que ela o disse num dia em que uma estrela, numa galáxia não tão distante acabava de explodir. Algumas explosões destroem mundos inteiros, outras, fazem surgir outros, como foi o caso do planeta Terra. A energia concentrada no romper de uma atmosfera carregada é tão forte que influencia os corpos que orbitam ao redor. A via láctea estremeceu, em silêncio; o sistema solar todo se abateu, calado; o sol se apagou por uma fração de segundo e ninguém viu, um anjo torto disse amém, a goteira do telhado caiu na cabeça da menina, e a jura de amor foi eternizada.

Vocês poderiam presumir que então o quântico daquele feito seria menina e menino crescidos e casados, com filhos e cachorros e samambaias na varanda. Mas o que foi lançado ao universo não foi a concretização do amor, foi apenas o amar. A menina cresceu, estudou, mudou, aprendeu, errou, esqueceu em pouquíssimo tempo a queda pelo coleguinha, se apaixonou uma, duas, três vezes, mas nunca foi feliz nesse tema.

A parte que ainda não contei, e que infere, é que poucos anos luz depois, um dos destroços da explosão foi parar num buraco negro, e nesse tipo de abismo tudo vira ao avesso. O universo entendeu:

Vou amar para sempre aos pedaços, sempre um amor inventado, sempre um incompleto, para sempre um solitário.

Toda carícia que chegou até seu corpo custou caro, nunca um afeto simples, jamais um simples afago. Era perenemente o não sentir ou o sentir demasiado, reciprocidade nenhuma lhe alcançou, a solidão foi seu legado.

Tentou de tudo, búzios, tarô, promessa pra santo, amarração, constelação familiar, tinder, balada, coach de relacionamento, terapia e celibato.

Mas nada, nunca nada, e nunca nada também. Sempre um pouco, sempre um pedaço, alguma coisa, mas não alguém. Nem livre, nem presa, descomprometida, mas não ilesa. Aprendeu a amar a si mesma, mas a solidão às vezes foi sim um bicho de sete cabeças.

Aos 22 anos conheceu um rapaz na fila do ensaio da orquestra sinfônica, se apaixonou à primeira vista, conseguiu contato, deu match, rolou química, pensou

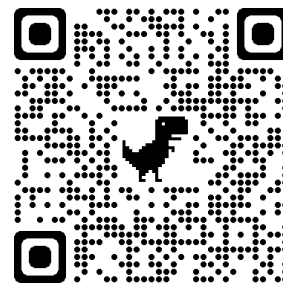
que finalmente tinha rolado. O rapaz se mudou para o norte do país, ela dividiu em dez vezes no cartão uma passagem pra visitá-lo, passou com ele uma semana dos sonhos, mesmo no calor de 42 graus e do rapaz só ter trabalhado. Passaram-se três meses a notícia fortuita: ele voltaria pra cidade, conseguiu melhor trabalho, a parte da notícia que feria, ele estava voltando casado. O susto foi tanto que nem lágrima escorreu, mas o coração encolheu dois milímetros dentro do peito, viveu ainda outras histórias de mau gosto, mas por sorte o calo já estava feito.

Cada decepção lhe amargava mais a existência e ficava cada vez mais obcecada pela superstição, descobriu mistérios alquímicos, sortilégios e feitiços, que, pela carga astral daquela explosão que lhe selou o futuro, lhe compeliavam certo sucesso. Enriqueceu, foi feliz no trabalho, bonita, inteligente, e tudo que não funcionava em tema de afeto pra si, funcionava pros restos das gentes.

Virou celebridade, capa de revista, manchete de jornal, vendeu curso de relacionamento no Instagram, no youtube tinha mais de um milhão de inscritos no canal. Mas todo dia um peso, nunca um convite pra almoçar com a família de um pretendente, nunca suas mãos entrelaçadas na de outro alguém, chegou até a ouvir que a amavam, mas que não era suficiente.

Ficou conhecida mundialmente como bruxa mal amada, que ninguém gostava pra valer, mas poucos desgostavam, que entendia muito bem e era capaz de aconselhar, remediar, curar, arranjar e promover pros outros, por meios que só pra ela não funcionavam.

Viveu cento e vinte e cinco anos, consciente e com a saúde de ferro. Nunca amou, nem foi amada. E este foi o terror de sua vida.



Pacto diabólico

Simone Fernandes

Alice não esperava que fosse recebida com afagos e atenção pela tia assim que chegou em Lamarão, município do interior da Bahia. Nas malas trazia apenas o pouco que lhe restou depois que deixou Salvador. Naquele casebre pequenino, seria apenas mais uma boca para ser alimentada. O dinheiro que tinha poderia mantê-la por pouco tempo. Era o restante das economias deixadas por sua mãe após vinte e um anos de trabalho como doméstica. Maria Antônia fora vítima de um enfarto fulminante, que deixou Alice completamente perdida. Só lhe restava naquele exato momento, aguardar que viessem recebê-la.

Uma mulher de cabelo desgrehado amarrado num rabo de cavalo, atendeu a porta. Com voz estridente Benedita perguntou:

- Pois não. O que quer?

Alice imaginava que a tia não a reconheceria, afinal há dez anos atrás estava apenas com oito anos e agora, tornara-se uma mulher bonita e de boa aparência. Um pouco acanhada, respondeu:

- Sou eu, tia Benedita, Alice, filha de Tonha.

- Mas que?... – Benedita avaliou aquela moça de boa aparência e disse: - Alice? Mas como você cresceu... Entra. Cadê Tonha? Veio mais você?

Alice segurou as malas e entrou avaliando o lugar antes mesmo de responder. A tia insistiu.

- Cadê Tonha? Não veio mais você? E as malas? São suas?

Alice se viu sufocada em meio àquele interrogatório e recolocando as malas num canto da pequena sala, disse:

- Eu não tive tempo de comunicar, mas mamãe sofreu um enfarto fulminante e morreu. Eu não tive tempo ou dinheiro para fazer um velório e arcar com qualquer despesa extra. Só tive condições de pagar pelo caixão, umas flores e contar com a

ajuda e influência de dois amigos vizinhos para que a prefeitura fizesse o enterro. Tive de entregar o barraco e a senhora é a única parente que me restou. Por isso vim. Não tenho mais ninguém. Não sabia para onde ir.

Benedita coçou a cabeça e sentou-se numa banquetta logo a frente. Não parecia emocionada, estava mais preocupada com o fato de ter mais uma pessoa a ser sustentada naquela casa do que na morte da irmã que não via e nem tinha notícias há mais de dez anos. Depois de uns poucos minutos de silêncio ela disse:

- Então que seja. Que o céu receba sua alma. – Ela olhou de soslaio para as malas de Alice e continuou: - Pelo visto você veio pra ficar.

Alice notou o desagrado disfarçado na voz em tom mais baixo e apressou-se na resposta:

- Não se preocupe, será temporário. Não pretendo ficar no interior muito tempo. Preciso continuar meus estudos. Era o que mais minha mãe desejava. Por uns três meses eu poderei ajudar nas despesas. Depois, quero seguir meu destino. A senhora teria uma cama ou um lugar aonde eu possa ficar?

Benedita coçou a cabeça mais uma vez e disse:

- Já que você vai poder pagar, você pode ficar. Você vai dividir o quarto com Angelina, minha caçula. Ela foi na feira buscar a xepa. Tem uma cama desocupada lá, era da minha Consolação que foi embora há 6 anos, ganhou a vida, mas nunca mais voltou. Você pode ficar lá.

Antes que Alice pudesse agradecer, Benedita foi andando calada numa clara intenção de que a sobrinha a seguisse. Assim fez. Passaram por um corredor apertado e chegando frente a uma cortina de tecido encardido, estava a entrada do pequeno quarto. Benedita agarrou o pedaço de pano e deu um nó no meio abrindo espaço para Alice entrar. Não se podia dizer que era um lugar aconchegante e longe de ser bonito e asseado, mas, é o eu lhe esperava. Alice entrou e escolheu a cama do canto, no entanto Benedita agarrou a mala de forma bruta e jogou-a sobre a outra cama dizendo:

- Essa será a sua. Essa outra é de Angelina. O banho é frio, se quiser água quente, o fogão de lenha tá aceso, é só colocar a lata d'água para ferver. – Benedita saiu sem dar chance se quer de Alice agradecer.

Alice sentou-se na cama dura e desconfortável, olhou ao seu redor e sentiu uma vontade enorme de desaparecer daquele lugar, mas... Para onde iria? Não tinha uma opção melhor. No entanto estava decidida a tornar temporária aquela situação. Não se importava com o que teria de fazer, ela faria qualquer coisa para voltar a Salvador.

Aos pés da velha cama havia um baú de vime e foi nele que Alice arrumou suas roupas. A tarde já se despedia e o véu da noite tomava conta da pequena cidade. A prima Angelina ainda não havia retornado, e mesmo sem ao menos lembrar-se dela, viu-se preocupada. Quase na hora do jantar ser servido a jovem entrou pelo quarto e assustou-se com Alice:

- Opa! Quem é você? Invadiu meu quarto? – Disse Angelina com cara de poucos amigos.

Nesse exato momento Benedita entrou e disse:

- Essa é sua prima Alice, filha de minha irmã Tonha que morreu. Vai ficar um tempo conosco até conseguir trabalho e voltar de onde veio, Salvador. Ela vai ficar na cama de sua irmã. Trouxe alguma coisa pra casa?

- A sacola com a xepa tá na cozinha e consegui esse troco. – Angelina entregou duas notas de dez reais emboladas e meio sujas nas mãos da mãe. – Movimento fraco. Vou me banhar.

- Faça isso. Acho que Zé vem da lavoura hoje. Você sabe que ele não gosta de ver você fedida.

Angelina torceu o nariz e saiu dando uma rabanada.

Alice olhava tudo ao seu redor e sentiu-se incomodada. Não devia ter vindo. Sabia que não era bem aceita.

O jantar foi um prato de cuscuz e dois ovos. Pelo menos não passaria fome. Logo todos se recolheram. Assim que se deitou, Angelina virou de costas para Alice evitando qualquer chance de diálogo. No entanto, pela madrugada, Alice acordou e viu a cama da prima vazia, ouviu alguns sussurros e saiu devagar, pé ante pé, para ver se descobria de onde vinha o som. Por uma pequena nesga na cortina do quarto ao lado, ela pode ver Angelina com os olhos fechados e a boca tampada pela mão grosseira de um homem, enquanto era violentada brutalmente sem ter chance de gritar ou pedir qualquer socorro. Ao lado, sua tia dormia um sono pesado. Aterrorizada, Alice voltou ao seu quarto, entrou encolhida debaixo das cobertas e esperou, rezando para que logo amanhecesse. Adormeceu assustada.

Assim que o dia nasceu, o galo insistiu em acordar a todos com seu cacarejar estridente. Alice observou que Angelina estava enrolada encolhida no canto da cama. Pensou em se aproximar para ver se a prima estava realmente bem, mas Benedita entrou no quarto fazendo sinal impondo o dedo nos lábios pedindo silêncio e chamando Angelina para o café. Ela seguiu a tia em silêncio pé ante pé.

Quando ambas entraram pela cozinha, um homem mal encarado e de aspecto grosseiro estava sentado à mesa tomando café em uma caneca. Quando viu Alice, não disfarçou e disse de forma debochada:

- Quem é esse pitel? Tá escondendo o ouro de mim, Benedita? Essa eu não conheço.

- Essa não é para seu bico. É minha sobrinha, chegou ontem. Se ela tiver cabeça, logo vai ganhar muito dinheiro e seguir a vida como minha Consolação. Nem pense em chegar nela. Minha irmã ia se revirar no túmulo.

O homem levantou-se e rodeou Alice como se tenta-se cheirar seu cabelo. Algo como um animal no cio. Ela saiu de seu alcance e aproximou-se da tia. Ele sorriu, alisou seu pênis sob a calça e saiu deixando-a assustada. A lembrança do que vira na noite passada e do que aquele homem era capaz de fazer, deixou-a enojada. Benedita viu a reação da sobrinha e disse:

- Ele só fala... Tenha medo não. Já dei Angelina pra ele e quando tá com muito fogo, faço uma graça. Ele não chega em você não. Ele sustenta a casa, mas

você tem seu dinheiro e pode pagar, então ele não tem o direito de usar você. Dê jeito logo na sua vida para seguir fora daqui senão, não poderei evitar que ele pegue você. Deixa Angelina dormir. A noite foi pesada pra ela. Se ela fosse corpulenta e bonita como você ou como a irmã, já estaria bem de vida, mas... ficou magrela e franzina, não dá para fazer dinheiro na vida fácil. Minha Consolação, no primeiro ano que recebeu o convite para ir para Salvador, mandou o dinheiro e compramos essa casinha e no segundo e terceiro ano compramos a lavoura. Depois eu não soube mais dela, mas pelo menos não ficamos no tempo e temos de onde tirar nosso milho, feijão, mandioca... Por essas bandas poucos tem o que a gente tem. Tudo graças a minha Consolação.

Alice ouvia atenta e um pouco assustada. Por toda conversa da tia, estava bem claro que o caminho para se ter o dinheiro, era pela prostituição. Não desejava se prostituir, no entanto tinha que pensar em uma saída para conseguir dinheiro e manter aquele homem horrendo bem distante.

Já passava das quinze horas quando Angelina acordou. Havia gotas de sangue em seu lençol. Alice que observava sentada no canto de sua cama, pensou em falar algo, mas preferiu silenciar. Angelina notou a curiosidade e disse:

- Não se assuste, não foi nada. Tem dia que ele me machuca, mas pelo menos não me bateu e nem bateu na mãe. É só um sacrifício e teremos comida e roupa por mais alguns meses. Estou com fome. Já volto.

A moça franzina levantou-se cambaleante e foi até a cozinha. Voltou trazendo um prato de esmalte com uma coxa de frango, farinha e feijão. Sentou-se na cama e devorou a comida como um mendigo. Depois limpou a boca com as costas das mãos, engoliu dois goles d'água e disse:

- Agora sim, bucho cheio e pronta. Escuta... – Disse a adolescente voltando-se para Alice. - Sei que ainda não tivemos tempo de conversar, mas eu quero conhecer você melhor. Você me parece meio perdida, assustada, acanhada... sei lá. Me fala, o que gosta de fazer ou sabe fazer?

Alice sentiu-se mais à vontade e disse:

- Bom... fiz todo colegial. Estudei um pouco de inglês e aprendi a fazer faxina como minha mãe. Vim pra cá por que não tenho mais ninguém no mundo, mas confesso que estou muito assustada. Tia pensa que tenho muito dinheiro, mas o que sobrou depois do enterro foi muito pouco. Logo vou ter de conseguir um trabalho.

- Aqui em Lamarão? – Angelina deu uma gargalhada rouca. – Tá perdendo tempo. Tem serviço aqui não. As moças com melhor aparência vão tentar a vida fora daqui. Muitas voltam, outras não, mas... Mesmo as que não voltam, conseguem um bom dinheiro em pouco tempo. Eu só não vou por que não me quiseram. Sou magra demais, para eles pareço fraca. Dinheiro perdido. Mas você, você é como minha irmã, vai se dar bem.

Alice mostrou interesse.

- Como assim? Como funciona?

Angelina era esperta e sabia que, apesar de não ter sido aceita para seguir para Salvador como as outras, toda semana, quando o “Mascate” passava procurando moças, quando ela indicava, ganhava uma boa quantia. A questão agora era apresentar sua prima e tirar um lucro.

- Bom, tem um homem com o apelido de Mascate que toda semana passa pela cidade. Ele sempre vem buscar moças para trabalharem no comércio em geral. Elas são levadas até Salvador e pelas cidades vizinhas. Então, se você quiser, na semana que vem eu apresento você. Pode até ser que você consiga ser uma secretária na capital. Já pensou? Sorte grande. Minha irmã conseguiu um bom trabalho, eu acho... Comprou essa casa e o sítio..., mas nunca mais veio ver a gente. Quem sabe você também tem sorte?

Alice pensou nas palavras da prima. Seria muito bom se conseguisse tornar-se secretária em Salvador. Sairia daquele inferno e nunca mais teria de ver a cara daquele homem horrendo e nem conviver com essa estranha família.

A semana passou rápido e como era de se esperar, Benedita sugou todo dinheiro que Alice tinha inventando uma série de desculpas pressionada pelo marido safado. Teria de falar logo com o Mascate e aflita procurou por Angelina.

- Prima, quando o tal Mascate chega?
- Amanhã de manhã. Tá interessada?
- Quero conversar com ele. Vai que dou sorte.

- Tudo bem. Levo você lá. – Os olhos de Angelina brilharam. Certamente teria um bom lucro. - Se arruma um pouco mais, faz uma maquiagem legal que ele vai gostar. Pode ter certeza. Já deixa até sua mala no jeito, se ele escolher você, amanhã mesmo você vai embora.

O medo tomou conta de Alice, mas não tinha mais como voltar atrás, teria de enfrentar o desconhecido.

Quando o dia amanheceu, Benedita entrou pelo quarto e disse:

- Se vão ver o Mascate, trate de apressar. Vi o carro passando aí pela frente e seguindo para a pracinha.

Angelina saltou da cama, sacudiu Alice, e em pouco tempo as duas já estavam prontas. Engoliram o café e saíram.

Na praça da cidade quatro moças sentavam enfileiradas num banco de concreto enquanto um homem elegantemente vestido num terno preto, cigarro entre os dedos, óculos escuros e cabelos muito bem arrumados, descia de um carro importado preto, último modelo. Alice pensou: - “Para um Mascate, ele até que é muito elegante e bem de vida.” Afastando-se da prima, Angelina se aproximou do homem e sinalizou em direção a Alice. Ela sentiu-se como uma mercadoria quando ele afastou um pouco os óculos até o nariz e a observou de cima a abaixo. Por algum motivo, o homem retirou duas notas de cem da carteira e entregou a Angelina, sussurrou algo em seu ouvido que a fez sorrir. A adolescente, colocando o dinheiro preso na alça do sutiã, passou por Alice e disse:

- Ele adorou você. Me pagou mais do que quando apresentei Consolação. Você vai se dar bem. Agora você segue com ele. Vou votar pra casa. Se der errado, você volta. Fica bem. Fui.

Assim as duas primas que mal se conheciam tornaram-se mais que estranhas a partir daquele momento. Alice estava a mercê de um estranho e nem sabia o que viria a seguir.

Pouco mais de uma hora havia se passado e Alice e mais duas moças escolhidas seguiam rumo a Salvador. Por quase três horas, um silêncio sepulcral permaneceu naquele carro, até que o Mascate resolveu falar.

- Vocês seguirão direto para a “Casa da Glória”. Lá farão alguns exames de praxe antes de se apresentarem para o chefe e em seguida começarem a trabalhar. Terão de assinar um contrato, que a princípio, terá duração de um ano. Dependendo de como tudo ocorra, poderá ser estendido por mais quatro anos. Alguma dúvida?

As moças se entreolharam, abaixaram a cabeça, mas Alice não se conteve e perguntou:

- O que faremos? Para que estamos sendo contratadas?

- A moça além de bonita é curiosa. – Disse o Mascate. - Uma coisa lhe digo, o sacrifício pela empreita lhe dará uma boa grana. Não se preocupe, o salário é muito, muito bom para o que terá de fazer.

Alice se calou. A questão era esperar para ver.

A “Casa da Glória” tinha a aparência de uma pousada. Era um lugar até bem arrumado. Assim que chegaram, as moças foram recebidas por duas mulheres maduras que aparentavam uns quarenta anos que as levaram para uma suíte grande que continha quatro camas de solteiro e sobre elas estavam roupões pretos e toalhas de banho.

- Aqui temos dois banheiros bem grandes. – Disse uma das mulheres. – Cada uma tome um bom banho e viremos busca-las para os exames logo em seguida.

Mais uma vez Alice ia retrucar, mas achou melhor calar-se. Poderiam acha-la inconveniente e talvez perdesse a grande oportunidade de se tornar bem sucedida seja lá no que fosse.

Em pouco mais de uma hora, todas estavam sendo atendidas por uma equipe medica. Foram examinadas de todas as formas e retornaram ao quarto. Encontraram bonitos vestidos e demais acessórios muito bem arrumados sobre as camas. Foram orientadas a se prepararem pois logo seriam apresentadas ao chefe.

Assim que a noite caiu, Alice e suas companheiras foram encaminhadas a um restaurante da pousada. Algumas moças muito bem vestidas dançavam em locais estratégicos. Não pareciam moças de programa, não estavam desnudas. Outras moças também vestidas com uniformes elegantes e comportados circulavam pelo salão atendendo a alguns clientes. Numa mesa um pouco distante, quatro homens muito bem vestidos, acendiam charutos e bebiam whisky. As três moças foram levadas até eles. Ficaram enfileiradas para serem observadas. Alice reparou que o Mascate se sentara na mesa ao lado e colocara uma maleta sobre a mesa. Depois de alguns minutos, uma a uma foi chamada para uma breve entrevista e logo em seguida encaminhada até a mesa ao lado para assinarem o contrato de trabalho junto ao Mascate. Alice não teve muito tempo para ler nas entrelinhas, pois o valor salarial mensal e demais benefícios a cada nove meses, estava em negrito e a soma apresentada não deixava dúvida de que nunca conseguiria outro emprego que pagasse tão bem. O serviço que teriam de fazer, aparentemente, era o que as demais funcionárias faziam, atendimento ao público.

Depois do contrato firmado, as novas funcionárias ficaram à vontade para jantar, beber e se divertirem. No dia seguinte seriam levadas a outro local para participarem de treinamento segundo palavras do Mascate. Enquanto jantavam, foram presenteadas com 3 drinks como cortesia dos novos contratantes. Gratas beberam do delicioso coquetel até a última gota.

Quando o dia amanheceu, Alice sentia-se totalmente embriagada. Não conseguia abrir os olhos direito e nem se lembrava de como havia saído do restaurante. Sua boca estava amordaçada, suas mãos e pés estavam amarrados e o vulto das duas outras moças ao seu lado deitadas naquele chão imundo, dava a entender que todas haviam sido dopadas. Os vestidos estavam rasgados. Sentiu sua vagina dolorida e úmida, olhou com dificuldade e viu sangue. Algo terrível havia acontecido. As duas colegas também acordaram e encontravam-se na mesma

situação. Por mais que quisessem voltar a lucidez, não conseguiam. Não tinham forças para gritar e muito menos para raciocinar. Aos poucos, os raios de sol entravam pelo ambiente e elas puderam ver uma grande quantidade de pequeninos crânios sobre uma bancada de mármore. Pareciam crânios de macacos, mas na realidade, depois de tentar fixar um pouco mais a visão, Alice notou que eram crânios de bebês. Ela apavorou-se e tentou gritar, mas não conseguiu emitir nenhum som. Ouviu vozes e passos vindo de fora e alertou as amigas para que mantivessem os olhos fechados e permanecessem quietas.

- E aí? Que você acha, Mascate? Será que o chefe encheu essas daí ontem?
– Disse um dos homens que entraram no quarto.

- Elas ainda estão dopadas. Assim que acordarem, leve para o quarto e mandem dar um bom banho. Mantenham elas trancadas, mas bem alimentadas. Sabe que se estiverem cheias, vão valer ouro. Benefício para todos.

Alice ouviu tudo horrorizada. Foram todas estupradas com o intuito de serem fertilizadas. Algo aterrorizante lhe passou pela mente ainda confusa. – “O que estava escrito nas entrelinhas daquele contrato? Será que teria concordado com toda aquela situação visando apenas o dinheiro?” – Nada poderia ser feito a essa altura. Sua sorte e das jovens ao seu lado estava lançada. Adormeceu sem sentir.

Quando as três jovens acordaram, estavam tomadas banho, vestidas de jeans e camisetas e ao lado de cada cama havia uma farta refeição com muitos acompanhamentos, sobremesas e sucos. Todas estavam famintas e só o que restava era aproveitar a deliciosa refeição.

Por três semanas ficaram trancadas. Cinco refeições eram servidas diariamente e as funcionárias que traziam, eram proibidas de lhes dirigirem a palavra. Roupas eram trocadas e lavadas.

Ao final do vigésimo primeiro dia, as mesmas mulheres que as haviam recebido, foram busca-las e levadas a presença dos 4 homens que as haviam contratado. O salão estava escuro, os homens trajavam capas pretas com capuzes vermelhos. No centro do local, um espelho enorme respingado de sangue e velas pretas quebravam um pouco a escuridão. Assustadas ouviram seus nomes serem

chamados por uma voz gutural. Um dos homens, visivelmente possesso, convidou as jovens a sentarem-se a sua frente. Alice e suas amigas estavam geladas, e tremiam sem conseguirem manter o controle. A criatura disse:

- Não temam. Se a mim servirem, serão muito bem recompensadas. A riqueza e o brilho de uma vida fácil, dinheiro, beleza, luxo... Por um simples sacrifício: Vocês concordaram ao assinarem seus contratos. Vocês gerarão pequenos seres que ao nascerem serão entregues a mim no sétimo dia de vida ainda pagãos. Terão uma boa soma em dinheiro a cada criança que for entregue. Ao completar sete crianças nascidas fortes e saudáveis, vocês serão muito bem recompensadas e o acordo terá findado. Estarão livres. Serão pagas para engravidar, contanto que sejam de homens saudáveis ou, por um de nós, se assim desejarem. Vocês ainda terão a opção da escolha.

- E o que nos acontecerá se quebrarmos esse contrato e não desejarmos servir a você? – Perguntou Alice aterrorizada.

A criatura girou a cabeça de forma abrupta e gritou:

- Pagarão com a vida. – E soltou uma gargalhada que ecoou por todo ambiente.

Alice e as moças se encolheram assustadas. Não havia o que ser feito. Naquele momento elas já poderiam estar grávidas já que foram estupradas. Submissas, aceitaram o acordo. Pelos crânios que Alice havia visto naquele quarto aonde haviam sido colocadas, as crianças eram sacrificadas. Não demorou muito para poder ter a certeza. Foram convidadas a se afastarem e ficarem para assistir a um ritual que estava por acontecer. Três mulheres, também encapuzadas, entraram no recinto trazendo três bebês nus envoltos em mantas pretas. Eram ainda muito pequeninos e choravam de frio. Assustadas, Alice e as jovens, engoliam o choro e assistiam estarecidas ao ritual. As crianças tiveram suas mãos e pés amarrados, depois o primeiro bebe teve a garganta cortada e seu sangue encheu uma panela de barro e uma taça, a qual foi oferecida a criatura endemoniada. Ele bebeu até a última gota. Esse procedimento se repetiu com as outras crianças. Depois os corpos sem vida foram abertos como um animal, os órgãos vitais foram retirados e

colocados à parte, enquanto seus pequenos braços e pernas esquartejados juntamente com as cabeças eram arrumados numa grande bacia de barro contendo a panela de sangue colocada ao centro. Os três corações foram entregues a criatura que os comeu de forma feroz. Os troncos que sobraram dos pequenos, foram colocados em sacos pretos, seriam descartados. Os demais órgãos vitais foram levados ao fogo e todos os demais se banquetearam. De repente o espírito maligno saiu do corpo do homem que ficou desmaiado no chão e o vulto negro entrou pelo espelho. Sua forma mal definida, com dentes pontiagudos desapareceu.

Foi tudo muito rápido e assustador. As lágrimas desciam silenciosas pelos rostos incrédulos das jovens. Havia traçados seus destinos e não teriam como se livrar. Concordaram em servir ao demônio e a tornarem-se assassinas. Só havia duas saídas, a morte ou a convivência. Caladas foram convidadas a se retirarem e retornarem aos seus quartos. A noite seria longa e certamente as cenas de terror não lhe deixariam dormir.

Quando o dia amanheceu, todas foram levadas ao médico. Passariam por testes de gravidez e se desse positivo, a quantia combinada de sete mil reais seria disponibilizada em conta bancária. O estupro tivera resultado, Alice e Ana Maria, uma das jovens, haviam engravidado, Carmem tivera sorte. Ao retornarem aos quartos, sobre a cama haviam buques de rosas e champanhe para brindarem.

Três dias se passaram. Carmem foi levada para outro local e Alice e Ana Maria não ouviram mais falar dela pelos dois meses que se seguiram. Até que, numa tarde, aos prantos, Carmem entrou pelo quarto e juntou-se as amigas, estava grávida. O destino daquelas três moças estava traçado. Teria de deixar o tempo seguir seu curso. Sentir a criança mexer em suas entranhas, não poder demonstrar nenhum afeto e ainda temer por tamanha crueldade fazia com que Alice sentisse nojo de si própria, mas havia vendido sua alma ao diabo. Só a morte poderia salvar-lhe,

Os meses seguiram sombrios. O futuro era assustador.

Alice foi separada das amigas e agora cada uma possuía seu próprio quarto. Numa tarde, sentada numa pequena poltrona, recebeu uma visita inesperada. Uma

moça de aproximadamente vinte e sete anos. Alice achou os traços muitos familiares, mas tinha certeza de que nunca havia visto aquela mulher antes.

- Você deve estar estranhando minha visita. – Disse a visitante. – Sou Consolação, sua prima. Quando verifiquei seus documentos assim que chegou aqui, pensei logo em procurá-la, mas venho sendo vigiada dia e noite. Somente hoje pude vir vê-la. Vejo que sua barriga já está bem crescida.

Alice estava boquiaberta. Sua prima estava ali, na sua frente. Sentiu vontade de abraçá-la e falar de seus medos e arrependimentos, mas, de nada iria adiantar. A própria Consolação estava ali, na sua frente e certamente compactuada com todos aqueles assassinos.

- Você foi coagida a vir me procurar? Algum interesse em particular? É conivente com todo esse circo de terror?

- Nunca. Não me julgue prima. Assim como você sou prisioneira. Aceitei toda essa loucura na esperança de dar uma vida melhor a minha mãe e minha irmã. Queria muito livrá-las daquele estuprador nojento, mas...- Consolação enxugou uma lágrima que teimava em cair e continuou, - Perdi meu quarto filho no terceiro dia de vida. Quando isso acontece, nos tornamos prisioneiras e adquirimos uma dívida de 50 mil. Ficamos sem nossos salários mensais. Estou lutando para engravidar novamente me sujeitando a prostituição na intenção e cumprir minha dívida, mas não consigo. Os médicos não encontram o motivo. Eu fiz um novo acordo, se eu conseguir pagar essa dívida e dar a eles um bebe saudável, serei libertada. Quero muito ajudá-la a fugir. Precisa se libertar dessa maldição.

- Por que fazem isso? A polícia não descobre? Ninguém conta? Não entendo? – Disse Alice aos prantos.

- Menina, você não entende, é muito dinheiro envolvido. Muita gente de poder. O demônio realmente existe e o que ele promete, ele cumpre. Muitos artistas praticam esse ritual e atingem o sucesso rápido. Muitos políticos, muitos empresários de sucesso que se tornam poderosos em pouco tempo. Tudo isso exige o sacrifício mais valioso, a vida humana, a alma de inocentes ainda pagãos. Há milionárias e mulheres de sucesso que cumpriram o acordo até o final e hoje em dia

moram fora do Brasil com fama e poder. Você é muito inocente para entender. É assim que funciona, ou você está com eles ou morre. Em breve você dará à luz. Vai entender quando ver seu saldo bancário nas alturas. O dinheiro compra almas corrompidas. Não sei se poderei vê-la novamente, se não nos virmos, que Deus tenha piedade de nós e que consigamos voltar para nossa família.

As primas se despediram num abraço forte cientes de nunca mais iriam se ver.

Dois meses se passaram. Alice completara nove meses de gestação. Nunca mais ouvira falar de Ana Maria e Carmem. Após a ida ao consultório para fazer a última ultrassonografia, descobriu que a criança que esperava era um menino saudável com mais de três quilos. Voltara ao quarto sentindo cólicas e reparou que sobre sua cama havia um envelope contendo cinquenta mil reais distribuídos em cinco pacotes de dez mil. Estranhou o dinheiro em espécie, mas um pequeno bilhete anônimo explicava: “O primeiro prêmio é sempre a vista para que sinta o gosto do trabalho bem feito.” Esse acontecido facilitaria ainda mais seus planos e nada iria persuadi-la. Certamente o parto aconteceria naquele dia. Faria tudo que pudesse para não causar alarde. Seu plano tinha de ser bem sucedido. Com fortes cólicas, sentou-se perto da mesa de cabeceira e escreveu um bilhete destinado a Consolação. Colocou-o dentro do envelope junto ao dinheiro. Trancada no banheiro, introduziu os dedos em sua vagina forçando sua dilatação. A cada contração, repetia o ato. Sentia sua bacia dividir-se em duas, mas precisava suportar toda dor sem soltar nenhum gemido. Com o tempo planejado, antes das dezenove horas Alice deu à luz na banheira de seu quarto. Antes que pudesse ser tomada de emoção, cortou o cordão umbilical com uma lâmina de estilete que encontrara na gaveta de cabeceira e enrolou a criança numa toalha. Em seguida, deitou-se na banheira e com um golpe certo e violento, cortou a própria jugular. Sufocando no próprio sangue, findou sua vida ouvindo o choro da criança que predestinara um destino tenebroso, gerada sem amor.

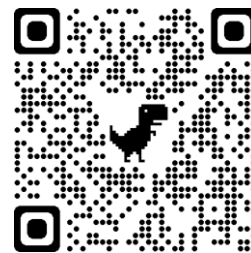
Quando uma das funcionárias viera trazer o jantar, atentou para o choro que vinha do banheiro e alertou os superiores. Alice estava morta imersa numa banheira

no seu próprio sangue. Ao lado da criança estava o envelope endereçado a Consolação, que foi chamada de imediato e todo o dinheiro. O bilhete dizia:

“Deixo aqui sua salvação: o dinheiro que você deve e a criança que você não gerou. Liberte-se. Cumpra o acordo e siga sua vida. Eu seguirei em busca da redenção de minha alma, se é que um dia terei direito ao perdão de Deus.”

O Coletor de Almas

Carlos (Convidado AVL)



Era um show comum, como todos os outros. Este, porém, era no meu bairro, especificamente na minha rua. Minha banda toca o bom e velho thrash metal, as vezes dividindo o palco com bandas Crossover thrash, e por esse motivo é comum ver punks na plateia. Geralmente isso não é um grande problema. Sempre há um ou dois ébrios causando encrenca, mas isso é muito comum, não chega a atrapalhar de verdade. Mas aquela noite... não sei exatamente porque, mas de alguma forma senti que algo estranho estava por acontecer.

Lá estava eu, tirando um tremendo solo na minha Jackson King V, quando o show foi interrompido pelo vocalista por causa de uma briga esquisita num canto próximo ao palco. Houve vaia, naturalmente, mas a coisa estava fugindo do controle naquele canto, de modo que foi necessário retirar à força aqueles caras. Olhei-os de longe, lembrando os rostos vagamente. Não os reconheci de imediato, mas sabia que já os havia visto antes, e não me parecia uma boa memória aquela. Logo retomamos o show, mas fiquei pensando no empecilho.

Não éramos lá tão famosos assim. Assim que descemos do palco, misturamo-nos às outras pessoas e ficamos bebendo até o final do evento. Os caras da minha banda vieram de Ducato, mas eu morava há duas ruas dali, portanto preferi ir pra casa a pé mesmo, embora com certo receio de rejeitar a carona. Olhei por um instante para o final daquela rua vazia e mal iluminada, que nunca me havia metido medo, mas que naquela ocasião não me pareceu muito transitável. Mesmo assim achei absurdo ir de carona, mesmo eu morando tão perto, e ignorei aquela voz que me dizia aos ouvidos “não vá! Hoje não. Aceita a carona. Não vá!”. Pareceu-me besteira aquilo, e preferi caminhar um pouco. E assim, fui.

Pela calçada torta com minha guitarra nas costas e uma longneck na mão, ia eu pensativo. Lembrei, afinal, de onde conhecia aqueles caras. Certa vez os vi numa praça do bairro, azucrinando adolescentes e transeuntes, sem nenhum propósito nem objetivo. “Eles ficam sempre aí, tirando o sossego dos outros.” De fato, não me

lembro de tê-los visto noutro lugar que não fosse naquela praça. Era ali que eles ficavam bebendo e tornando suas vidas cada dia mais inútil. “Mas que diferença isso faz?”, pensei. Concluído meu raciocínio, achei imbecil ficar pensando nisso, e me concentrei apenas na ideia de chegar em casa. Deu fome. Uma lasanha viria a calhar.

- Olha só quem tá aqui! Acho que acabei de ganhar uma guitarra!

Eles surgiram do nada, não os vi chegando. Foram rápidos, e riam. Tentei defender a guitarra, mas não dava pra fazer isso e brigar ao mesmo tempo. Eram três ou quatro, não pude ver, mas os reconheci claramente. Eram eles: os encenqueiros babacas daquela praça. Correram gritando com minha guitarra, e eu tentei correr atrás deles, porém dispersaram-se no escuro. Percebi então que minha jaqueta de couro me salvou do que poderia ter sido um esfaqueamento fatal.

Vi que nessa pequena corrida acabei parando em frente à minha casa. Entrei com tudo, feito um furacão, indo direto para a gaveta do guarda-roupas. Saí já engatilhando a Taurus PT100, guardando-a de qualquer jeito na cintura, pulei na moto sem capacete e saí de arrancada rumo àquela maldita praça. Eles certamente estariam lá. Ao menos uma bala para cada um deles iria sobrar, mas minha Jackson iria pra casa comigo aquela noite!

Cheguei na praça caindo com tudo no canteiro, largando a moto, só pensei em levantar, apontar e mirar. Estava travada..., mas alguém foi mais rápido do que eu. De fato, eles nem me viram, nem notaram minha queda no canteiro. Seu líder estava morto! Caído numa poça de sangue no meio da praça, bastante desfigurado! E todos os outros pareciam perdidos, apavorados, como se o mundo naquele momento tivesse sido virado do avesso!

Eu também tentei entender o que havia acontecido. Aparentemente houve uma briga entre eles pela posse da guitarra. O cara com as mãos sujas deixou a faca cair, e pôs-se a gritar em desespero, ajoelhando-se com as mãos na testa, num lamento de luto que eu jamais cheguei a ouvir outro semelhante. Naquele momento, naquele exato momento aconteceu a coisa mais bizarra e grotesca que eu certamente não esperava ver na minha vida.

Enquanto gritava em seu desespero agudo, o cara com as mãos sujas começou a se contorcer para trás, abrindo a boca até onde seria normal de um ser humano abrir, ao gritar apavorantemente. Mas ele se contorceu mais do que isso. Inclinou-se para trás com os braços abertos, até cair, e caindo bateu a cabeça no chão. O sangue de sua cabeça escorreu no cimento frio do chão da praça, indo aos paralelepípedos da rua, enquanto ele se debatia em convulsão. E então sua boca começou a se abrir de um modo sobre-humano, seus dentes e mandíbulas começaram a crescer deformando sua face, seus ossos começaram a fazer um barulho estranho, enquanto braços e pernas alongavam-se, bem como seu tronco, rasgando ainda mais suas roupas já um tanto esburacadas.

Aquela figura deformada pôs-se de pé diante de nossos olhos, com o pescoço e a cabeça torcidos para trás, o qual com as próprias mãos puxou-os para frente, mostrando-se um monstruoso ser de aproximadamente 3 metros de altura, magérrimo e corcunda, encurvado, de modo que sua cabeça ficava quase escondida no meio do tórax. Seus dentes deviam ter cerca de dez a quinze centímetros cada, e a boca não conseguia guardá-los: ficavam expostos, babando em seus lábios vermelhos inchados. Estava ofegante e com bastante ódio no olhar. Com seus enormes dedos alongados de unhas crescidas, debruçou-se sobre o cadáver do esfaqueado, abrindo a barriga do defunto ao meio. Com apenas uma das mãos, a criatura arrancou as vísceras do morto, colocando em seguida a própria boca no espaço oco do seu tronco, empurrando a língua através da traqueia do mesmo, que por sua vez também começou a se debater. A pele da barriga do morto esticou-se até envolver toda a cabeça da criatura, enquanto o cadáver crescia, esticando membros e coluna, como um balão de gás a ser inflado, tornando-se uma espécie horrenda de criatura siamesa, como se sua epiderme, músculos e ossos fossem feitos de massa de modelar, tornando-se por fim, um só corpo, com quatro braços e quatro pernas, e uma cabeça pequena de dentes grandes e tortos, numa boca grande de mandíbula alongada.

Ficamos parados até o fim da transformação, e a criatura manteve-se parada por alguns instantes, como um inseto gigante recém-saído do casco. Até que os caras começaram a atirar. Viaturas de polícia surgiram e também fizeram disparos contra o

ser, que cercado, fugiu gritando muito. Peguei minha moto, movido por uma estranha curiosidade, e segui o ser pelas ruas e becos, até onde as viaturas não podiam mais ir.

Até que em certo ponto senti algo rápido passando sobre minha cabeça, como se um cavalo estivesse saltado sobre mim. E o era, de fato. Um enorme cavalo negro, saltando entre muros e prédios, cavalgando sobre o telhado das casas, na mesma velocidade que eu e a criatura, como se nos estivesse seguindo. Não pude olhar bem, afinal estava pilotando, mas notei que havia alguém montado naquele cavalo surreal. Um cavaleiro de armas escuras, com uma capa preta que virava fumaça, e uma espada reluzente nas mãos. Saltou sobre a criatura, derrubando-a, e passaram a rolar numa luta alucinante.

Quando enfim ele cortou sua cabeça fora, com movimentos sagazes desmembrou o bicho, e afundou a lâmina no que seria o local do coração. E então do local perfurado pela espada saiu aos poucos uma fumaça que virou luz, e essa luz cresceu até ofuscar a vista, tornando claro o local ao redor, como se a noite tivesse se tornado dia. Com a mão estendida sobre essa luz, o cavaleiro parecia segurá-la, contendo-a até que ela diminuísse a intensidade, e ficasse como um pobre pirilampo preso na luva de ferro, na mão fechada do cavaleiro, até sumir.

O que sobrou da criatura ficou ali, imóvel, como vários pedaços de carne lançados ao acaso no chão. O cavaleiro deliciou-se ao absorver aquilo que pensei ser uma alma, e que pareceu ter acabado de coletar. Subiu no cavalo de forma majestosa, e ficou por alguns instantes observando os pedaços de corpo espalhados. Avistou-me, ignorou-me. Ouvimos outro grito estridente, de qualquer lugar perto dali, o qual o fez alertar, partindo em disparada por sobre as casas, numa cavalgada fantasmagórica, indo imediatamente em direção à seja lá de onde tenha saído aquele grito. Grito esse que parecia um urro, e que já sabíamos: era outra criatura.

Fiquei ali, armado e de moto, sem entender nada do que acabara de acontecer. Para todos os efeitos, já que eu não sabia mesmo o que pensar ou fazer, apontei a moto na direção contrária e saí sem destino, seguindo a rua ao infinito, querendo apenas sair dali.

Dobrando esquinas, passando semáforos, pilotei até uma rodovia, saindo da cidade chegando à uma área rural, pretendendo ir até onde o tanque cheio suportasse alcançar. Passando por lavouras de milho e soja, extensas áreas sem iluminação elétrica, seguindo a linha amarela formada por postes no meio da imensidão escura daquela pacata rodovia. “É só um sonho!”, pensei. “É só loucura, alucinação! Sou apenas eu de moto, indo sem destino e sem motivo algum. Nada mais além disso. Apenas loucura, alucinação...” O vento no rosto me acalmava, e cada vez mais me convencia que eu só precisava voltar para casa. Do nada, parei.

Agora só o que se ouviam eram grilos e alguns cachorros de chácara, talvez algum rio, cachoeira, ou o barulho de água que talvez fosse da chuva, chegando aos poucos. E eu olhei de volta à rodovia, todo o caminho que até ali percorri. Foi muito. Tava longe. Só o que eu precisava era voltar pra casa e dormir. Era só isso o que eu mais queria.

Mas veio de repente uma garrafa de vidro, que jovens jogaram em minha direção. Passaram de carro, me provocando. Não pensei duas vezes: fui atrás. Derrapei, parei diante deles, que derraparam e pararam também. Vieram com tudo, prontos para a briga, sem qualquer motivo aparente. Não eram mais os caras da praça: eram jovens completamente desconhecidos. Vieram pra cima, tacando garrafas, e eu disparei. Derrubei todos, descarreguei a arma. E agora lá estava, sozinho no meio do nada, com quatro corpos estirados. Me dando conta do que havia acabado de fazer, entrei em desespero! “Será que estou ficando louco? Mas o que será que está acontecendo? O que foi que eu fiz! O que foi que eu fiz! O que estou fazendo aqui? O que foi que eu fiz!” E então uma culpa sobrenatural pairou sobre minha cabeça, fazendo-me tremer as pernas e cair. A pontada era forte, parecia que minha cabeça estava prestes a explodir! Uma avalanche de pensamentos avulsos entupiu minha mente enquanto meu corpo começou a se contorcer sem controle, numa dor insuportável como eu nunca havia antes sentido. Minha mandíbula travou e o músculo do pescoço enrijeceu. Quando finalmente consegui abrir a boca, o grito tornou-se uma mistura de dor e desespero. Um grito como eu nunca havia gritado antes. Fazia meu coração disparar de agonia e medo, e a compreensão daquilo doía

muito mais do que tudo isso. Já não era mais um grito, era um urro. Eu sabia o que estava acontecendo. Era o fim, eu estava perdido.

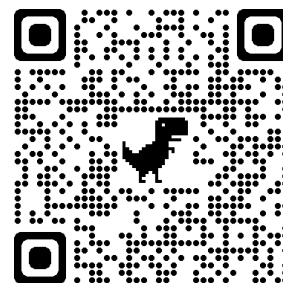
Levantei-me então, vendo meu corpo a três metros de altura e minhas mãos grandes de dedos alongados com unhas crescidas. Já não era mais eu, mas algo em mim que fez surgir uma vontade incontável de abrir aqueles corpos, puxar para fora as vísceras dos cadáveres e afundar minha cabeça nos troncos, empurrando a enorme língua pelo canal de suas traqueias. Respirava ofegante a criatura deformada, a criatura que tomou meu corpo para si, e que agora fazia parte de mim.

E aquela sede de morder defunto movia agora minha estrutura óssea, levando-me em direção aos cadáveres como um cão sedento que encontra água no deserto. Mas antes que pudesse dilacerar aquelas carnes e saciar minha sede macabra, senti uma lâmina cortar-me as pernas. Tombei. Era ele.

Montado majestosamente em seu cavalo negro, o cavaleiro acertou-me com golpes exatos nas articulações, desmembrando-me de forma rápida e precisa. Senti por fim o aço frio perfurando meu tronco, torcendo meu coração, e já não sentia mais nada, nem dor nem agonia. Tudo o que eu via era uma fumaça que virava luz, e essa luz tomou conta de tudo o que se podia ver. E aos poucos a luz foi diminuindo e a vista escurecendo, já não sentia nada, apenas ouvia. Ouvia ao longe outra alma condenada gritando, e já não era mais um grito, mas um urro. E o som de cascos duros batendo e marchando. Trotando, correndo, e os cães latindo à cavalgada macabra do cavaleiro obscuro, do missionário apavorante em sua tarefa bizarra, o coletor de almas.

O BOSQUE DAS ALMAS PERDIDAS

Daniel Canhoto



Eu estava caminhando sozinha pela floresta sombria. O meu vestido, antes branco, estava encharcado do lodo escuro e eu sentia muita dificuldade para andar. Não sabia como havia chegado até ali, mas estava verdadeiramente perdida e o meu coração parecia que pesava, meu peito se comprimia e eu mal podia respirar, então me vi em absoluto desespero. Não, algo estava errado, não era o momento de que me iniciasse na floresta sombria. Durante toda a vida, havia escutado lendas sobre aquele lugar e a apavorante profecia de que o meu destino prometia a minha entrada por aquela medonha e opressora floresta onde os raios do sol jamais tocavam o chão. O que mais me apavorava era que o meu destino e legado me incumbiam de adentrar a floresta das almas perdidas, a floresta intransponível, o bosque do diabo – o lugar possuía muitas alcunhas – mas não prometia a minha volta. Ninguém que foi, jamais retornou. Essas histórias e, sobretudo, a profecia que recaia sobre mim, me apavoravam no exato momento em que a cabeça doía e meus olhos ardiam. Foi quando notei que os ramos de uma medonha trepadeira subiam pelo meu corpo e me apertavam. Eu já não podia respirar. O toque da planta era quente e passou a queimar minha pele mais e mais, até que a sensação se tornasse insuportável. A morte era uma certeza para mim e eu sequer podia gritar por ajuda. Então ouvi, de dentro dos galhos retorcidos da floresta escura, uma voz amigável, a voz de Omã, meu guia espiritual.

– Fuja!

A voz de Omã era desesperada, como a de quem houvesse corrido léguas para ter comigo.

– Como, Omã? Tire-me daqui – eu dizia em pensamentos.

– Você está dormindo. Desperte, salve Abigail e Maritê.

Felizmente eu havia aprendido com minha avó uma técnica para despertar de qualquer pesadelo profundo. Proferindo a sequência correta de palavras, eu podia mexer as pontas dos dedos e, com um pouco mais de esforço, mover o corpo inteiro.

Fogo.

A casa estava em chamas. A mais dura lembrança que assombra os meus dias. O som da madeira velha rangendo, se partindo e caindo sobre nós. Nossas histórias se vertiam em cinzas, as chamas emitiam um lamento medonho enquanto eu mal podia abrir os olhos ou respirar. Doía.

Se me questionarem a veracidade dos sucessos seguintes, eu jamais poderia me justificar, pois me falta a memória clara, apenas tenho consciência de que pude despertar minha mãe e ajudar minha avó, que tremia e dizia palavras ininteligíveis, agarrada à sua pequena arca de madeira, simples no talhe, mas preciosa em conteúdo, insuspeitável, como dizíamos. Dentro havia tudo aquilo de que precisávamos, dizia vovó.

Dentro em pouco, estávamos sobre o Pégaso, meu cavalo. Diante da casa, cerca de três dezenas de pessoas enfurecidas gritavam em couro:

– As bruxas queimarão!

E nos olhos enfurecidos daquela gente eu vi o meu maior pesadelo. E, naquela noite, eu descobri a dúbia virtude do ódio.

Eu me chamo Elizabete e, no momento do triste relato que acabo de contar, eu era uma jovem de vinte anos. Eu cresci numa família de bruxas e morávamos eu, minha mãe Abigail e minha avó Maritê.

Maritê tinha a surpreendente idade de cento e dois anos e a eloquência de uma jovem curiosa e apaixonada, pernas fortes e olhar intrigante. Era sempre questionadora e desafiadora e, sobretudo, desconfiada. Quase nunca se afastava de casa ou saía sozinha, mas, ainda assim, se pode dizer que tinha um espírito aventureiro, pois gostava de subir às árvores e contar histórias sobre suas aventuras juvenis. Diziam que ela havia descoberto um feitiço para a longevidade, o que a fazia rir a largas gargalhadas e logo afirmar que sim, mas que o manteria em segredo até o dia de sua morte. Ninguém mereceria viver tanto assim, por isso, somente ela sabia o segredo, dizia. Vovó possuía uma forte ligação com as plantas. Tudo o que plantava, prosperava, e ninguém sabia mais do que ela sobre as ervas. Possuía mãos mágicas.

Minha mãe, Abigail, era uma moça muito elegante e gostava de se manter bem vestida em longas saias, vivas cores e chapéus um tanto que chamativos.

Tinha cinquenta e três anos e mais paixões pela vida do que se pode contar. Era linda. Com seus cabelos cobreados e uma pele alva como me lembro da Lua cheia.

A terceira integrante da família era eu, a moça corajosa e de cabelos trigosos, desgrenhados e opacos, como dizia mamãe. Sobre mim havia uma profecia revelada às mais antigas da família em sonho. Eu sou aquela cujo destino é descobrir os segredos ocultos da floresta sombria. E para tal façanha, fui preparada durante toda a vida. A corajosa Elizabete, que, na verdade, temia profundamente seu destino. Nunca esteve preparada.

Eu venho de uma família de bruxas de tradição muito antiga, mais antiga do que qualquer um possa se lembrar, mas a história passada de geração a geração nos conta que, antes mesmo das tradições egípcias, babilônicas ou sumérias, nossas mães habitavam uma poderosa e promissora sociedade matriarcal, fundada pela primeira mãe, nossa matriarca mais antiga e reverenciada desde então até os dias de minha vida. A primeira mãe nasceu na floresta e, desde então, era onde passava a maior parte de seus dias em vida, desvendando os segredos da natureza. Diziam que era louca, pois a viam conversando com a Lua, com os animais e com as ervas do campo, mas mal sabiam eles do poder que crescia no mais oculto daquela inocente garotinha.

A primeira mãe logo se tornou muito influente entre os seus, pois dominava conhecimentos que de maneira alguma lhe foram passados pelos mais velhos, mas que, de algum modo, chegavam a ela. São os corvos que contam a ela, diziam uns. Ela ouviu da boca do próprio demônio, sussurravam outros. Ainda assim, a primeira mãe encorajava mulheres a morderem o fruto do conhecimento e se conectarem com o espírito da Grande Mãe: o espírito da natureza. Pouco a pouco, as mulheres se tornavam cada vez mais sábias e influentes, seu poder era imensurável e cabia aos homens, rendidos em encantos, venerarem suas amantes.

Assim seguiu o reinado construído pela primeira mãe, futuroso, se expandindo pacificamente entre as fronteiras dos reinos, cidades e impérios longínquos, até que o mundo mudou. Desde longe se ouviam rumores da chegada de novos homens exemplares, novos deuses e muitas guerras. O conhecimento adquirido e difundido através das culturas inspiradas pela primeira mãe era visto

como ameaça. Então, as mulheres transformadas, passaram a ser caladas, uma a uma, pelas mãos dos novos homens. Algumas fugiram, se dissiparam entre diversas culturas e se calaram. Ouviam-se ainda rumores de chuvas de fogo, incêndios e inundações até que todo o nosso conhecimento e cultura foi perdido e apagado da história, deliberadamente borrado da memória do mundo, até que as poucas referências sobre aquelas antigas práticas se transformaram em lendas, alusões esquecidas, divergentes da magnitude que um dia tiveram. E assim seguiu o reino dos homens sobre a terra até os dias de hoje.

Entre as descendentes da primeira mãe, se reconhecia uma marca, no dorso da mão esquerda. Era idêntica às luzes vistas no céu no dia do nascimento da primeira mãe e que seguiu gravada em suas filhas até os dias de hoje. Eu nasci em uma família de mulheres e todas possuímos a marca. Ao redor do mundo, em todas as sociedades que se possa imaginar, existe uma de nossas irmãs que leva a marca sobre a mão esquerda. E assim nos reconhecemos, nos saudamos e tentamos manter vivos os nossos conhecimentos, antes que nos esqueçamos. Logo, nos dissipamos. Minha avó me contava que essas marcas tornariam a surgir no céu e, quando a víssemos, poderíamos conversar com elas e receber, assim como a primeira mãe, parte do conhecimento de uma sociedade que vive muito acima de nós, sobre os mundos superiores. Essa história que conto me foi contada por minha mãe, que, por sua vez, ouviu de minha avó e assim sucessivamente, mantendo viva a tradição entre as filhas da primeira mãe. Sou de uma família de tradição matriarcal, o que quer dizer que não reconheço a imagem de um pai ou avô, mas ouço as mais lindas histórias sobre amantes incontáveis. Os filhos que por ventura nascerem de nossos ventres serão, muito provavelmente, entregues aos seus pais ou seguirão caminhos vários de má e boa sorte, como serem vendidos ou, em casos raros, educados sob os saberes bruxos, o que é muito perigoso, pois, ao que parece, os homens são ensinados, cedo ou tarde, a transfigurarem seus saberes e poder em opressão sobre os demais. Outro fator que vem levando os homens da família para longe de nossa criação é o fato de que, onde vivemos, não é muito bem visto o homem que tenha aprendido o ofício das mulheres da casa, assim que, sempre que possível, suas mães os entregam aos seus amantes para que aprendam o ofício de

seu pai. Depois disso, é muito difícil reconhecer um dos nossos filhos com o passo dos anos, pois não possuem a marca.

Nossas irmãs, caladas, se espalhavam pelo mundo, se encontrando pela simples casualidade, trocando um feitiço ou outro e se despedindo. Moças livres, cultas e plurais. Curandeiras, parteiras, tarólogas, astrólogas, camponesas, meretrizes... Todas desafiando um mundo hostil sem a sombra de um marido ou a proteção de um pai.

Eu sou filha de um músico chamado Benjamin e é por isso que sempre acordo com uma doce canção nos lábios. Minha mãe conta que foi a maior de suas paixões. Um homem loiro, de corpo ágil, mas esguio, que exibia sempre um lindo sorriso e um par de covinhas. Quando tocava seu violino, os pássaros desciam para escutá-lo.

Nós três éramos conhecidas como curandeiras, parteiras, cozinheiras e conselheiras. Assim levamos nossa vida, construímos nossa casa e guardamos economias para o dia em que precisássemos partir. E esse dia chegou.

Bruxas. Nem sempre fomos chamadas assim. Bruxas. As bruxas queimarão. Até hoje desperto sem o ar nos pulmões e descubro que todo o meu tormento não se passa de um pesadelo, uma memória dolorida.

Aos poucos, tivemos que ir nos mudando cada vez mais para a margem da cidade e não podíamos frequentar os mesmos lugares que antes. Éramos hostilizadas pelos filhos que minha mãe e avó ajudaram a trazer ao mundo. Éramos vistas com desprezo pelas mulheres que ajudamos a curar. Nos separavam, no mercado, as piores frutas, as mais murchas ervas, e assim fomos morar numa casa improvisada, de madeira, à beira da floresta.

Então eu me via, sobre o cavalo, fugindo do fogo com minha família para o escuro imprevisível do bosque próximo. Não poderíamos voltar. Passamos dias ali, presas na mata. Nos perdemos. Os corvos nos visitavam trazendo regalos. Agradecíamos. Omã me apareceu depois de três dias e nos guiou, garantindo nossa sobrevivência.

– Vocês têm algum destino em mente?

– Omã, estamos perdidas. Nosso destino é, com sorte, permanecermos vivas até o dia seguinte.

– Sendo assim, creio que minhas visitas já não se farão necessárias. E direi aos corvos que descansem, pois vejo diante mim uma bruxa cega. Tempo perdido.

– O que quer dizer com isso, Omã?

– Ora, eu não poderia ser mais claro, mas, já que insiste na negação, eu posso explicar o óbvio. Cega, uma bruxa cega. Cego é aquele que é incapaz de ver. Agora, já tendo me excedido nas palavras, eu preciso me retirar, pois, se fico, só me restará te ensinar a ver, mas esse dom é natural a qualquer um que tenha olhos. A convivência com aqueles que com o fogo ferem e destroem te usurpou até mesmo os olhos naturais.

E Omã estava certo. Vagávamos amedrontadas pela floresta, como se destituídas de casa, entretanto, éramos filhas da floresta mesma, maestras das forças naturais. Pude me sentar sob o sol e esperar. Sem medos. Até que a luz da Lua surgiu, cheia, enchendo tudo com sua paz azulada, clareando, renovando. Eu pude ver. Minha mãe e vovó se sentaram juntas a mim. Eu vi, perto dali, alguns cogumelos que pareciam refletir a luz prateada da Lua. Os ofereci a mamãe e a vovó, que soltou uma de suas gargalhadas. Então pudemos partilhar da mesma visão. Ainda sabendo nosso destino, decidimos ficar mais alguns dias na floresta, aprendendo com o espírito ancestral que por ali passeava. O destino estava posto, o momento havia chegado. Ouvia-se falar da floresta intransponível, situada numa cidade longínqua, pequena, mas, ao menos, não possuía um folclore rodeado de más histórias, exceto por sua floresta. Seguimos na direção indicada pela estrela cadente que nos veio pela visão dos cogumelos. Meu otimismo se converteu em receio, pois, ao chegar à cidade, fui tomada por um mal presságio. A cidade à beira da floresta sombria. Ao chegar, eu seria treinada intensamente pelas minhas matriarcas para cumprir o meu destino de adentrar pelos galhos retorcidos e, com sorte, voltar trazendo comigo o que não se sabe. Toda essa nuvem de incertezas me assolava e estorvava os meus passos.

A cidade era excessivamente sombria. Uma escuridão que era sentida não somente pelo sentido dos olhos, mas também pesava sobre o tato. Sequer a Lua cheia era capaz de iluminar aquele céu escondido por nuvens escuras que anunciavam uma chuva que jamais caía. A impressão que eu tinha era de que a noite se estendia muito mais que o dia, que parecia uma tênue aurora de tão breve.

Assim era difícil plantar qualquer coisa, mas nada nunca faltava naquela cidade que, ainda que pequena, parecia prosperar. Tudo era enviado desde fora àquele lugar. Ainda que aquele céu e aquele solo parecessem malditos e pouca coisa vingasse sob o chão além da espeda floresta maldita, estávamos seguras de que as mãos mágicas de minha avó fariam brotar até mesmo as mais delicadas flores.

Com a posse certa de um cavalo moribundo e uma caixa misteriosa entre as mãos de Maritê, pusemos nossos pés na cidade e seguimos nosso caminha incerto. Noite alta, céu sombrio e infinito. Parecia que haviam apagado os luminares celestes daquela pequena parte do mundo. E o frio nos amedrontava um pouco mais. Ainda que, pelo passo das horas, não víssemos muitos sinais de pessoas aos redores, tentávamos não ser vistas, seguindo por caminhos mais à margem da cidade. Ainda assim, vez ou outra, olhávamos para trás, sob a constante sensação de estarmos sendo observadas.

Paradas à margem da floresta maldita, exaustas, nos deparávamos com uma casa visivelmente abandonada e ligeiramente afundada no solo desde o lado direito.

– Perfeito, – disse mamãe ironicamente – a casa das bruxas.

Entramos. Ainda havia lenha cortada posta ao pé da lareira e a mobília estava em seu lugar, como se a casa houvesse sido deixada às pressas sem pretensão de reaver os pertences ali deixados. Uma casa amaldiçoada. Perfeito, como disse mamãe.

Seguimos alguns dias ali. Vovó preparava o jardim que prosperava em um ritmo surpreendente. De fato, em suas mãos, havia o dom da vida. Tudo florescia desde suas palmas e, ela mesma, se mantinha viva e florida com o passo dos anos agressivos que, a ela, passavam brandos. Mamãe me ensinava os saberes da floresta, da clarividência, entre outras ciências pertinentes à minha iniciação pelas árvores do mal. Mas mamãe nunca havia transposto a escuridão daquela natureza, o que poderia então me ensinar? Eu me via encarando a escuridão daquelas folhas por horas, temerosa do que me esperava. Era chegado o momento, e eu só conseguia desejar que a escolhida fosse outra filha da primeira mãe que não eu, a corajosa Elizabete. Desejava ter nascido homem para seguir a profissão de meu pai, enchendo o mundo com agradáveis melodias, sem a promessa sombria de adentrar

a escuridão, de onde eu ouvia os mais grotescos murmúrios de criaturas que causavam arrepios à imaginação.

Íamos, timidamente, à feira ou ao mercado da cidade. Tentando não chamar muita atenção nem responder a muitas perguntas, mas nos olhavam como se fôssemos selvagens de qualquer outro mundo distante. Aquelas pessoas pareciam haver se adaptado à escuridão densa da cidade e trajavam lindas cores e sorriam quase sempre. Eram educadas e, dentro do possível, seguiam sua rotina sem tentar interferir muito na liberdade daquelas desgrenhadas estrangeiras.

Compramos novas roupas e tentamos nos inserir no convívio da sociedade. Minha mãe confeccionou lindos chapéus que logo fizeram sucesso no meio daquelas mulheres tão asseadas. Vovó chamou atenção por suas plantas e pelas flores que jamais se viram brotar daquele solo obscuro. Eu permanecia mais tempo em casa, estudando e seguindo com o meu intenso treinamento. Desejosa de uma trégua que fosse do medo, da rotina desgastante ou da escuridão permanente derramada naquele céu. Dormia sem imagem de sonhos que pudesse recordar pela manhã e me levantava ainda sem ver a luz do sol.

E veio ter conosco o antigo dono da casa que agora ocupávamos. Vovó, sempre desconfiada, o recebeu com palavras ríspidas, mas eu e mamãe logo a acalmamos, pois aquele homenzinho não parecia oferecer perigo. Na verdade, parecia apavorado.

Estevão era seu nome. Um sujeito baixinho e gordinho de mãos pequenas e inquietas, palavras curtas. Parecia-me cômico. Em alguns momentos senti vontade de rir de suas maneiras, mas me contive. Era viúvo e nos contou que perdeu toda a família naquela casa. Não exigia muito por ela, estava pronto a negociar e partir dali. Creio que, se oferecêssemos o que fosse, quiçá uma vassoura, ele sairia dali satisfeito. Contudo, não somente pelo fato de aquela casa lhe causar clara repulsa, mas também por algo em sua maneira de se portar e mover os olhos redondos, negros e inquietos entre as moças da casa e a porta, que tive a sensação de que ele temesse também a nós, pobres moças. Ainda que, ao nos falar desde a porta, houve uma tentativa de expressar uma certa autoridade ao dizer:

– Gostaria de falar com o senhor desta casa.

– Aqui não há senhor, então sugiro que volte por onde veio – contestou vovó.

Sua inquietação, o fato de não tirar os olhos de nós e seu receio por negociar com mulheres me fez pensar naquele momento que já corria pela cidade o rumor de, na casa amaldiçoada, habitarem bruxas.

Vovó abriu sua pequena arca e de lá retirou peças de ouro e as entregou ao moço, para minha surpresa, bem como para a dele. O que mais abrigava aquela caixa?

– Acho que isso paga.

– De certo – respondeu o homenzinho e saiu apressado porta afora.

– Sujeito esquisito – disse Maritê.

Omã me aparecia nos momentos mais difíceis. Era um espírito guia, conselheiro, mas não aparecia em quaisquer ocasiões. Sua visita dependia essencialmente da minha solidão, depois eu precisaria estar em meia à floresta ou em plena escuridão. Ele pode aparecer sobre diversas formas de homem e às vezes tardo em reconhecê-lo. Suas roupas, seu sotaque, sua cara, tudo pode mudar. Às vezes tardo tanto em vê-lo que parece que ele se esqueceu de mim, mas quando eu não espero, estando em perigo ou ante um mal iminente, logo me surge Omã. Em meio à floresta ele pode assumir a sublime forma de um cervo branco, iluminado, visão suave que aos poucos vai se perdendo em meio à neblina. E foi assim que o conheci por primeira vez.

Em um de meus testes, sozinha, em meio à floresta, eu era uma criança de oito anos.

– Deixe a menina ir, Abigail, é a vontade da Grande Mãe – dizia vovó.

E então mamãe me soltou e eu caminhei um pouco mais adentro em meio à floresta. Perdida e com medo, ouvindo os sons ininteligíveis ao meu redor, observava a água de um riacho. O som da água sempre me acalmava, mas não naquele momento. Ia escurecendo e eu ainda não havia entendido o motivo de estar ali. Do riacho, subia uma neblina que parecia tomar forma e ia descendo até a margem, se moldando nos contornos de um cervo branco que saciava sua sede no riacho. Parecia emitir uma frágil luz ao passo que deixava parte da luz atravessá-lo e

assim eu podia ver um pouco da paisagem através dele. Então ele se virou para mim.

– Olá, Elizabete.

– Como sabe o meu nome?

– Eu a tenho acompanhado por mais de mil anos – sua voz vinha não de sua boca, que permanecia fechada, mas de algum lugar desde o alto de sua cabeça.

– Isso é impossível, eu tenho apenas oito anos.

– Isso é verdade, mas o espírito é ainda muito mais antigo do que podemos contar ou nos recordar.

– O que você quer comigo?

– Ora, você quem me chamou.

– Onde você mora?

– Eu moro muito longe daqui e, ao mesmo tempo, aqui mesmo.

– Não estou entendendo.

– Eu moro em outra dimensão, mas o meu e o seu espírito estão entrelaçados, de modo que, onde quer que eu esteja, você estará também.

– E quem é você?

Nesse momento, o corpo cervídeo de Omã já havia se desfeito, se confundindo com a fumaça que subia do riacho. Logo atrás de mim eu ouvi uma voz.

– Eu sou Omã.

Virei-me e Omã havia se tornado um homem jovem de bigode com extremidades pontudas, olhos expressivos e vestes negras.

– E o que você é?

– Eu sou você, Elizabete. Eu sou um fractal de você, mas eu sei de coisas que você não sabe ainda. Eu habito um lugar onde já não há tanta dor quanto aqui. Agora tente não se esquecer de mim e volte para casa. Siga aquele coelhinho branco.

Eu tinha seis anos.

– Eliza, acorde. Venha comigo, meu amor, temos visitas.

Minha mãe me levou até a sala onde estavam muitas irmãs anciãs me esperando.

– Essa é uma visita muito especial. Cada uma dessas mulheres é uma de nossas irmãs, e elas vieram aqui somente por você.

Algumas das senhoras me mostraram a marca dos céus na mão esquerda.

Minha avó surgiu diante mim com um notável sorriso.

– Ah... Minha querida neta. Você foi agraciada pelos deuses.

Abraçou-me ternamente. A mais velha dentre aquelas mulheres me pôs no colo e começou a me contar sobre o meu destino.

– Creio que já ouviu as lendas sobre a floresta intransponível.

Meus olhos cresceram.

– Sim, vovó sempre me conta. Eu tenho muito medo.

Certas de que a notícia de sermos bruxas já havia se espalhado pela cidade, mamãe e vovó trataram de se introduzir ainda mais no convívio daquela cidade, porém, os homens se mostravam inflexíveis e indiferentes a elas, não lhes dirigiam olhares, apenas furtivos, apenas de longe; evitavam referir-lhes a palavra, mas ao longe sussurravam. Em meio a todo o desprezo, parecia haver um receio, um medo.

Por outro lado, com as mulheres, o convívio era muito mais agradável. Trocavam receitas, aconselhavam, realizavam partos e distribuíam poções, conquistando assim o prestígio de todas.

Como eu passei a ficar mais tempo sozinha e a cidade oferecia pouca luz, as visitas de Omã se intensificavam. Assim, minha mente não ficava tão confusa e eu tinha alguém para conversar.

– Você passa muito tempo contemplando essa floresta, não acha?

– O que você acha que pode haver lá dentro, Omã?

– Ora, se eu soubesse, lhe diria. Se você entrar, a minha consciência se elevará, de modo que dependo de você e você depende de mim.

– O que você sabe sobre ela?

– Não mais do que você, apenas sei que se trata de algo mais que uma floresta densa. A floresta das almas pedidas é um portal para outras dimensões. A dimensão que espera cada um depende de como se encontra seu espírito no momento da entrada, você pode ser presa eternamente nas trevas ou levada aos reinos superiores e não desejar voltar ou, quem sabe, se esquecer de quem você é num sonho eterno.

– Você acha que eu vou voltar?

– Eu conto com isso.

– Eu estou cansada, Omã. Todos ao meu redor, incluindo você, vêm me preparando para transpor a densidade negra da floresta, mas ninguém sabe ao certo o motivo disso, ninguém nunca esteve lá. Todos parecem ter mais certeza do que eu, no entanto, eu sou a escolhida. O que acha que me espera lá dentro? Por que eu não posso desistir?

– Você já sabe o que te espera lá. Você já retornou com a resposta. Só precisa achar o momento entre a sua ida e sua vinda. O destino de nossas jornadas não importa. A resposta está na travessia. As moças do nosso convívio eram gentis, nos presenteavam com objetos ou valores e assim prosperávamos na cidade, ainda que fôssemos vistas com certo receio e, ao mesmo tempo, curiosidade. Não cultivávamos amizades verdadeiras, tudo parecia superficial, como se um sepulcral segredo pairasse sobre aquela gente, mas todos se esforçassem em nos distrair do que de fato existia sob a densa escuridão daqueles dias. Os homens nos seguiam nas ruas desde longe, sussurravam nos ouvidos uns dos outros e não fitavam nossos olhos. Se adentrávamos algum ambiente, os víamos partir quase que de imediato com uma leve saudação como “senhoras” ou “senhorita”.

Alguns comentários estúpidos chegavam a nós, de certo, já se tendo instaurado a certeza de sermos bruxas excomungadas do convívio social de qualquer outra cidade distante dali.

– Onde está o patriarca de vossa família. É falecido?

– Nunca as vi na igreja, onde fazem suas orações?

– Ora, para mulheres, até que vocês são muito bem instruídas. Esses dias tive a impressão de ter visto Elizabete lendo.

– Vocês sabiam que a casa em que vivem é assombrada? Estão certas de que nunca viram nada por ali? As mulheres quase sempre eram vistas juntas a seus maridos. Quando vistas sozinhas, de certo o marido a espreitava não muito longe dali. Não havia casa em que não houvesse um homem e se, por ventura, o patriarca falecesse e restassem apenas mulheres, logo todos da cidade se encarregariam de encontrar uma nova figura patriarcal.

Minha mãe e minha avó tentavam estar presentes em todas as situações sociais possíveis, assim, frequentavam desfiles, casamentos, bailes, aniversários e funerais. Com exceção das missas, o que já era motivo para muitas indagações e suposições.

Era dia chuvoso e nos reuníamos para um enterro.

– Sempre chove quando há um funeral – ouvia-se.

Mamãe esteve ao lado da viúva todo o tempo e se encarregou de cuidar da mesma durante o luto, com seus chás que faziam dormir e curar a dor em poucos dias.

Certo dia cheguei a casa, vinda de umas de minhas andanças solitárias, e vi mamãe ao lado da viúva que, mesmo tendo passado o período estipulado do luto, se via em prantos. Mamãe a pôs para dormir.

– O que há com ela, mamãe?

– Não passa nada demais. Está em prantos, pois ainda não encontrou um novo marido.

– E o que há de mal nisso?

– Ao que parece, quando se cumprirem dezessete dias, caso ela ainda não o tenha encontrado, sofrerá restrições, será aos poucos retirada do convívio social, pagará impostos altos, entre outras penalidades absurdas. Insustentável.

– Mas se isso acontece a ela, que nasceu aqui, e quanto a nós? Que somos estrangeiras?

– Sim, pra todos os efeitos, somos estrangeiras, as leis internas a esta cidade ainda não foram aplicadas a nós, mas o que me preocupa no momento é a situação de Dorothy.

– Mas, me desculpa a indelicadeza, mamãe. Já temos nossos problemas, por que se preocupar tanto pela viúva?

– Eliza, não sei se me entende, filha, mas eu me recuso a me entregar a qualquer homem desta cidade.

– Eu entendo, mamãe.

– Eu e Dorothy nos apaixonamos, e eu estou disposta a protegê-la.

Dorothy desapareceu poucos dias após e mamãe se enlutou pela perda.

Para manter as aparências e afastar os rumores sobre sermos bruxas, passamos a frequentar a igreja, mas convencíamos a poucos. Nossas vestes eram distintas, não conhecíamos os costumes e vovó se mostrava visivelmente incomodada com a situação.

– O papel da mulher se realiza em servir a seu marido. Uma casa sem um patriarca é amaldiçoada, por isso muitas se retiram de nosso convívio, pois não atendem às leis celestiais – dizia o padre –, assim, Deus há de amaldiçoar a sociedade que atua destoante de Sua vontade. Da primeira mulher, mãe de todo mal, Eva, nasceu o malefício do pecado e da condenação eterna, de modo que toda mulher deve ser velada dos saberes obscuros e manter-se sob a luz das escrituras sagradas e do convívio do lar, para que não se corrompa novamente e subverta a autoridade de seu marido.

– Amém – disseram todos.

Na cidade havia um colossal castelo, tão imponente quanto sombrio. De elevadas torres e esguias janelas, era habitado pelos mais nobres senhores daquele lugar. As maiores autoridades da cidade da floresta maldita eram o padre e, sobretudo, o Lorde Belly, cujo fama era circundada por lendas heroicas.

Do castelo se viam sair homens muito formosos em lindas carruagens e cavalos que pareciam saídos de pinturas. Homens que andavam a pares, mas quase não se via a presença de esposas, empregadas nem avós. Diziam que as mulheres dos senhores do castelo Belly eram mantidas em quartos cobertos de luxo, tendo seus empregados particulares sempre à disposição. Eram vistas somente em ocasiões excepcionais, acompanhadas de seus maridos. Quase não falavam com as mulheres de fora do castelo e mantinham um véu sobre o rosto. Exibiam vestidos exuberantes, alguns, de cores jamais vistas antes, muito admirados pelas outras mulheres. Seus pulsos, dedos e colos eram enfeitados pelas mais lindas joias. Todas sonhavam em ser uma senhora do castelo Belly. O padre ministrava a missa separadamente a elas, dentro do castelo.

Certo dia recebemos a visita inesperada de Lorde Belly, um homem muito bonito, de cabelos loiros muito claros e barba impecável. Trajava lindas vestes em

tons marrons e branco e vinha montado em um cavalo negro como a noite e igualmente imponente. Pensei nunca ter visto um cavalo tão grande.

Chamou à nossa porta e nós três a atendemos.

– Gostaria de falar com o patriarca da casa.

– Não há ninguém com esse nome aqui. Ora, o que há com a gente desta cidade? – respondeu vovó, fechando a porta.

– Mas, mãe, vamos ao menos ouvir o que ele tem a dizer – disse mamãe, abrindo a porta novamente. Perdoe-me pela atitude de minha mãe, senhor.

– Vejo que conseguiram cultivar um lindo jardim ao redor da casa. É encantador. O que é aquilo? Ah, é sávila?

– Sim, o senhor pode pegar um pouco se quiser – respondi.

– Obrigado. Eu também trago algumas prendas que creio que sejam de seu agrado.

– Ah, por favor, queira entrar – disse mamãe.

Lorde Belly parecia ser um homem muito cortês. Nos trouxe especiarias, vestidos e perfumes, porém, em dado momento da conversa, tornou a tocar no assunto sobre a ausência da figura masculina em nossa casa.

– Não sei se as senhoras já sabem, mas nossa cidade mantém certos costumes tradicionais e não é bom que uma mulher ande sozinha pelas ruas ou que uma casa se veja sem o seu patriarca. Caso não haja um senhor que comande sobre a casa, nosso conselho estipulará alguns dias para que seja anunciada a pretensão de um matrimônio e o nome do noivo. Caso contrário, bem... digamos que a convivência passe a ser impossível em nosso meio. Eu espero que me entendam. Tudo isso é para o seu bem. Não daremos, por enquanto, um prazo para que se adequem aos nossos costumes, mas aconselho que passem a se preocupar com isso.

Lorde Belly nos deixou sob o olhar fervilhante de minha avó e deixou um silêncio pesado pairando sobre a sala.

– Elizabete é uma moça jovem e bonita. Creio que não terá dificuldades em encontrar um noivo – disse o Lorde antes de sair pela porta.

Na igreja eu havia notado um jovem rapaz. Seu nome era Uriel, um garoto moreno, de cabelos lisos repartidos, lábios rosados e estatura mediana. Era agradável, mas o que mais me chamava atenção era o seu traseiro. Era carnudo, bonito como eu nunca havia visto e eu, vez por outra, descansava o meu olhar sobre ele, distraída. Uriel era muito tímido e eu sempre o via, ao longe, acompanhado de sua avó. Às vezes o via olhar furtivamente para mim e recuar constrangido quando os nossos olhos se cruzavam. Talvez ele me admirasse, talvez me desejasse e eu tinha ali, mais que um desejo, uma necessidade. O segui depois da missa e o vi entrar numa espécie de feira de flores e esperei que estivesse sozinho em um corredor para poder me aproximar.

– De onde vêm todas essas flores?

– Ah... Essas? Bem... Vêm da cidade mais próxima – respondeu Uriel, desconsertado. Não temos flores em nossa cidade, como se vê, não notamos o passo das estações, mas mantemos a tradição de realizar, todos os anos, o desfile de primavera.

– Ah, sim. Pode me contar um pouco mais?

Eu me aproximava, abria mais o decote e sentia sua respiração ofegar, sua voz tremer.

– É... Bem... Todos os anos, as jovens donzelas da cidade se vestem em seus melhores vestidos e se enfeitam com flores e desfilam pelo caminho florido, nas horas mais claras do dia. Os rapazes ficam ao longo do caminho segurando buquês dos mais diversos tipos e entregam uma flor a uma ou mais garotas que desejem cortejar. Ao fim do desfile, a garota que portar o maior buquê será a rainha da primavera.

– E como você se chama?

– Uriel... Eu me chamo Uriel, doce donzela.

– Eu sou Elizabete.

– Encantado.

– E se eu participar do desfile, Uriel... Você me daria uma de suas flores?

Toquei sua mão que segurava um lindo crisântemo alaranjado e a elevei até o vão dos seios, onde encaixei o caule da flor. Sua mão tremia e ele recuou apressado.

– Desculpe, preciso ir. Vovó, onde está você?

E então Uriel encontrou sua avó e eu pude vê-la de perto e notar que ela tinha a retina dos olhos acinzentadas. Era cega.

– Uriel, espere.

– Até o dia do desfile, bruxa – ele se conteve e se virou – digo... até o dia do desfile, Elizabete... Me perdoe.

– Uriel! Eu posso curar a sua avó.

Uriel parou e se virou, sua avó também se virou, lentamente. Ele veio andando em minha direção.

– Não brinque com isso, Elizabete – disse Uriel com os olhos úmidos, ferozes e, ao mesmo tempo, esperançosos.

– Eu prometo. Esteja em minha casa ainda hoje e, no desfile, entregue sua flor somente a mim.

Uriel me bateu à porta mais cedo do que eu poderia esperar. Parecia nervoso, mas mamãe e vovó gostaram dele e o fizeram entrar e comer e, logo, ele parecia mais à vontade. Conteí sobre nossos planos e ambas concordaram. Uriel se faria meu noivo, estaríamos livres de Lorde Belly e sua avó seria curada.

No dia do desfile, coloquei o lindo vestido presenteado pelo Lorde e, para a surpresa de muitos, a única donzela presenteada por Uriel fui eu, o que despertou a competição de alguns outros garotos que também me ofereceram algumas de suas flores. Não me tornei a rainha da primavera, mas alcancei o terceiro lugar. Muito bom, para uma bruxa.

Voltei a casa com Uriel, que passou a nos frequentar caso recebêssemos mais uma visita inesperada de Lorde Belly. Tratei de desaparecer algumas vezes com o jovem rapaz e não pude resistir a tocá-lo e sentir o macio daquela carne... Vez ou outra eu tampava sua boca que proferia nervosas censuras enquanto eu somente ria.

Estávamos as três mulheres da casa e Uriel jantando à mesa. Minha mãe me chamou à cozinha para conversar.

– Eliza, eu estou preocupada. Não posso curar a avó desse garoto. Você bem o sabe. O que faremos?

– Não se preocupe, mamãe. Quando eu adentrar à floresta, vou perguntar à Grande Mãe o que fazer e ela certamente me dirá.

Lorde Belly bateu à nossa porta dizendo a famosa frase.

– Gostaria de falar com o patriarca da casa.

Então levamos Uriel até ele.

– Volte para casa Uriel, sua avó precisa de você e deve estar preocupada.

O garoto fugiu correndo sem contestar, apavorado pela presença do Lorde e, desde então, não retornou à nossa casa.

– O conselho decretou trinta dias. Vocês têm trinta dias – disse Lorde Belly.

Na igreja eu não encontrava outro rapaz que me interessasse e Uriel já não mais me dirigia olhares. Os homens da cidade se tornavam cada vez mais hostis e nos olhavam com feições medonhas, de desprezo. Todos se calavam com nossa chegada e nos olhavam na rua, nas lojas, em todos os lugares. Ao longe, no Castelo Belly, pude ver três forças que pendiam de uma árvore cinzenta.

O padre seguia com o seu sermão.

– Satanás espreita em nosso meio buscando a quem possa corromper. As mulheres são suscetíveis à voz do demônio. Protejam suas famílias e seus ouvidos. Permaneçam à sombra da cruz e à luz das sagradas escrituras. A mulher não deve saber mais do que os ensinamentos divinos, pois sua mente é frágil e perigosa e todo o conhecimento que receber poderá ser vertido em trevas e perversão. Por isso ela não deverá aprender a ler. Ainda habitam, em nosso meio, bruxas que entregaram suas almas aos conhecimentos ocultos de Satanás – o tom de sua voz subia ritmado pelos trovões e a igreja ouvia em aparente calma – e bastou, a muitas delas, a simples leitura de um livro aparentemente inofensivo para despertar o mal que as habita. Veja se entre nós não se encontra uma filha de Satã que leva em seu corpo a marca da Besta. Vejam!

Todas as mulheres examinavam umas às outras, retirando luvas, examinando seus pescoços e riam. As feições duras e furiosas do padre, seu rosto em tons vermelhos, paralisado. Pude ver mamãe tampar, delicadamente, sua marca, pondo uma mão sobre a outra. Pelas ruas eu podia ouvir o galope do cavalo de Lorde Belly sempre nos espreitando. Pelas paredes externas de nossa casa, vimos crucifixos pregados e, nos degraus das escadas, havia um bode com suas entranhas

expostas. A sequência de acontecimentos que sucediam foi de muito assombro. Os dias nunca foram tão negros. As mãos de vovó já não traziam a vida como antes e seu aspecto era cada vez mais cansado, até que adoeceu. Ouvíamos os galopes do cavalo negro ao redor da casa durante a noite e vultos incessantes. Animais mortos apareciam em nossa porta e as frutas que trazíamos do mercado apodreciam em um ritmo inacreditável. Nossa magia ia se perdendo e vovó dizia termos sido amaldiçoadas. No jantar, certa noite, senti algo em minha garganta e, logo, me engasguei. Mamãe me ajudou e, da minha boca, vimos sair um medonho escaravelho que caiu virado sobre a mesa, movendo suas asquerosas patas. Ao lado de fora da casa víamos, frequentemente, a figura de um homem que nos espreitava e, pela manhã, podíamos ver ranhuras sobre a madeira da porta que contavam os dias que nos faltavam. Omã havia sumido. As poções de mamãe se vertiam, misteriosamente, em algo semelhante a um sangue escuro e espeço e eu a via sentar no canto da casa maldita e chorar copiosamente.

Quando ainda faltavam oito dias para que se findasse o decreto de Lorde Belly, o mesmo apareceu em nossa casa.

– Sim, é isso que estou propondo, que se case com meu filho Dominic Belly – disse o Lorde.

Então vi passar pela porta um jovem de nariz fino e delicado, olhos grandes e serenos, cabelos macios e castanhos. Segurava um buquê de lindas flores amarelas que ele logo me entregou. Eu confesso que nunca havia visto um rapaz tão bonito quanto aquele que ocupava o centro da sala. Parecia iluminar o interior sombrio daquela casa maldita. Desde então, me senti presa naqueles olhos negros que eram como grandes faróis. Eu tinha tanto medo. A casa tinha um ar pesado e sombrio e quase não falávamos umas com as outras. Ao sair, sentia o cavalgar desconforto de ter sempre um olhar opressor pelas minhas costas, mas, ao me virar, me deparava apenas com as corriqueiras sombras da rua desabitada. As feições dos homens se contraíam ao nos virem passar e o silêncio se estabelecia, absoluto.

Mamãe se recusara a ceder minha mão a Dominic Belly, o que não impediu que a inveja de todas as moças de cidade se despertasse contra mim, ao mesmo passo que todos os homens nos olhavam de forma intimidadora e nos incitavam a

ceder à proposta e sempre faziam questão de nos lembrar que os trinta dias logo se findariam.

Eu confesso que não podia esquecer aqueles olhos, nem o perfume suave de Dominic nem sua voz que soava como um órgão divino, firme e, ao mesmo tempo, suave, sem desafinar ou oscilar. A silhueta volumosa sobre suas vestes em tons branco e azul noturno me fazia me distrair das penumbras daqueles dias e sonhar por alguns instantes furtivos.

Ao início daqueles dias ainda mais sombrios, as horas de sono eram poucas e seguiam em absoluta escuridão, sem sonhos. O silêncio se tornava enlouquecedor.

Ao redor da casa, ouvíamos passos e arranhões pelas paredes e criamos estar enlouquecendo, todas juntas, como quando na noite em que, na véspera do fim do nosso prazo de trinta dias, ouvimos batidas vindas do lado de fora da casa e elas iam aumentando em número e força até o ponto em que a casa passou a estremecer, as xícaras sobre a mesa davam pequenos saltos e ouvíamos sussurros medonhos que diziam “queimem as bruxas”. Ao sairmos da casa, apavoradas, nos deparamos com os derredores vazios. Ficamos em silêncio enquanto mamãe chorava em agonia, ajoelhada sobre a lama.

Na mesma noite, ainda pude deitar-me para dormir, mas logo acordei com um estrondo e me deparei com a figura disforme de Omã, desnuda e pegajosa, disposta sobre o chão, ofegante. Dirigi-lhe algumas perguntas, sem achar respostas, em seguida o vi dilatar a mandíbula de forma descomunal, então regurgitou uma massa escura e acinzentada que tomou a forma de um corpo humano com minhas feições, tremulante. Omã se debruçou sobre o corpo no chão e vomitou sobre ele um líquido branco mal cheiroso. Logo dirigiu seus olhos avermelhados e agonizantes a mim, como os olhos de quem pedisse socorro. Diante tamanho assombro, me dispus a correr para longe da casa, já sendo noite alta e arranhada dos galhos dispostos na escuridão ao longo da estrada, me surpreendi ao ser detida pelos braços calorosos de Dominic, então pude ter um pouco de paz no momento exato em que ele me fez perceber os raios alaranjados de um sol que lutava em nascer em meio ao pretume eterno daquele mundo esquecido pelos deuses. Mamãe, por fim, decidiu ceder à proposta de Lorde Belly, tamanha a desolação e falta de expectativas além dos

horizontes turvos daquela cidade. Estava eu prometida aos rituais infames de um casamento cristão, com todas as suas consequências. Ainda sobre a superfície de tamanho temor e assombro, eu tinha as palavras afáveis de Dominic que diziam coisas magníficas como: “minha querida, tenho visto em seus olhos as cores jamais vistas por estes lados sombrios do mundo. Seu riso é como o de pássaros que somente pude sonhar e seu perfume promete borboletas de um amarelo que de certo verei somente depois da vida, quando me seja agraciada a visão dourada da paz eterna onde você certamente estará.”

Fugindo das trevas, de todo o julgo e olhares sobre as costas, eu tinha a presença de Dominic por poucas horas que me fazia esquecer de toda a opressão da cidade sem estações e vê-lo flechar os corvos que sobrevoavam os telhados agudamente inclinados das casas. Logo quis aprender o ofício das flechas e me saí virtuosa após poucos dias de prática, mas não alvejava os pássaros, explicando a Dominic que não era de nossa prática ferir qualquer alma viva. Ele então me disse que os pássaros não têm alma, o que me fez rir de sua inocência e vê-lo lindamente irritado. Eram as horas mágicas do dia.

A lareira em nossa casa emitia um gemido horripilante quando nós três, na tentativa inútil de nos aquecer nas horas mais gélidas do dia, nos reuníamos em volta da chama moribunda sem sequer contar histórias de aventuras ou meditações. Os pesadelos assolavam não só a mim, mas os gritos fortuitos das madrugadas vinham também da boca das matriarcas, e assim seguiam os dias feitos de trevas e as noites sem descanso, feitas dos mais horrendos pesadelos.

– Por que você passa tanto tempo olhando para a floresta das sombras? Ouvi dizer que, quem se atreveu a adentrá-la, jamais retornou. Eu teria medo, se fosse você, morando tão à margem do perigo.

– A floresta me dá arrepios, mas, ao mesmo tempo, é meu destino. Eu não posso escapar. Você já se viu preso a um destino que não queria, não entendia, mas não poderia escolher uma alternativa de fuga?

– Sim... Na verdade, é assim que me sinto todos os dias. Talvez o meu destino seja mais do que seguir o legado da família e comandar o castelo Belly, eu queria acordar numa manhã iluminada bem longe dessas trevas, onde os raios do

sol sejam dourados e as pessoas sorriam não por obrigação, mas porque o sol é lindo de fato...

– Dominic...

– Desculpa... Eu te assustei, verdade? Eu não pretendia. Não pense essas coisas. Eu vou te fazer feliz, Elizabete, seja aqui ou em qualquer outra cidade ou país, eu vou te fazer sorrir todas as manhãs, tendo o alaranjado do sol ou o obscuro destes céus. Eu te prometo a felicidade, Elizabete.

Então eu me via temerosa sobre as horas silenciosas da madrugada, mas, ao se aproximarem as horas das caminhadas diurnas ao lado de Dominic pelos jardins sombrios da cidade ou às margens do lago do castelo, eu me esquecia que era estrangeira em terra hostil e sonhava com horizontes mais floridos, tendo suas mãos delicadas sobre as abas do meu vestido. Vovó piorou ainda mais. Tendo vindo mamãe do mercado à busca de ervas que atenuassem as dores incessantes de Maritê, nos contou, ofegante, uma história que eu, perdida em amores por Dominic, me obstinei a acreditar.

Dizia mamãe que, ao ir ao mercado de ervas, notou a presença de uma mulher encapuzada que se movia furtiva e apressadamente pelas fileiras expostas do mercado e era bastante seletiva na escolha de ervas que, a nós bruxas, eram muito conhecidas em feitiços de cura e encantamentos, mas às moças comuns àquela cidade, não passaria de chás ou aromatizantes para o lar. Há certa altura de sua perscrutação, mamãe notou que a mulher não tinha pretensões de pagar pelo que escolhia, então mamãe, surpresa, desviou o olhar, abrupta, se fazendo notar, em sua excitação, pela mulher encapuzada que apressou o passo para alcançá-la e, antes que mamãe pudesse fazer qualquer denúncia, estendeu sua mão esquerda revelando a familiar marca e disse:

– Irmã!

Tamanha foi a surpresa de Abigail.

A mulher no mercado contou tudo o que os homens do castelo faziam a suas mulheres. Eles as tinham como meros objetos com o ínfimo intuito de procriar, sequer se deitavam com elas, mas dormiam entre si. As guardavam silenciadas em torres escuras, calando sua voz num doloroso processo de castração à natureza feminina, as transformando em verdadeiros fantasmas. As filhas nascidas no castelo

cresciam cobertas de cuidados e afetos; eram cuidadosamente educadas sem suspeitar o trágico destino que as espreitava, pois, chegada a idade de seu fluxo, eram vertidas em mercadorias e negociadas entre os homens do castelo, logo era iniciado o macabro processo que as transformava em bonecas cobertas de luxo e beleza, mas incapazes de expressarem qualquer desprazer, paixão ou conjectura, eram lindas peças decorativas. Mas o pior era o que faziam quando encontravam uma bruxa. Silenciar uma mulher de seu convívio era relativamente fácil, mas transformar uma bruxa era uma conquista quase divina para aqueles hediondos homens do castelo Belly. Ao ser questionada por mamãe de como ela sabia de tudo aquilo, a mulher revelou que foi uma das únicas que conseguiu escapar do castelo e, tendo ouvido os rumores de que bruxas habitavam aquela cidade, compareceu o mais rápido possível a fim de adverti-las do mal que as esperava. Ela ainda contou que os homens que agora se assentavam naquela cidade, perseguiram as bruxas de nossa família por séculos. Por fim, tendo dito todas essas coisas, o homem do mercado se deu pela presença da encapuzada, que fugiu ao ouvir de sua boca as seguintes palavras:

– Merida, a que devo a honra? Ah, não fuja. Você sabe que vamos te encontrar cedo ou tarde.

Não pude acreditar nas palavras de mamãe, fugi aos braços de Dominic que me abraçou e me fitou os olhos e, secando minhas lágrimas, me disse:

– Por que tana aflição, Elizabete? Uma mulher jamais deve chorar em público, senão sorrir.

Suas palavras me geraram calafrios e, ao perceber em meus traços seu efeito negativo, Dominic tentou me conter em um abraço mais apertado, quase opressor, mas espalmei seu estranho afeto e me vi correndo como nunca pela estrada enlodaçada até desperecer entre os galhos sombrios da floresta impenetrável.

De corpo inteiramente arranhado pelos galhos, ainda poucos metros dentro da densa vegetação, já escondida por entre os ramos, volvi o olhar desde a floresta sombria e vi, ao longe, a silhueta detida de Dominic que, temeroso, caminhava para trás e se tornava num contorno cada vez mais diminuto.

Não por acaso eu me espremia entre os galhos agrestes; não por acaso eu secava as lágrimas e prosseguia, pois não queria acreditar nas palavras de mamãe,

então eu seguia pelo caminho tenebroso em busca de respostas e esperança que não o futuro de definhar numa torre escura. Eu estava apaixonada. Eu não estava preparada.

Em meu caminho errante floresta adentro, não encontrei muitos obstáculos, senão uma sucessão de galhos disformes que não ofereciam tanto perigo. Detive meus passos apressados e me pus a caminhar lentamente. Me sentei. Passadas horas, não havia feras ou demônios que viessem ter comigo, então me dei por mim que toda a ameaça oferecida por aquele lugar não se passava de lendas e somente por elas as pessoas temiam tanto a floresta. Ou ainda pudesse haver segredos ali dentro e as lendas criadas pelos próprios homens serviriam para manter todos longe de qualquer coisa que ali escondessem. Fosse como fosse, senti uma angústia tamanha como se a Grande Mãe me tivesse abandonado e tudo o que acreditei durante toda a minha vida não passasse de cega crença. Não me continha com minhas lágrimas no pavor ante tal ideia. Então parei de soluçar e sequei as lágrimas, decidia a encontrar o caminho de volta para casa, foi quando ouvi o murmúrio doutras lágrimas como se um eco das minhas. E entendi que não estava sozinha.

– Olá, quem está aí? Precisa de ajuda? – Eu dizia.

Girava tentando seguir o som da voz, mas não conseguia identificar de onde ela vinha. Parecia vir de todos os lados. Foi quando vi um garoto muito pálido agachado entre as raízes de uma grande árvore que parecia estar morta há muito tempo.

– Olá, está perdido? Eu posso te ajudar, não tenha medo.

O garoto estava de costas, não o pude ver muito bem, mas julguei que tivesse uns dez anos. Seu corpo estava molhado e ele tremia de frio. Quando me aproximei, ele se levantou e saiu andando apressado por entre as árvores e começou a seguir no que parecia ser uma espécie de trilha. Eu o segui.

– Não! Não fuja, eu posso te ajudar.

Eu seguia o garoto que ia cada vez mais rápido, ao passo que o caminho ia escurecendo e se tornava cada vez mais difícil manter o foco no menino que, às vezes, virava à direita ou esquerda repentinamente. A cada curva em que eu o seguia, o caminho parecia escurecer ainda mais e, ao olhar atrás, eu já não encontrava a luz do caminho por onde havia passado, mas ainda assim o segui. A

cada passo me sentia mais desorientada, tonta com suas voltas e, ao olhar atrás, via os poucos pontos de luz sumirem, então eu desisti da busca e tentei voltar, pois estava com muito medo, mas me vi detida em absoluta escuridão.

Tentei seguir meu caminho para onde quer que fosse, mas senti minhas pernas enfraquecerem e, a cada passo, sentia mais peso em minhas pernas até que não tive opção senão me deixar cair. As trevas se tornavam tão densas que eram quase impenetráveis. Adormeci.

Quando acordei, ainda estava desorientada e sentia muito medo. Ao redor, apenas trevas. Era como se houvesse morrido e minha alma se perdera em um limbo de plena escuridão. Eu não estava preparada.

Muito depois, pude ver um borrão vermelho bem ao longe. De súbito, pude me levantar e seguir cambaleando em sua direção. O borrão ia tomando forma e ficando cada vez mais vivo, num vermelho escarlate. Aos poucos, a forma de uma árvore foi se revelando e, logo, eu estava debruçada sob ela.

A árvore me trazia paz e sob ela eu descansei. Pude ver ao redor algumas poucas luzes azuladas que desenhavam contornos de uma vegetação quase mágica. A luz era tênue, quase imperceptível, mas aos poucos, com algum esforço, se intensificava e me revelava uma floresta cheia de vida em tons de azul.

– Filha, não tenha medo – pude ouvir a voz do espírito daquela árvore me confortando.

– Quem está aí?

– Não tenha medo – a voz repetia. Era uma voz terna, cheia e paz.

– Eu não vou conseguir... Eu sou uma simples bruxa...

– Você já conseguiu, minha pequena. Você só precisa seguir em frente.

– Quem é você? Como pode ter tanta certeza?

– Ora... Sou eu – a voz dizia doce e risonha – estive em você esse tempo todo.

Eu me sentia acolhida, eu queria permanecer ali, mas precisava seguir.

– Grande Mãe? É você?

Mais uma vez, ela riu ternamente.

– Sim, filha, sou eu.

– Ajude-me, Grande Mãe, eu não sei o que fazer – eu dizia já com os olhos encharcados.

– Sim, você sabe.

– Por que eu, Grande Mãe, por que não Maritê, que obviamente é mais sábia ou até mesmo mamãe?

– Você quem escolheu seu destino, logo entenderá o motivo de tudo, eu não preciso lhe dizer nada.

– Por favor, Grande Mãe, eu imploro. Diga-me algo, algo que eu deva fazer. Como poupar minha família de tudo isso, um feitiço que seja.

– Você não veio aqui em busca de respostas, você veio se recompor e receber minha bênção. Agora siga, menina. Siga sua intuição, eu estarei sempre com você, ao seu redor e nas forças da natureza. Eu estarei nas pedras, eu estarei nas árvores, eu estarei na água, na terra e em cada pequena criatura... Tome... coma um de meus frutos.

Um galho desceu suavemente até a altura dos meus olhos, nele, um lustroso fruto vermelho, como uma cereja, porém, um pouco maior. Eu o comi. O que vivenciei em seguida não posso descrever com precisão, sequer me recordo com clareza, mas senti como se uma luz se acendesse dentro de mim, como se, de olhos fechados, eu pudesse ver todo aquele mágico e inóspito mundo ao redor. Como se eu tivesse consciência do tempo e, de mesmo modo, o tempo deixasse de existir. Como se eu tivesse, dispostos diante mim, o antes, o agora e o porvir, e todos eles fossem um só. Eu sentia toda a vida ao redor e dentro de mim. Eu era um embrião do mundo e, ao mesmo tempo, ele todo.

Quando abri os olhos, vi um vulto que, logo, o reconheci como sendo Omã. Eu não podia ouvi-lo bem, mas ele lutava por me dizer algo. Ouvi por fim:

– Elizabete, me ouça, eu não tenho muito tempo. Foi muito difícil lhe achar nesta dimensão e levei tempos tentando lhe falar. Ouça com atenção: não beba do cálice negro!

Logo, sua visão foi se desfazendo, enquanto ele repetia sua última frase. Então eu vi o coelhinho branco e o segui para até avistar, novamente, minha casa.

Eu me pus a correr. Eu precisava chegar até as minhas matriarcas, me redimir pela minha ignorância em não ver o mal que nos espreitava, em ter duvidado

das palavras de mamãe por estar apaixonada feito uma tola. Corria o mais rápido que podia, então vi um homem alto coberto inteiramente por uma capa saindo pela porta da frente. Parou ali mesmo e me fitou com frieza. Então vi subir uma fumaça desde os fundos da casa e então... As chamas.

Súbito como um relâmpago, o cavalo negro de Lorde Belly me surpreendeu, sequer eu sabia de onde ele havia vindo, parecia ter sido vomitado pela penumbra da noite. Senti um golpe sobre a nuca e antes que caísse ao chão e desmaiasse, eu já estava posta sobre seu cavalo. Quando despertei, eu me sentia muito cansada. Ao meu redor não se via nada. Pelo tato, pude perceber que estava em um aposento que, aparentemente, era bem mantido. Cama, tecidos, móveis aparentemente luxuosos. Mas nenhum indício de luz. O silêncio era enlouquecedor. Pude, ainda tateando, encontrar comida, mas não tinha fome. Não sei quantos dias passei ali. A única presença que eu notava era da pessoa que surgia para repor o necessário, logo saía, sem dizer qualquer palavra e, ainda, em completa negridão, pois, pelo que pude notar, precedente a meu aposento, havia outra sala que se fechava antes da entrada da luz.

Cheguei a crer que havia enlouquecido. O tempo passava sem horas, as horas sem dias, os dias sem a menor sensação de tempo. Existir era doloroso. Foi quando a realidade passou a se confundir com os meus mais sombrios medos. Eu ouvia sons de roedores e podia senti-los passear pelo meu corpo, abrir feridas em minha pele. Eu resistia, tentava me livrar deles e dava por mim de que era apenas uma alucinação, mas logo eles retornavam, tão reais quanto a dor que eu sentia.

Depois das alucinações com os ratos, não demorou muito para que eu não estivesse mais sozinha. Eu não sabia mais se o guincho dos ratos ou se risadas, os sons se confundiam. Os risos se convertiam em sussurros, os sussurros em gelados toques. Eu já não podia descansar, pois se dormia, despertava em pesadelos alucinantes, mas era para o próprio pesadelo que eu despertava.

Os sussurros me diziam coisas terríveis.

Você está morta, Elizabete... Ah, pobrezinha, já envelheceu tanto... Você é a culpada... Nem se lembra de quando morreu... Ela se esqueceu de tudo... Você não sabe mesmo a resposta, Elizabete, você nunca saberá por ser tão estúpida...

E as risadas seguiam, os sussurros... Começavam como o chiado dos ratos, logo retiniam em minha cabeça, a marteladas. Nenhum medo se comparava à ameaça de saber que não estava sozinha, mas não saber o que estava ali, tão perto que eu podia sentir seu gélido toque.

A porta se abriu e alguém se aproximou, senti sua respiração e seu perfume.

– Dominic?

Senti seus braços e suas lágrimas. Depois disso, eram apenas minhas lágrimas e, novamente, o abandono.

Com o passo dos dias, eu já não era mais eu. Eu não podia temer, eu não sabia esperar, nada, apenas existia e já não em agonia, mas tendo destituídos quaisquer prazeres ou dores. Quando tudo o que eu sabia de mim era somente meu nome e já não esperava nem sentia nada, a porta se abriu e a luz entrou. Os olhos vermelhos de Dominic me esperavam, ele posto em lindas vestes em azul claro e branco impecável. Meus olhos doíam com tanta luz. Os olhos sádicos de Lorde Belly em seu sorriso rasgado. Dois criados me tomaram pelo braço, me limparam, me vestiram em trajes deslumbrantes e me enfeitaram de pedras brilhantes, maquiagens e um lindo penteado. Eu sequer podia dizer uma palavra nem sentia vontade de fazê-lo. Eu me reduzia a um objeto.

Unida ao braço de Dominic, eu surgia por uma porta muito grande em formato de arco e adentrava um salão onde uma extensa mesa estava posta, os homens sentados, as esposas em pé, ao redor, igualmente lindas. O padre também de pé, sobre uma pequena escadinha em degraus de mármore. Lorde Belly me apresentou com as seguintes palavras:

– Eu vos apresento nossa mais nova aquisição, Elizabete Belly, a bruxa que transpôs a floresta das almas perdidas!

O Lorde esboçava um medonho sorriso que parecia que, se sorrisse um pouco mais, lhe rasgaria suas feições. Todos aplaudiram com semelhante euforia. Eu fui deixada junta às moças e Dominic se sentou. Não me dirigia o olhar. Eu tampouco o fitava, eu apenas observava, sem consciência do que se passava. Apenas o corpo de Elizabete estava ali, a alma aprisionada.

Alguém tocava uma linda música, suave. O padre se anunciou, disse algumas das palavras de sempre e ordenou que entrasse a ceia. Lorde Belly se ergueu da mesa e, com o mesmo sorriso, disse:

– Meus caros, hoje temos uma ceia especial. Tenham todos a honra de receber o sagrado sacrifício de... Dorothy!

Os criados entravam com as bandejas e serviam uma pequena porção de carne a cada um e, igualmente, serviam as taças. Vermelho sangue. O padre seguia.

– Isto é o meu corpo dado em favor de vós; fazei isto em memória de mim...

Ao fim da medonha ceia, ao sinal de Lorde Belly, todos os homens se levantaram em gestos orquestrados, se limparam e se retiraram. A mesa foi repostada. Ao sinal do padre, as mulheres se sentaram. Foi-nos servido pão e um cálice com um líquido negro. Eu podia me lembrar das palavras de Omã me dizendo “não beba do cálice negro”. Ainda que incapaz de qualquer reação, aquelas palavras viram vívidas em minha mente e, retomando parte da consciência de mim, pude ter, enfim, uma rápida reação. O padre chamou a atenção para si, então todos viraram, imediatamente, suas cabeças em plena atenção. Neste momento eu pude verter o cálice sobre o de outra pobre mulher e, no momento de bebê-lo, pude apenas fingir. E repetindo o ato durante muito tempo, pude ver surgir, novamente, aquela luz dentro de mim e, ainda que repostada ao aposento de absoluta escuridão, eu podia enxergar, porém, dentro de mim.

Eu ia recobrando a consciência de mim aos poucos, logo, estava plena e me lembrava de tudo, mas precisava manter a ilusão de estar ainda em seu domínio. Dominic, quando posto ao meu lado, vendo que estávamos a sós, me disse:

– Elizabete, eu sei que você pode me ouvir, querida. Por favor, se você é ainda a mesma Eliza que conheci, me dê um sinal, pisque três vezes os olhos e eu saberei.

Eu seguia imóvel.

– Eu jamais quis esse destino a você Eliza, por favor, me perdoe.

Seus olhos se umedeciam. Eu apenas sorri sutilmente e, abraçando sua cintura, repousei minha cabeça sobre o seu ombro. Era uma noite estranhamente iluminada para aquela cidade, céu límpido. A Lua se via estonteante em seus raios

prateados. O evento que, em qualquer outro contexto pareceria vulgar, fez toda a gente sair ao jardim e, em silêncio, contemplar as luzes celeste. Era noite de ceia.

Surgiram então, no azul noturno do firmamento, luzes anômalas que desciam em espiral, se assentavam formando um sinal milenar no céu, um sinal esquecido por todos, mas não por minha alma, que queimava naquele instante. Quão difícil foi manter a aparência de estátua. Uns gritavam, outros bailavam, todos comovidos, estarecidos pela beleza e temor, pasmos entre o milagre vindo das luzes e sua promessa de apocalipse. Eu tive o vislumbre, uma vez mais, como no dia em que comi daquele fruto.

As luzes piscaram num grande clarão e desaparecerem, então veio vindo um vento de todos os lados, como uivos, que se intensificavam, trazendo o redemoinho de negras nuvens que cobriram rapidamente os céus. Tamanha foi a tempestade naquela noite.

O padre, desorientado, tentou deitar sermões confusos sobre o que havíamos testemunhado, indeciso entre bênçãos e maldições, por fim, decidiu seguir com a ceia. Mal podíamos ouvi-lo pelo estardalhaço da chuva, violentos ventos e relâmpagos. Ele gritava.

Quando estávamos as moças todas sentadas e esperávamos pela ceia, Lorde Belly gargalhava e se punha a dançar pelo salão, como se ritmado pelos estrondos dos trovões.

– Vejam, meus amados, este é o prenúncio do fim dos tempos! São chegados os nossos anos de triunfo – ele rodopiava, circulava pela mesa posta ao centro do salão – seremos honrados, enfim, sobre os reinos deste mundo, serão eles todos nossos, como herança há muito prometida. Nossos mestres sairão das sombras para a luz e ascenderão sobre todos os mundos, e desta cidade sombria sequer nos lembraremos, pois seremos os donos de todos os continentes e mares. Cada bruxa será caçada e posta sobre o nosso domínio e toda mulher nos servirá para nosso deleite até os últimos dias. É chegado o tempo do reinado dos grandes homens, como há de ser a vontade de nosso Senhor, como há de ser até o dia de Sua Vinda...

Lorde Belly seguia em seus paços que giravam ao nosso redor, os homens calados e contentes, o observavam ansiosos. Lorde Belly dizia mais sobre seus dias

de glória, tão sorridente, tão triunfante, que parecia ter o dobro do tamanho de todos os homens, parecia orquestrar a tempestade.

Contendo sua dança e rodopios, ele se pôs atrás de mim, com as mãos sobre meus ombros.

– Elizabete Belly! A bruxa viva mais poderosa que se sabe até então. Está sob nosso julgo como indefesa mariposa capturada pelas mãos de uma criança. Então eu declaro a morte de seus profanos deuses – Lorde Belly encostava os pelos do bigode em minha orelha – eu lhe pergunto, Elizabete, onde estão seus deuses pagãos?

Eu sabia o que faria em seguida, eu temia. Eu tremia. Eu tinha o destino de gerações entre os meus escorregadios dedos, pendendo de minas tremulantes mãos. Eu havia suspenso o tempo em ponderações milhares. Alguém assomou a cabeça a uma das janelas e gritou “as bruxas estão vindo”. E todos festejavam com brados que se confundiam como trovões e cantavam, descompassados, um hino incompreensível. Eu, como quem se lançasse do alto da mais alta torre, no dilema entre o mais profundo desalento e o mistério da morte, orquestrarei o gesto infactível, incrédula de mim, desgostosa de minha sina ingrata, mas confiante e fria, certa do passado ao porvir. Eu estava cega, só via o objeto da ação, tão simples, tão sentencioso, tão frio quanto a morte, e igualmente profundo e incógnito. Sem saber como ou por quê, mais temente da vida do que do salto, eu o fiz. Vermelho. Jorrando. Tomando a faca sobre a mesa, a enterrei no abdômen de Lorde Belly. Nunca havia visto olhos tão grandes. Certa de meu triste destino de pira, força ou calabouço, retirei a faca e vi o sangue banhar o piso. Olhei em volta. Todos parados, até mesmo a tempestade silenciara. Eu, certa de minha desdita, tendo previsto todos os homens sobre o meu corpo, todo o horror reclamando o sangue, me surpreendi por vê-los ali, indefesos, rendidos. Revolvi a faca e tornei a afundá-la outra e mais vezes. Então eu lhe rasgava a carne, num grito ancestral que estremecia aquela sala. O sangue contornava toda a cena. Vermelho. Escuro. Espeço. Nunca havia visto tanto sangue em toda a minha vida. O cheiro da morte, minhas mãos tão viscosas, a áurea de pavor, o medo de todos e eu, em desespero, seguia rasgando aquela carne. Seguia... Até que a faca caiu de minhas mãos. Minhas irmãs atingiram o castelo.

Regressando a casa, me deparei apenas com cinzas e destroços. A dor me fazia chorar, mas sabia... Não havia perdido Abigail e Maritê, eu as tinha agora para sempre, como guias. Omã então me veio a fim de me consolar, terno como um pai, disse ele que me levaria até elas. Suas almas estavam confusas, mas eu poderia confortá-las e guia-las e dali então, onde eu estivesse, elas me seguiriam, eu as teria para sempre, ainda mais perto, como quem habitasse adentro, ainda mais mágicas, como aqueles que transcenderam. Porém nada me sarava o pesar no peito, como uma queimadura recente, de tê-las perdido. São coisas da vida. Omã me fez perceber a presença da arca de Maritê em meio às ruínas, uma das poucas coisas que saíra intacta da horrenda cena de destruição. A tomei em meu colo e não pude conter as lágrimas. Meu pranto se ouvia desde muito distante. Então resolvi abri-la. Estava ali, cuidadosamente guardado, o segredo da longevidade de vovó. Hoje eu tenho duzentos e sete anos e vos conto esta história que muito me pesa, mas ainda assim sou grata de tudo. Tenho seguido reunindo minhas irmãs ao redor de todo o mundo. Mamãe e vovó se foram, mas hoje eu tenho a maior família que já se viu. As luzes milenares retornarão aos céus e o mundo saberá de tudo aquilo que se esqueceu.

Dano Cerebral e Eclipse

Alexandre Bernardo



Ele é só mais um sentado na grama. Tão parecido comigo e com você há tempos atrás. Saindo mais cedo da escola e passando horas e horas sentado em cima da mochila ou em páginas arrancadas do final do caderno. As últimas disciplinas listadas sempre pagavam o preço. Nunca ficavam completas. Mas o motivo era muito importante: era ver você passar.

O problema era minha mente muito solta. Dano cerebral poderia explicar? É até possível, mas o fato é que qualquer borboleta me distraia, assim como as saias rodadas de algumas meninas. Aqueles aromas de juventude acabavam me levando pra parte de trás do colégio, para as construções nos terrenos próximos ou para o Lago Paranoá, do outro lado da cidade. E naqueles momentos eu acabava me esquecendo de você.

Na sala, passava por todo o corredor antes de qualquer um chegar. Dobrava uma cartinha pra você e deixava na sua mesa. Suava frio de medo toda vez. Preocupado com você percebendo quem eu era e talvez decepcionada. Escrevia “Eleonora” sempre colorido. Seu nome era tão diferente e eu gostava tanto. Estava aprendendo “Eleanor Rigby” dos Beatles, só porque me lembrava seu nome e também não aguentava mais te ver entre as pessoas solitárias. Nada da Lenora do Poe.

O problema é que você nunca foi muito boa em adivinhar, não é mesmo? Achou que as cartas eram do Felipe, o fumante da escola, porque eu vi que ele te levava pros lugares escuros das margens do Paranoá depois da aula. Se não estou errado, foi seu primeiro. Depois achou que eram, de certo, do Antônio, loirinho, porque ia com ele escondida pra casa quando seus pais saíam à tarde para deixar seu irmão na creche. Só achei estranho me confundir com o Vicente, afinal ele nem era da escola e era bem mais velho, o que facilitava as fugas de carro para o estacionamento no Parque da Cidade. Mas eu não tinha ciúmes. Eu sabia que você às vezes era uma garota confusa.

Eu admito que comecei a ficar um pouco confuso também. As vozes foram aumentando e aumentando, mas eu fui forte e não fiz nada do que me pediam. Só

atendi quando falaram para não contar. Eu fiquei preocupado em assustar vocês. Vocês não. Eu tinha medo de te assustar, na verdade. Os anos foram começando a passar e tudo foi se ajustando aos poucos. Todos nós estávamos crescendo. E eu me achei muito sortudo em continuar te vendo sempre que passava no minhocão ou no ICC da UnB. Preciso dizer que adorava o jeito que você arrumava o cabelo de lado quando sorria? Tinha uma certa hipnose nos seus movimentos que eu mal podia explicar.

Claro que fiquei feliz por perceber que os meninos tinham te deixado mais quieta. Os estudos eram pesados e acho que te faltava tempo também. Mas nunca mais vi o Felipe nem o Antônio. Será que o Vicente já estava velho? Ele tinha um jeito de garotão, mas eu sabia que eram as roupas e o carro esporte. Detalhe: eu ouvi que essa necessidade por carros potentes é só pra disfarçar algum tipo de falta que a pessoa tem. Vai ficando velho e se sentindo incapaz e se esconde no dinheiro e nessa falsa sensação de poder. É. Isso é a cara do Vicente.

As vozes vão aumentando, às vezes. Eu fico com raiva quando ouço umas risadas ao longe. O que mesmo elas querem dizer? Será que eu sou o problema? Eu não consigo entender, sendo que fui sempre o melhor pra você. Enfim, não consegui mais esperar e fui mandar alguma mensagem. As cartinhas não irão mais funcionar. Um recado dentro do livro do Hobsbawm? Era História que você queria estudar, não era?

Não importa. Levei de casa uma garrafa pequena de Jack Daniels e aquelas doses deveriam ser suficientes para me inspirar coragem pra contar tudo pra você. Você iria sorrir ao saber que eu tinha escrito as cartas. Iria se divertir sabendo que eu te seguia até o Lago, Pontão, Shopping, Academia no Setor de Clubes e ficava te vendo dentro do carro lá no Parque. Eu já te imaginava rindo muito. Ia te contar que o Felipe nunca foi grande coisa. Quando as vozes ficaram altas demais, eu o levei pra passear comigo e ele chorava toda vez que eu o queimava com cigarro. Eu falei que fazia mal. Você deve ter falado também. Certeza. O Antônio então, nem se fala. Se fazia de durão, mas, enquanto eu arrancava seu cabelo com a navalha, ele me prometeu de tudo pra deixar ele ir embora. Ele, assim como todo mundo, achava que eu era idiota. Logo eu ia cair nessa?

Eu via o seu rosto sorrindo. Olha. Quase esqueci de contar do Vicente. Eu o encontrei no banheiro de uma suposta “Casa de Shows” em Planaltina. Não tive muito tempo pra resolver tudo certinho. Mas foi divertido ver que ele babava sangue quando eu o abracei por trás e enfiei três ou quatro vezes uma navalha nele. O maldito se abraçou comigo e me sujou muito. Eu tive que sair quase pelado de lá. Maldito! Que vergonha...,mas foi mesmo muito engraçado. Vou tomar mais uma dose pra aquecer. Fico feliz que ainda esteja sorrindo.

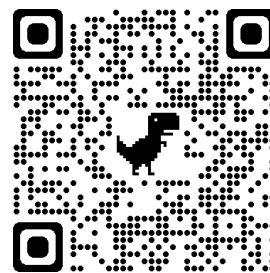
Gosto de conversar assim com você. Eu vejo que tudo vale a pena, mesmo você ficando boa parte do tempo assim parada dentro desse freezer sem graça. Não me importo que sua cor esteja mudando tanto nos últimos anos. E nem que esse gelo fique deixando sua aparência próxima a de um morador do Polo Norte. Eu te acho muito engraçada. Conto histórias e leio os textos da universidade por causa disso também. Sei que você gosta. Ainda mais pela paz. E olha, tem foto de você pra tudo quanto é canto da cidade. Até na TV você aparece. Tá certo que tem foto dos outros retardados também. Felipe, Antônio e Vicente foram os piores, mas você pode ficar tranquila que eu dei um jeito na Patrícia, aquela que se achava melhor que você na aula de dança e no Pedro Henrique também, o filhinho de deputado que não te chamou pra festa da posse do paizinho dele. Eu acho que as vozes acabam quando não sobrar mais ninguém.

Hoje é um dia muito especial. É hora do Eclipse e eu me lembrei que não há um lado escuro da lua. Na verdade, ela é toda negra. Só quero que você se lembre que eu nunca quis matar nenhum deles. Matar. Essa palavra é super demodê. Na verdade, até a palavra demodê é bastante demodê. Calma, vou colocar aquela música que você gosta. “*There's someone in my head but it's not me*”. Tudo certo. Vamos ao que interessa mesmo.

Olha. Ouve aqui. Dessa vez é com você, leitor. Sim. Você mesmo, leitor. Eu sei que pode até não lembrar da minha Eleonora na sala de aula. Mas eu sempre observei o jeito que você olhava pra ela. Falo assim, pausadamente, para não despertar pressa. Não olhe pra trás. Está tudo bem. Calma. Ainda há tempo. Lembre onde estão as chaves de casa. Respire fundo. E lembre-se: se você correr bem rápido, vai ser mais divertido.

Mania

Kayo (Convidado AVL)



É 00:00h, zero segundos para o fim do mundo. Estou com sono e preciso dormir, mas antes necessito terminar meus rituais. Desligo as luzes do quarto e vou em direção à porta, porém me vem à cabeça essa sensação obsessora, rude e invasiva, um olhar em minhas costas. eu fico trêmulo e me viro bruscamente, mas não vejo nada. Checo freneticamente todos os cantos do meu quarto e continuo não vendo nada.

Mais calmo, abro minha porta e me deparo com o que me convida à morte, é o umbral, a escuridão. A única reação que tenho é de ficar congelado, porém, minhas manias gritam mais alto e vou correndo para o quarto dos meus pais, para desejar-lhes um boa noite, antes que somente os visse na próxima manhã.

Chego ao quarto, mas algo me parece estranho: a luz. Na verdade, a falta dela. Meus pais têm tanto terror da escuridão quanto eu, por isso sempre mantêm uma luz acesa em seu quarto para espantar a noite. Então, com curiosidade no olhar, entro no quarto e olho para a cama deles e me vem um sentimento de falta e não os vejo, porém alguém me vê. Eu fico trêmulo e me viro bruscamente, mas não vejo nada, checo freneticamente todos os cantos do quarto dos meus pais, mas ainda não vejo nada.

Abro as portas dos armários, nada, embaixo da cama, nada, o sentimento de falta volta, mas acompanhado de outro sentimento, uma felicidade que foi embora tão rápido quanto chegou, que nem tive tempo de desfrutá-la. Estranho toda essa situação, sinto medo, falta e o desespero; corro de olhos fechados pela casa gritando “mãe”, “pai”, mas não obtenho resposta, faço isso repetidas vezes, mas sem sucesso. Abro meus olhos e percebo que estou imbuído nela, na escuridão, no breu. Sinto meu corpo trêmulo, mas dessa vez não me viro, vou confrontar o medo. Gritando, faço minha voz ecoar pelo cômodo. “Ó, sujo Satã ou um Deus porco, que obra torpe fizeram comigo? Tirem-me daqui, divindades imundas”. Ao terminar a frase, escuto uma bela gargalhada que, diferente da minha voz no cômodo, parecia ecoar pelo mundo inteiro, e logo em seguida escuto: “Sonhos divertidos, criança”.

Eu acordo subitamente, mas não no escuro, eu vejo a luz, fico feliz e me sinto livre, vivo, então corro em direção à porta da sala e abro-a sem pensar, me deparo com uma cena grotesca... Os corpos dos meus entes queridos estirados pela rua. Então percebo uma figura ao meio, que desperta todo meu desespero. É tão lindo, tão atraente; é a Estrela da Manhã. Então escuto, como uma sentença final: “Bem-vindo ao inferno, criança assassina”.



A polícia vai descobrir o que você fez!

Ryan (Convidado AVL)

Cheguei ao hospital e observei a porta branca com uma placa escrita “Dr. Zachary Quinto – psiquiatria em geral”. Peguei as anotações pessoais de meu bolso da calça e comecei a observá-las. De acordo com os registros, a última pessoa que Naomi Grossman visitou antes do desaparecimento, foi seu médico particular, psiquiatra forense. Imagine que seria muito questionável, além de uma coincidência assustadora para os olhos mais inocentes, seu envolvimento com o sumiço de uma garota tão jovem.

“Maldito desgraçado, logo a polícia vai descobrir o que você fez!” —Disse a detetive que me acompanhava, com um timbre agudo, parecendo cada vez mais irritada e furiosa. Bati algumas vezes na porta até ouvir uma voz do outro lado me pedindo para entrar. Denunciei que era um detetive e estava investigando o desaparecimento de uma garota. Seus olhos ficaram confusos e falou que eu precisava de um mandado ou horário marcado, mas eu ostentei o medalhão dourado que estava preso ao meu pescoço, e ele me pediu para entrar.

Aparentemente, estava desnorteadado e não se sentou até que eu me aproximei mais um pouco e a detetive, em minhas costas, foi chegando sem pressa, como eu. Então fui direto ao ponto, quando disse que Naomi estava desaparecida. O psiquiatra logo começou a puxar a gravata do pescoço, como se ela estivesse o impedido de respirar. Com dois dedos afrouxou um pouco mais o nó que, aparentemente, ele mesmo fizera em sua garganta. Me pediu para sentar. Naquele instante, aconchegou-se na poltrona a minha presença.

“Você já deve ter uma noção do que eu estou falando e espero que esteja tudo bem”. —Para analisar a situação, levei em consideração seus cabelos com gel caro, penteados para trás, lambidos como a língua de um boi, bem nojentos, para falar a verdade. Sua roupa ficava cada vez mais transpirada pelas axilas e à maneira frenética com que puxava a gravata em seu pescoço. Este tentou segurar a garrafa de café, suas mãos vibrantes não paravam de entregar seu nervosismo, e a forma que amassava os copos descartáveis era ainda mais gritante diante de uma situação dessas.

“O que aconteceu com a senhorita Naomi Grossman? É uma das minhas pacientes e estou preocupado.” — Perguntou ele, colocando suas mãos em cima da mesa, sentando-se na cadeira da forma mais firme. Curioso, mas assustado e, ao mesmo tempo, com uma risada disforme no rosto, visivelmente forçada e exagerada; com uma pergunta confusa e preocupada em sua maneira de se comportar.

“A garota desaparecida, até então, de acordo com os meus registros pessoais, visitou o seu escritório pela última vez, da mesma forma que fez isso nos últimos meses. É um pouquinho curioso, certo? O que você tem a dizer a respeito disso, Dr. Zachary Quinto!?”. “Desaparecida? Eu estou tão confuso quanto a isso. É uma pessoa excepcional, uma das minhas pacientes mais queridas e eu quero saber o que aconteceu. O que você sabe a respeito?”.

“Ok, Zachary. Eu estou aqui porque sei o que você fez com ela. Não tente disfarçar com seu joguinho típico de um mentiroso qualquer! Certamente não passou em sua cabeça a quantidade de pessoas semelhantes a você que eu conheci. Hoje não, em nenhum momento venha com suas desculpas e encenações, jovem bonitão”. Logo em seguida disse a detetive a meu lado: “Acha mesmo que a polícia não vai descobrir seu crime? As evidências estão apontadas ao seu desfavor, seu desgraçado!”.

O psiquiatra levantou-se rapidamente. Um rapaz bem aventurado e alvoroçado, não conseguia segurar a inquietação e nervosismo em nenhum minuto desde que entrei ali nem nos momentos em que mencionei o nome de Naomi. Logo cuspiu ferozmente: “Está tudo bem! É isso mesmo que você quer saber? Era apenas uma vadia, mulher promíscua, que saía com várias pessoas. Muito bonita e atraente. Qualquer um ficaria encantado com seu charme e a maneira de provocar. Tudo bem, eu estava me encontrando com minha cliente, quase todos os dias; mas isso não me torna o responsável por seu desaparecimento, detetive, é isso mesmo que você queria ouvir!?”.

“Maldito desgraçado! Pare com seus joguinhos, pois nenhum deles vai fazê-lo escapar de seu crime. Não sente o cheiro da prisão? O sangue está sendo derramado em seu rosto e a culpa vai abraçá-lo em um infortúnio próprio. Você vai pagar por cada coisa que fez.” —Sussurrou a policial próxima a meu ouvido, bastante irritada e incomodada com tudo aquilo que estava vendo.

“Olha aqui, seu engomadinho! Acha mesmo que as coisas vão ficar assim? Pense bem o que vai acontecer a partir de agora! O principal suspeito é o psiquiatra da garota sumida, tendo caso com sua vítima e depois assassinando ou escondendo seu corpo friamente. Imagine a repercussão. Eu poderia muito bem divulgar isso nos jornais e foder sua vida completamente, seu babaca arrogante! Apenas responda as perguntas que eu vou fazer e fique de bico calado para qualquer tipo de irritação pessoal, de acordo?” — Eu estava agarrando suas roupas e puxando seu peito para próximo de mim. Armei um soco bem no meio de seu nariz e percebi a merda que eu estava fazendo. Os braços do psiquiatra estavam levantados, como uma bandeira de paz, e o cagaço escapava entre cada movimento que fazia com seu corpo indefeso e entregue a mim pelo medo. Literalmente morrendo em minhas mãos pelo estrume e covardia.

“Quero que você me fale dos encontros, segundo o senhor mesmo, de Naomi Grossman. Exijo conhecer com quem ela estava saindo recentemente. Todas as informações de possíveis namorados obsessivos, agressões, ameaças, tudo aquilo que vocês conversaram pelas últimas reuniões.” — Perguntei, sentando-me novamente, arrumando minhas roupas e escrevendo no bloco de notas.

“Namorados? Sigilo de profissão. Eu não posso dizer nada, com todo respeito, detetive... você não falou seu nome. Eu tô no meu direito de...” — Interrompi com um soco forte na mesa que fez as canetas guardadas em um recipiente saltarem e alguns objetos caírem para o lado. Apontei o dedo furioso sobre ele, mostrando que iria perder a profissão por estar dormindo com uma de suas pacientes, ainda mais, uma desaparecida, e que o tornaria um dos principais suspeitos, além de perder seu trabalho. Não apenas isso, iria lidar com sua esposa, pois observei a aliança entre seus dedos.

“Não percebeu que tudo que você faz não irá ajudar!? As investigações logo irão encontrar seu segredo e descobrir o você fez!” — Latiu a detetive, mais uma vez irritada e aborrecida, agora no canto da sala. Apenas mastigando e devorando aquele homem que estava diante seus olhos.

O cara chutou a mesa de baixo para cima, ainda mais agressivo que meu soco aborrecido em sua tábua de escritório. E, já ferrado o suficiente pelas coisas

que eu sabia, expulsou cada coisa que existia em seu cofre pessoal, dentro de sua alma, rastejando entre seu peito e sua mente incriminada:

“Tratava-se de uma garota problemática, sempre aprontando e fazendo besteiras. Normalmente, estava desabafando sobre suas noites de luxúria com caras diferentes, todos os dias. Uma mulher bonita de fato, porém vergonhosamente não se respeitando. Já deu para perceber que eu dormi com ela algumas vezes, que homem não resistiria aquela beleza e o seu charme provocante? Eu sou casado, você percebeu isso, e estou a ponto de perder mulher que eu amo por conta de uma noite com uma promíscua. Não quero pagar por isso! O que você deseja de mim, policial, não é a confissão suficiente que procura aqui!?” — Disse ele, desabafando com um tom imaturo, assumindo as coisas que fez e, aparentemente, não tinha nada a ver com um crime. Isso já seria suficiente para escapar de um sequestro ou assassinato.

“Aparentemente você não sabe de nada. Eu só queria saber o que aconteceu na última vez que ela apareceu em seu escritório, além dos amantes típicos. Não descobriu nada recentemente? Estou tentando ser legal, sendo assim, seja maduro o suficiente para dizer tudo que sabe, porque não vai querer que eu volte ou outro detetive apareça aqui. Nesse momento, estou tentando preservar sua profissão e seu casamento, certo? Está tudo sendo gravado aqui pelo meu celular. Posso muito bem usar isso para arruinar com sua vida. Então, me diga se ela estava se encontrando com mais um cara além dos gados de ultimamente!” — Dessa vez eu fui direto ao meu propósito. A expressão da detetive estava ainda mais ansiosa por uma resposta do psiquiatra, e ficamos nós dois o observando, enquanto transpirava colocando lenços e massageando sua testa com a manga da roupa para formular um retorno em sua boca trêmula e patética.

“Na verdade, nos últimos dias, ela mencionou estar se encontrando com um profissional do trabalho, um companheiro de muito tempo, mas eu não sei o nome nem de quem se trata, não falou muito além disso, e não sei nada mais do que tencionava dizer e é tudo isso que posso contar. Algumas vezes, disse sobre comportamentos maníacos, ameaças, entre outras coisas, por causa de ciúmes. Entretanto, não faço a mínima ideia de quem seja, como já afirmei agora há pouco.” — Finalmente, ele disse calmo, juntando alguns arquivos que eu não faço a mínima

ideia de que eram em um monte e posicionando diante de seu estômago, em cima da mesa e apontando para mim como se estivesse desabafando tudo aquilo que eu precisava saber.

“Você não pode escapar, seu miserável! As investigações estão no pé.” — Eu interrompi as palavras da detetive com um “ok”. Já não é suficiente nós estarmos saindo daqui? — Expulsei como se fosse um soco irritado direto em seus julgamentos raivosos.

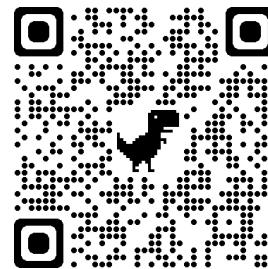
Saí do escritório psiquiatra do Zachary Quinto, riscando mais um nome e o último deles. Depois de tudo, ninguém sabia mais ou usaria qualquer tipo de evidência para encontrar o assassino. Tudo parecia limpo, uma vez que ninguém, em nenhuma circunstância, imaginaria quem seria o real algoz da detetive Naomi Grossman que, nesse momento, encontra-se atormentando as minhas noites. Seu espírito imundo julgando-me a cada segundo por ter matado e escondido seu corpo nas tábuas de minha sala, devidamente ocultada por um tapete. O cheiro abafado por produtos químicos, ninguém conseguiria encontrá-la, não havia vestígios de sangue, pois eu conhecia muito bem a perícia.

Antes de sair, eu falei para o alienista que mais ninguém necessitava saber de minha presença ali, para seu próprio bem. Já poderia utilizar aquela lixeira, em que regurgitara há pouco, para destruir os arquivos da máquina em pedaços a respeito da policial problemática. Pessoalmente, tratando-se dos últimos encontros de Naomi, aquela parceira de trabalho que brincava com meus sentimentos como qualquer outro, o doutor certamente vai obedecer sem dizer um “a” às minhas ordens.

Agora ela está nos meus ouvidos, chamando-me de assassino, criminoso, manipulador e traiçoeiro, mas sabe que, de acordo com nossa profissão, ninguém pode me incriminar, dado que eu consegui muito bem me livrar de qualquer tipo de testemunha e os vestígios de meu crime em sua morte.

OLHAR DE ANASTÁCIA

Airton Memória



Anastácia é uma jovem morena muito bonita, bem-educada e esperta que recentemente alcançou a maioridade, apesar disso, é possível observar nela ainda traços dos tempos da adolescência, principalmente quanto a imaturidade e a falta de discernimento para enxergar os perigos escondidos à sombra do meio em que vive.

Para abraçar a liberdade da vida adulta que tanto desejou e que acabara de conquistar, Anastácia resolveu propor uma comemoração em grande estilo a Rafael, o amigo de infância, que compartilha da mesma sensação de que as rédeas foram rompidas, na premissa de que não há limites no horizonte do futuro. No pensamento de que o mundo é pequeno para tantos planos e sonhos a se realizar.

Ilusão à parte, é fascinante esse raciocínio que torna tudo que é complexo numa simplicidade de ações.

Os dois amigos que desde a infância sempre foram muito apegados, organizaram uma grande festa como símbolo de uma vida nova que se apresenta a eles. Anastácia e Rafael alugaram uma casa noturna contando com a ajuda financeira dos pais.

Os dois jovens se dedicaram com afinco para ornamentar a boate com muitas cores e luzes para receberem amigos e convidados, tomaram todo cuidado para deixarem todas as mesas e cadeiras alinhadas e o centro do salão livre para que os casais pudessem dançar. Foram confeccionados 200 convites individuais e personalizados nominalmente, essa foi uma forma de limitar essa ocasião especial somente a pessoas benquistas.

Foi escolhida, dentre várias casas noturnas disponíveis, uma mais afastada do centro da cidade e que comporta até 210 pessoas, com uma ótima acústica e que retém o som sem que ele se propague para o ambiente externo. Essa é uma precaução para não importunar os vizinhos, pois seria bastante frustrante se a polícia aparecesse para acabar com a festa.

Na tão esperada noite do evento, tudo ocorre muito bem, as pessoas parecem felizes enquanto bebem e dançam, o ritmo eletrônico e o *heavy metal* que o

DJ selecionou no repertório são contagiantes e agradam a todos os 200 jovens convidados que compareceram. Naquele ambiente, Anastácia se depara com um grupo de jovens ao fundo do salão, eles estão mais isolados enquanto fazem uso de entorpecentes. Em outra cena, um casal abdicou do pudor por completo, a mulher que foi à festa com um vestido curto e colado ao corpo, segurava algo na mão enquanto, seguindo o ritmo da música que tocava, galopava no colo do rapaz que estava sentado numa cadeira com o cinto desafivelado. Esse episódio ocorria no meio do salão à vista de todos e era algo que parecia tão natural que ninguém aparentava notar ou se incomodar com aquilo, exceto, Anastácia que se sentia um pouco constrangida devido a seus valores de moralidade bastante conservadores. Na cabeça dela de menina pura, seria impensável ter aquele tipo de postura. O irônico é que ela é uma garota que deseja dominar o mundo, só que não sabe ainda muito bem como lidar com a sensualidade existente nele.

Apesar desses fatos que não a agradam, Anastácia decide que não será ela a estragar a noite querendo impor regras de como os convidados devem se comportar na festa. Até porque essas pessoas observadas não fazem parte da sua cota dos 100 convites, foram chamadas por Rafael, então, se alguém tiver que intervir, que seja ele.

Sexo, droga e *rock'n roll*, o evento deles possui todos os atributos para ser classificado como bem-sucedido.

E como em toda festa, sempre ocorrem alguns incidentes provocados pelo entusiasmo e consumo excessivo de bebidas alcoólicas, assim, por vezes acontece de copos serem quebrados ao caírem ao chão. Anastácia e Rafael como bons anfitriões ficam atentos para recolher os cacos para que ninguém se machuque.

O pequeno depósito destinado ao lixo na boate rapidamente fica abarrotada. É preciso esvaziar. E com toda proatividade, os dois organizadores do evento se encarregam de recolher e colocar o lixo no contêiner na área externa, é um ritual que cumprem algumas vezes naquela noite.

Depois de fazerem essa tarefa mais uma vez, os dois param por um instante e se permitem admirar a lua que àquela altura estava tão linda e reluzente como o brilho que encanta e fascina aos namorados. Anastácia a admira com pensamentos que voam longe, ela dá um longo e profundo suspiro e quando volta a si nota que

Rafael já estava retornando à boate, ela ainda fica por alguns momentos apreciando os prazeres visuais daquela noite estrelada e quando resolve voltar, percebe uma pessoa espreitando a festa perto da porta de entrada.

Era alguém com aspecto que de certo modo causava ranço aos olhos de Anastácia. Ela vislumbrava com certa repulsa aquela figura feminina esquelética, com olheiras profundas, cabelos maltratados e amarfanhados, com vestido maltrapilho e boca enrugada. Anastácia não era capaz de dizer se aquela pessoa era jovem como eles ou não.

– Boa noite, senhora, posso ajudar? Diz Anastácia.

– **Mim convide.**

– Oi?! Anastácia fica sem reação, ela não sabe como agir, foi surpreendida tanto por aquele português errado, quanto pela situação em que se encontra. A jovem não sabe ser indelicada, contudo, é nesta hora que deveria prevalecer o bom senso e a prudência. E isso faltou a Anastácia que convidou aquela mulher desconhecida de poucas palavras a entrar e se sentir à vontade para participar da comemoração.

A estranha olhou profundamente dentro dos olhos de Anastácia e sem dizer uma única palavra, tornou rígida a boca que era enrugada com um largo sorriso enigmático de satisfação. Essa ação atingiu o íntimo da alma de Anastácia que se contorceu em calafrios e arrepios.

As duas entraram em direção ao salão de dança e Anastácia de imediato procurou Rafael para lhe contar sobre o ocorrido. Ela mostrou de forma discreta a mulher para ele, que bastante entusiasmado com a música perguntou do que ela estava falando, disse que não estava vendo ninguém além de todos que estavam se divertindo, falou ainda para a amiga relaxar e aproveitar o momento. Anastácia ficou calada e incomodada com aquela situação envolvendo a estranha que lhe inspirava preocupação.

A festa prosseguiu e transcorreu sem qualquer tipo de transtorno, ela estava sendo considerada impecável. Rafael ao final da última música fez da moça com quem dançou sua namorada e a levou para casa como um cavalheiro faria. Mas ele se esqueceu de Anastácia que teve que se virar e chamar um Uber para ir embora. O carro chegou rápido e ela abriu a porta do passageiro para entrar, mas quando já

ia fechando a porta viu aquela mulher com o mesmo sorriso e olhar que lhe causavam constrangimento e repulsa. A estranha fazia menção de entrar no veículo também, porém ela se contia e parecia aguardar algo. Anastácia olhou em volta e enxergou somente um ambiente deserto, não lhe parecia correto deixar aquela senhora ali sozinha a esmo. Ela observou aquela figura que permanecia com o mesmo semblante e sorriso, só mudou de postura quando inclinou a cabeça para dentro do carro em direção a Anastácia com algumas palavras sussurradas:

– Mim convide!

Anastácia ficou gélida sem reação, ela olhou para frente, onde viu o motorista, um senhor já de idade e que lembrava bastante o avô dela. Ele permaneceu fitando a jovem à espera de uma decisão, até soltar algumas palavras.

– Vamos então, senhorita? Preciso que feche a porta para que possamos terminar a corrida, já é muito tarde.

– Tudo bem. Diz Anastácia a ele. Nesse instante ela olha para a mulher e a chama para entrar, que de imediato se mete no interior do veículo.

Após alguns instantes de silêncio, Anastácia pergunta o nome dela que prontamente lhe responde com aquele sorriso perturbador.

– Pandora.

Não há clima para estabelecer um diálogo mais prolongado, Anastácia se sente intimidada, totalmente receosa com aquela mulher que lhe dá medo. O motorista a visualiza pelo retrovisor interno com o semblante de quem não está entendendo nada, ela se dá conta da encarada dele e totalmente constrangida desvia o olhar, enquanto entrelaça fortemente as mãos que se apertam sobre os joelhos. E assim permanece até chegar ao destino estabelecido, rapidamente realiza o pagamento da corrida e de cabeça baixa sai do carro sem dar atenção àquela mulher.

Depois de descer do carro já próximo da entrada de sua casa, ela respira fundo e se vira para ver se a mulher foi embora. Anastácia observa o automóvel se deslocar à medida que Pandora a encara com a mesma feição medonha. E uma das últimas cenas que presencia é aquela mulher inclinando a cabeça enquanto a encara ao mesmo tempo em que com as mãos repugnantes abraça o pescoço do

motorista que não demonstra qualquer tipo de reação ou mesmo parece se incomodar.

Aquela situação envolvendo Pandora fez com que Anastácia perdesse o sono naquela noite, ela pensava em tudo que vivenciou e principalmente naquela estranha. Os dias passam, entretanto, os pensamentos da jovem ainda são sempre os mesmos.

Passou-se uma semana desde aquela festa e foi nesse período que começou a correr pela cidade a notícia de que algumas pessoas estavam perdendo a vida de forma misteriosa, elas estavam morrendo sufocadas. Anastácia achou estranho o fato de todas as vítimas possuírem algo em comum, pois essas pessoas que morreram misteriosamente eram pais ou avós dos convidados que estavam no evento organizado por Anastácia e Rafael.

Anastácia pega o jornal e fica perplexa com uma notícia que lê e que faz referência a um idoso que morreu sufocado depois de fazer uma corrida de Uber. Ela olhou atentamente a foto na manchete e reconheceu aquele senhor como sendo o motorista que a levou para casa naquela noite. Anastácia ficou muito assustada e em pânico, para ela era óbvio que Pandora tinha algum tipo de envolvimento na morte do idoso.

Esses casos de mortes na cidade envolvendo pessoas da melhor idade fez com que Anastácia temesse por Cabral e Magnólia, seus avós que já possuem uma idade avançada. Os dois na visão da jovem estão vulneráveis. E para piorar moram sozinhos, sendo acompanhados apenas por uma cuidadora. Assim, Anastácia enxerga nesse panorama que eles dependem dela para protegê-los. Por conta disso, ela resolve visitá-los constantemente para se certificar que os dois estão bem. Em uma dessas visitas, após uma semana nessa rotina, Anastácia aperta a campainha, Magnólia abre a porta e ao bater os olhos na neta se desmonta em felicidade que contagia Anastácia que retribui com um afetuoso sorriso. Tudo parecia perfeito naquela troca de carinho, entretanto, Anastácia sentiu um calafrio no pescoço que a fez desfazer o sorriso, foi então que ela olhou para o lado e avistou Pandora à direita com o mesmo sorriso arrepiante de sempre. Anastácia ficou rendida sem atitude naquele momento.

– **Mim convide!** Fala Pandora olhando e sorrindo para elas.

– Entre! Convida Magnólia feliz da vida ao escancarar a porta.

Pandora sem titubear toma a dianteira e adentra a casa, enquanto passa por Anastácia a encarando com aquela mesma expressão horrenda e habitual, tão característica própria dela.

Sem perder tempo, Anastácia entra preocupada com a presença de Pandora ali. Ela não consegue achar a intrusa na sala, o que a deixa ainda mais preocupada.

– Você está bem, Vó?

– Estou sim, minha filha. Por que está perguntando isso?

– Por nada! É só preocupação mesmo. E o vô Cabral, cadê ele?

– Ele está no quarto descansando um pouco. Ele disse que não acordou muito bem hoje.

Um barulho estrondoso de algo caindo no chão rompe a sala, onde as duas estavam conversando. Elas saem em disparada em direção ao quarto de onde veio o barulho, Anastácia ao chegar lá encontra Cabral caído no chão num estado de agonia com os olhos arregalados enquanto segurava o pescoço com as duas mãos. Ele olha para Anastácia como quem pede ajuda com o olhar, porém sem conseguir dizer uma palavra.

Anastácia desesperada liga para a emergência e enquanto a ajuda não chega, ela coloca a cabeça do seu avô sobre as pernas na tentativa de lhe manter confortável até ser socorrido. Em todo esse ocorrido, Pandora se encontra agachada sentada sobre os calcanhares e com as mãos descansando sobre os joelhos. Ela olha com aquele sorriso intrigante para o semblante de aflição de Anastácia que histérica chora muito naquele momento de tanta preocupação com a saúde do avô.

Magnólia adentra ao quarto e ao presenciar o marido naquela situação também se desespera. Pandora, vendo a chegada dela, de imediato se levanta e caminha passando por cima do corpo de Cabral indo em direção a Magnólia, que de tão assustada leva a mão ao peito, ela vai se prostrando no chão, enquanto o corpo é amparado pela parede. Agora, Anastácia está mais preocupada e abalada.

Ouve-se o ressoar de uma sirene no lado de fora da casa, o que faz com que Pandora detenha seus passos e se afaste do ambiente repentinamente. Era a ajuda médica que chegava, os socorristas agiram de forma crucial e rapidamente

realizaram os primeiros procedimentos antes de levarem o casal de idosos ao hospital, onde foram internados numa unidade de terapia semi-intensiva.

Anastácia permaneceu ao lado deles no hospital aguardando por notícia, vez ou outra os médicos permitiam a entrada dela numa sala de onde poderia acompanhar a distância os dois no leito através de um vidro. Lá no quarto de internação havia mais três pessoas com os avós dela. E como não existia nenhum tipo de risco para os pacientes quanto à presença de Anastácia naquele ambiente, ela foi autorizada a permanecer acompanhando-os.

Preces fervorosas são feitas pela jovem que reza para que os avós se recuperem. Anastácia faz isso enquanto os observa sob a cama do leito de hospital. Em certo momento ela nota a presença de Pandora parada lá entre os enfermos, Anastácia esmurra a parede de vidro para que Pandora saia de perto dos doentes, porém, ela mantém o sorriso diabólico tão peculiar no rosto ao encarar Anastácia.

Não satisfeita, Pandora se aproxima de um dos doentes que está ao lado de Cabral, ela para junto ao moribundo e o observa, após isso com uma das mãos aperta o pescoço dele que devido a sedação nada pode fazer para se defender. Pandora faz isso encarando os olhos marejados de Anastácia, ela sente prazer na tortura que provoca na jovem, assim, Pandora usa a outra mão para estrangular o enfermo, à medida que dá gargalhadas diabólicas. O monitor multiparamétrico soa o alarme de que o paciente está perdendo os sinais vitais. A equipe médica chega para tentar reanimá-lo, mas já não há o que fazer, ele está morto.

Anastácia chora copiosamente atenta a Pandora que fica estática com o mesmo sorriso enquanto planeja o próximo movimento já de olho em Magnólia. Ela intercala encaradas a Anastácia e Magnólia, até que começa a se dirigir a pobre idosa que está inconsciente. Anastácia grita, chora e bate com as mãos no vidro freneticamente.

A equipe médica que cuidava do paciente falecido, vendo aquela reação da jovem fica incomodada, de modo que uma enfermeira se dirige a ela e puxa a cortina para que Anastácia não presencie o procedimento pós-óbito que ocorre lá, a equipe sai do leito com o corpo no invólucro em direção à anatomia. Entretanto, a cortina não encobriu a visão de Anastácia por completo, ficou uma pequena fresta por onde

ela conseguia enxergar a cama com sua avó Magnólia e assim ficou com o rosto colado no vidro para enxergar melhor, quando de repente...

– Pá! Pandora bate as duas mãos espalmadas no vidro, soltando um grunhido demoníaco em direção a Anastácia – Grrr! Ela ainda desliza as unhas no vidro provocando um ruído irritante.

Anastácia leva um susto, coloca as mãos nas orelhas, fecha os olhos bem forte e grita de medo ao mesmo tempo em que cai para trás sentada no chão. Ela se recompõe e se levanta rápido e corre para o vidro, onde bate nele diversas vezes, grita bastante e chora copiosamente clamando por ajuda ao ver Pandora caminhar em direção a Magnólia. Pandora enfia uma das mãos no peito da senhora que mesmo sedada se contorce de dor.

Os gritos desesperados de Anastácia chamam a atenção de Miguel que corre para acudi-la. Ele é o médico intensivista responsável por aqueles pacientes internados na unidade de tratamento semi-intensivo. Anastácia apontando para o leito da avó lhe suplica para que ele a salve.

Miguel ao observar por aquela fresta a paciente se contorcer, corre para prestar os procedimentos emergenciais. Os equipamentos de monitoramento dos sinais vitais não deram o alarde de que a paciente estava em estado crítico e que necessitava de uma reanimação cardiopulmonar. Prontamente o médico fez uso do desfibrilador, o choque fez com que Pandora recolhesse a mão, conseguindo assim Miguel restabelecer e estabilizar os batimentos cardíacos de Magnólia.

Passado o susto, ele abre a cortina e volta à sala onde estava Anastácia que ainda chorava e soluçava bastante.

– Você viu o que Pandora fez? Diz ela.

– Quem é Pandora? Pergunta Miguel.

– Ela estava matando minha avó, você não a viu lá?

– Não tinha ninguém lá com sua avó! Diz ele abraçando-a para acalmá-la enquanto parece procurar com os olhos algo naquele leito que tenha deixado a jovem tão assustada.

Anastácia contou tudo a respeito de Pandora para Miguel, que pareceu não dar muito crédito ao que escutava. Contudo, ele relata que recentemente tem recebido muitos pacientes que apresentam os mesmos sintomas, algo que julga

muito incomum. E por mais que a história dela não tenha lhe convencido, ela conseguiu colocar uma dúvida na cabeça dele, pois lhe parecia que havia algo estranho e desconhecido ali e que talvez estivesse por trás de todas as mortes registradas recentemente sob as mesmas circunstâncias.

Ele escutava atentamente o que Anastácia dizia, só que de repente ela parou de falar, seus olhos se esbugalharam e ela foi elevada às pontas dos pés, buscava o chão com eles sem sucesso. A saliva não lhe descia na garganta, faltava-lhe o ar necessário para respirar. Miguel assistia atônito sem entender nada, ele queria ajudá-la, mas não sabia o que fazer. Anastácia, enquanto se debatia para respirar, olhou para o vidro, onde viu o reflexo de Pandora atrás dela lhe erguendo e lhe apertando o pescoço para lhe sufocar.

Anastácia lutou e conseguiu se desvencilhar de Pandora sem muitas dificuldades, ao que parece ela não possui força suficiente para matar Anastácia.

Pandora ficou furiosa e por um instante desfez aquele sorriso macabro ao trocá-lo por uma expressão de fúria bestial. O rosto dela se contraiu por completo, ela totalmente descontrolada erguia a mão queimada em decorrência do uso do desfibrilador em Magnólia. Pandora com espírito vingativo se lançou em direção a Cabral, ela já recomposta, retomando o sorriso no rosto, olhava para Anastácia à medida que esganava com prazer o coitado do idoso que não conseguia se defender.

Anastácia implora a Miguel para que ajude o avô, ele prontamente atende ao pedido sem fazer qualquer tipo de questionamento e chegando ao paciente tenta agir rápido para salvá-lo. Ele avalia e conclui sobre a necessidade de intubá-lo, assim começa todo o procedimento, todavia, antes que consiga terminar a manobra, o senhor Cabral não resiste e morre ali na frente de Anastácia que não segura o pranto de dor. Pandora olhando satisfeita para Miguel e Anastácia, lentamente, retira as mãos do pescoço do Cabral.

Ela direciona sua atenção a Magnólia, Anastácia avisa a Miguel que Pandora está indo atacar a avó, ele prontamente, acreditando que algo extraordinário e desconhecido acontece ali, começa a prestar uma intervenção médica incisiva aos sinais de alteração que surgem no quadro clínico de Magnólia. Pandora tenta atacá-lo, porém sem sucesso, por alguma razão ela não consegue agir sobre ele.

Pandora, incrédula por não poder afetar a Miguel nem a Anastácia, ruge de raiva e abandona repentinamente o local, sumindo sem deixar rastros ou pistas quanto ao seu paradeiro, do mesmo jeito como apareceu.

Anastácia encara o sofrimento de ter que enterrar o avô, sem deixar de se preocupar com Magnólia que permanece sob os cuidados atentos de Miguel.

Os dias passam e Pandora não dá mais sinal de sua presença, Magnólia finalmente consegue se recuperar e recebe alta para voltar para casa junto com a neta. Magnólia ficou muito desolada com a notícia da morte do marido.

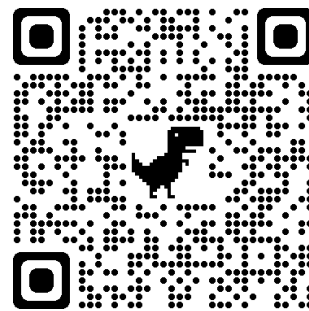
Anastácia voltou à rotina dentro do que é possível, aprendeu a conviver com o fato de existir Pandora, sabe que ela é real, perigosa e, o principal, que mata. Às vezes ela tem a sensação de sentir Pandora no meio de aglomerações. E por mais que tente alertar, muitas pessoas não dão atenção às palavras de perigo sobre a presença daquele ser estranho que veio para usurpar a vida de quem amamos.

E em todas as vezes que se deparam frente a frente, Pandora olha para Anastácia com o mesmo sorriso sombrio totalmente maquiavélico de desdém no rosto, ignorando a presença da jovem e a provocando, enquanto busca chamar a atenção das pessoas para que caiam na sua lábia dissimulada para se multiplicar na ignorância do povo com o dizer:

– Mim convide!

Pai, filho, espírito santo, amém

Alex Gomes



— Acho que você ainda não percebeu a gravidade da sua situação aqui. É bem simples: me ajuda e eu te ajudo, tudo bem, Cecília? Eu faço as perguntas e você me responde com toda a sua verdade. Por favor, não esqueça de nenhum detalhe, isso é muito importante.

Di Angello já falava de forma grosseira. Achou que seria rápido, que a réu confessaria seus crimes e que poderia sair daquele interrogatório o mais cedo possível. Ele só queria fazer seu trabalho e ir embora daquele lugar, não gostava nem um pouco dali e muito menos daquela situação. Sua pele pegava fogo a cada segundo.

Cecília, com muita dor de cabeça, tentava manter sua mente focada.

— Senhor, eu te disse tudo que sabia. Minhas lembranças ainda estão meio confusas, sabe, mas tenho certeza que não machucaria minha família, de forma alguma. Eu estou sofrendo muito desde... — Cecília tentou buscar em suas memórias o dia exato em que sua família havia sido assassinada, mas por algum motivo, não conseguia se lembrar — desde que eles se foram. Eu só quero que esse pesadelo acabe, eu não aguento mais, detetive, não aguento mais ter que responder sobre uma coisa que não fiz. Por favor, me ajuda!

Di Angello olhava no fundo dos olhos de Cecília, e os olhos dele, extremamente escuros, davam um tom de mistério sob a luz que era focada na mesa em que a garota era interrogada.

— Quando o telefonema chegou da vizinhança, o policial Marcel foi o primeiro a entrar na casa da sua família. A porta estava escancarada, com marcas retorcidas, como se algum animal selvagem muito grande a tivesse tirado com as garras e os dentes. Marcel então entrou na sala e viu seu pai, Cecília, sem a cabeça. Depois ele subiu as escadas e encontrou sua irmãzinha e sua mãe mortas no corredor que dava para os quartos.

Cecília ouvia tudo aquilo com uma certa desconfiança. Ela não se lembrava de quase nada daquilo, inclusive nem se lembrava como havia chegado na delegacia para prestar depoimento.

— Quando eu acordei, juro que eles já estavam mortos. Meu único pensamento era de sair correndo dali, daquele horror, e buscar ajuda. Eu juro, detetive Di Angello, eu só quis buscar ajuda.

Mesmo com tudo aquilo que se prolongava, Di Angello se mostrava com a face neutra, como se já tivesse passado por casos como o de Cecília milhares de vezes, e Cecília sabia disso. Sabia que mesmo estando certa do que dizia, suas memórias a traíam por não conseguir se lembrar direito do ocorrido. Para ela, sua família havia morrido enquanto ela dormia. Quando acordou, todos já estavam mortos. Depois disso, ela não se lembrava de mais nada.

O detetive então se levantou e ficou de costas para Cecília, olhando pela janela, para a escuridão silenciosa.

— Vou te contar uma história, Cecília.

— Não, não fala mais nada, eu tô tão cansada, só quero ir embora.

Di Angello deu um sorriso de canto e, com um semblante que demonstrava pena, apenas continuou.

— Uma vez, há muito, muito tempo, deus veio à Terra. Muitos homens que ainda restavam, não queriam subir nem descer...

Cecília tentou interromper o investigador, mas foi parada com um sinal de mão indicando algo como “fique quieta, estou falando”.

— ... E como o ser humano estava indeciso do que fazer, apesar de ser um absurdo não querer subir na companhia do pai, senhor de tudo, deus decidiu dar mais uma chance para os humanos. Ele então gritou aos céus: “Venham até mim se conseguirem passar por essa montanha de ouro”. Deus fez brotar da terra, como se fosse água, pepitas de ouro brilhantes, magníficas, e toda aquela riqueza mundana, superficial e física, estava ali, na frente dos homens. No céu, não valia nada, mas na Terra, valia muito.

Cecília estava intacta. Apenas ouvia sem entender, mas ouvia com atenção.

— Os homens avançaram em direção à montanha de ouro, pois deus estava do outro lado, mas ali mesmo eles pararam. Ninguém atravessou. Todos pararam sobre a montanha tentando pegar aquelas pepitas brilhantes, magníficas. Algumas poucas pessoas que tentavam chegar até deus, não conseguiam, pois simplesmente não encontravam o caminho livre. Os homens eram tão mesquinhos que chegaram ao ponto de se agredirem por aquele ouro barato. Deus se irritou profundamente e prometeu um castigo aos homens da terra. Todo aquele amontoado de almas perdidas deu à humanidade a eternidade acorrentada ao sofrimento, e a Deus, uma profunda ira.

— Deus tem sentimentos? — Cecília perguntou enquanto tentava enxergar algo pela janela escura.

Di Angello, com uma lágrima escorrendo pelo rosto, virou-se para Cecília.

— Sim, deus tem sentimentos.

— E qual foi o castigo? — Cecília, agora interessada, perguntou enquanto olhava para as próprias mãos.

— A Liberdade. — Di Angello, virando em direção à Cecília, disse com um leve sorriso.

— Eu não entendi, detetive. Como a liberdade seria castigo para os humanos?

— A liberdade deixa todo o poder de escolha nas mãos daqueles que não o sabem usar. Você, por exemplo, teve muita liberdade.

Cecília, agora com um certo tom de preocupação, começou a recordar aos poucos do que havia acontecido, mas não o bastante.

— Eu ainda não entendi, senhor detetive.

Di Angello se sentou de novo na cadeira, ajeitou-se da forma mais confortável possível e, com um rosto que demonstrava pena, falou:

— Cecília, esse tempo todo que estivemos aqui foi para uma tentativa de arrependimento. Era bem simples: eu te perguntei coisas que talvez a fizesse

recordar do que fizera, porém você não se lembrou. Apenas apertava na mesma tecla de que não sabia de nada, que era tudo obscuro na sua mente. Isso necessariamente indica que você não se arrependeu dos seus atos. Se tivesse se lembrado de cada detalhe, com certeza teria se arrependido.

Cecília, pálida, com a boca seca e com a garganta arranhando, então se lembrou. Ela odiava a forma que seus pais a tratavam, com todas aquelas regras, com todo aquele controle, mas o estopim foi quando os pais dela descobriram sobre seu namoro com um chefe do tráfico de drogas da cidade. Os pais de Cecília a proibiram de sair de casa, talvez por medo do que ela se tornaria caso aquele relacionamento se prolongasse, mas não adiantou. Cecília conseguiu um telefone e ligou para o namorado pedindo ajuda para fugir. Tudo se escureceu quando da boca dele saíram as palavras “vamos matá-los!”.

— Agora você se lembra, Cecília? — Perguntou Di Angello, agora com lágrimas de sangue.

Sim, ela se lembrava. Ela mesma armou todo o esquema, mas acabou dando errado quando os policiais que passavam em frente à casa de Cecília suspeitaram de dois adolescentes, ensanguentados, correndo em direção ao matagal. Houve troca de tiros. Cecília morreu ali mesmo com um tiro na cabeça.

— Desculpa, Cecília, eu tentei salvar sua alma, eu juro. — Disse Di Angello enquanto suas asas angelicais se mostravam numa luz roxa. Ele era o anjo da guarda de Cecília e, no purgatório, como um advogado de defesa, ele tentou levar Cecília para o céu.

Não conseguiu.

Posfácio

Findou-se no limiar das pálpebras, essa razão sentimental perseguida e dificilmente encontrada. Ela, que muitas vezes aparece e muda toda a perspectiva de um ideal, que não se limita a poucos segundos, mas cortada e espalhada em várias partes durante o apogeu humano. Ela, sim, ela, acabou-se aqui, com a faceta encharcada de arrepios e pensamentos obscuros. Despregou-se totalmente de suas mãos e, agora, reside apenas em sua sanidade cansada, agora, envenenada pelas histórias aqui contadas. Essa dor é impossível de se correr contra, impossível de se esconder, impossível de mudar o rumo da mente alguma outra coisa, pois ela se esvaiu para sempre de sua existência. Ela mesma, a felicidade. Histórias de terror não são apenas histórias. São marcas de um tempo, a vivência de alguém, algo ocorrido em determinado lugar, com determinado desgraçado, em determinada ocasião especial. Aqui estão apenas alguns pequenos enlaces do submundo, deixados propositalmente pelos escrivães da horda maldita e sanguinária, faminta por mentes perturbadas e corrompidas pela sociedade. O mal reside em todo lugar, então se proteja e proteja os seus. Por último, um breve aviso com gosto de cobre: se ainda vivos estivermos, voltaremos com mais sede.



Sobre os autores



Dry Neres — acadêmica ocupante da cadeira nº 1, representando o peso existencial de Clarice Lispector. Presidente da Academia Valparaíense de Letras. Licenciada em Letras, Pedagogia e Filosofia e Especialista em Gramática, Produção de textos, Literatura e Linguística. Escritora registrada e reconhecida sob Prefixo Editorial 918592 pelo Instituto da Biblioteca Nacional – ISBN. Palestrante, representante da RIDE na Feira do Livro de Brasília. Autora de onze livros infantis, cinco romances e uma metalinguagem. Servidora do quadro efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás e proponente do projeto de criação e fundação da AVL.



Michel Duarte — acadêmico ocupante da cadeira nº 2, representando o realismo fantástico de José J. Veiga. Pedagogo e Técnico de Enfermagem, nasceu em Jabaquara, São Paulo, em 09 de maio de 1982. Vice-presidente da Academia

Valparaisense de Letras. Veio para Goiás na adolescência. Sua maior paixão sempre foi o livro. Essa prática o ajudou a despertarem amigos e alunos o mesmo sentimento positivo em relação à leitura. Hoje, é palestrante, gestor de projetos sociais e culturais, mediador e incentivador voluntário da leitura em Brasília e na RIDE. Com o projeto Estação Literária, iniciado na 4ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura em Brasília, livros foram trocados e recebidos para serem doados em Valparaíso de Goiás e entorno. Sua primeira obra: *Se hoje eu te odeio*. E publicou *O caminhar da Joaquina*. Escreve sob o heterônimo **Don Juan do Val**.



Simone Fernandes – acadêmica ocupante da cadeira nº 3, representando o lírico Jorge Amado. Aos 58 anos, Simone Fernandes é natural do estado do Rio de Janeiro, cidade litorânea de Macaé. Mudou-se para Brasília com a família em 1980. Após casar-se, passou a residir em Valparaíso de Goiás, onde está há 25 anos. Tornou-se escritora em 2009, quando lançou sua primeira obra: *O segredo da Imortalidade*, dando sequência a mais

cinco obras publicadas. Amante da educação, praticante do Espiritismo, vê na escrita a oportunidade de orientar, amparar e acolher a todos os que se aventuram nesse mágico universo das palavras, o sagrado mundo, onde tocamos as almas em sua totalidade.



Tacio Lorrán – acadêmico ocupante da cadeira nº 4, representando os contrastes de Euclides da Cunha. O escritor de 21 anos, nasceu, cresceu e vive em Valparaíso de Goiás (GO). Graduando, ele é jornalista de política e economia do portal Metrôpoles. Antes, passou pela editoria de cidades do Jornal de Brasília. Além disso, ganhou três projetos integradores (PIs) do IESB. Apesar de estar no centro das tensões da capital federal, faz da crônica a poesia do ordinário. No fim das contas, gosta mesmo é de contar histórias.



Alex Gomes — acadêmico ocupante da cadeira nº 5, representando os neologismos de Guimarães Rosa. Professor de Gramática, Literatura e Inglês, Alex Gomes da Silva é contista, poeta, inspirado e fascinado pela Literatura Brasileira. Licenciado em Letras e pós-graduando em Docência do Ensino Superior, é colunista da Revista Sotaques. Seus contos delineiam temas obscuros até a um amor não correspondido. Os poemas, na maioria, contam com forte traço social e brincam com o linguajar popular e a quebra com o conformismo. Sua primeira obra, *O verbo se fez carne e habitou entre os mortos*, apresenta seus melhores contos de terror que provocam arrepios na alma. Esta obra pode ser encontrada na Amazon.com.



Airton Memória — acadêmico ocupante da cadeira nº 6, representando a força de Aluísio Azevedo. Nascido em 29 de março de 1984, na cidade de Pedro II – PI, mudou-se para o entorno de Brasília em 1990. É servidor público efetivo do Governo do Distrito Federal desde 2011. Formado em Letras com especialização em Gramática, publicou seu

primeiro livro, *Enredo infracional*, em 2013; lançou sua segunda obra, *Os mistérios de C@ris*, em 2016, além da participação na publicação de uma antologia, de concurso literário de poesia.



Débora Iglesias acadêmica ocupante da cadeira nº 7, representando o icônico Manuel Bandeira. Nascida na Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro, em 1970. Filha de Ricardo Iglesias e Marimedes de Souza, mora em Valparaíso de Goiás desde 1992. Formada em Letras – Português e Inglês pelo Centro de Ensino Superior do Brasil, pós-graduada em Docência do Ensino Superior. Exerce a profissão de professora desde 1993. Escritora, poetisa e artista desde sempre. Publicou sua primeira obra, *Galdor, o retorno da magia*, um romance de fantasia, em 2018, pela Amazon.com. Em 2019, lançou o conto infantil *O Pinheirinho*, já como membro da AVL. A literatura sempre foi sua paixão e ser escritora, seu objetivo de vida.



Alexandre Bernardo - acadêmico ocupante da cadeira nº 8, representando o enigmático Machado de Assis. Licenciado em Letras Português — Literatura, especialista em Docência do Ensino Superior, Literatura Brasileira, Estudos Literários e Filosofia, hoje cursa a licenciatura de História. Autor dos livros *Universos paralelos* (Clube de Autores), *Anjo reverso* (Clube de Autores) e *Meu livro de xadrez* (Editora Enovus). Trabalha com Xadrez há sete anos e atualmente ministra aula no Colégio Marista Asa Sul e Centro Educacional Leonardo da Vinci. É vice-presidente da Federação Brasiliense de Xadrez, atua como organizador do Aberto Marista de Xadrez, sendo ainda, árbitro regional pela CBX e professor de campeões brasilienses Sub 08, Sub 10 e Sub 12 e de um campeão brasileiro Sub 12.



Daniel Canhoto — acadêmico ocupante da cadeira nº 9, representando o ilustre João da Cruz e Sousa. Aos 24 anos, nascido numa cidadezinha chamada Cidade Ocidental, vive e trabalha em Valparaíso de Goiás; é licenciado em Letras Português/Inglês e atua como professor de Língua Espanhola. Escreve, no geral, poemas e, sob o heterônimo de Mário Guanumbi, contos. Um trabalho literário um pouco "introspectivo", com foco nos pequenos detalhes, no micro: uma taça de vinho vazia, uma bituca de cigarro... Mas o que marca sua escrita, sobretudo, é a ausência. Autor do livro de poesias *Ausência* e, sob o heterônimo de Mário Guanumbi, do livro de contos *Onírica*, com as ilustrações do autor. Possui alguns textos publicados pela revista digital Sotaques.



Jhean Lima —acadêmico ocupante da cadeira nº 10, representando o emblemático Mario Quintana. Jean Jackson de Lima e Silva nasceu em uma cidade do Sertão do Alto Pajeú, chamada Afogados da Ingazeira, em Pernambuco. Tem 40 anos, é formado em

Letras. Veio para o Distrito Federal no ano de 2002 e reside em Valparaíso de Goiás desde de 2008. É um dos fundadores da Academia Valparaisense de Letras e Secretário Geral. Admira a arte da poesia e vive a constante busca de desvendar o segredo das palavras na sua propriedade incondicional de significâncias. Assim, aproximando-as da emoção dos homens, traduzindo-as em versos, sonhos e sentimentos. Possui, atualmente, poemas publicados em coletâneas da CBJE (Câmara Brasileira de Jovens Escritores). Professor efetivo de Língua Portuguesa da rede municipal de Valparaíso de Goiás e de Novo Gama na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, atualmente, atua, em Valparaíso, como Coordenador de Formação Continuada. Revisor de Texto, Cerimonialista, Produtor de Eventos Pedagógicos e Culturais, Ator da Cia de Teatro Fernando Fernandes, tendo estreado, em março de 2018, a peça *Romeu & Julieta* no Rio de Janeiro, de Fernando Fernandes. Foi Conselheiro e Secretário Executivo do Conselho Municipal de Educação de Valparaíso. Lançou, em 2019, a obra *Eu*

poemo, tu poetizas com poemas sobre poesias de essência.



SissaSantos – acadêmica ocupante da cadeira nº 34, representando a inspiradora Rachel de Queiroz. Nasceu em Joinville no final do mês de fevereiro. Passou a infância toda entre as jabuticabeiras da casa de sua tia, em Lavras e, aos 11 anos, foi para Paracatu, ambas as cidades no interior das Minas Gerais. Teve o primeiro contato com um instrumento aos 6 anos de idade e, aos 14 anos, começou a se apresentar profissionalmente. Mudou-se para o Distrito Federal com 17 anos, para estudar Relações Internacionais, mas, apesar de ter concluído o curso de bacharelado, não abandonou as artes e continuou a trabalhar com música. Aos 21 anos teve seu primeiro livro publicado, o *Por dizer, pra ficar*, em parceria com a Academia de Letras do Noroeste de Minas, reunindo crônicas e contos de seu período como colaboradora do Jornal Dinâmico Paracatuzinho, onde manteve, por três anos, uma coluna semanal de crônicas intitulada: Crônicas da Sissa. Sissa também trabalhou como tradutora,

receptionista trilingue e professora de idiomas para concluir o seu curso universitário. Sempre apaixonada por jornalismo, além da parceria com o Jornal Dinâmico, escreveu, por um período, para o Jornal Brasília In Foco e atuou como assessora de comunicação em uma agência de publicidade. A vida de freelancer foi deixada para trás no momento que Sissa conheceu a musicalização infantil, profissão e vocação que a representam na vida. Hoje, professora de Educação Musical para crianças com necessidades especiais, entusiasta da musicalização para a primeira infância e professora de canto, Sissa vive não apenas de arte, mas para a arte.

Convidados Especiais



Kayo Heitor Corrêa de Oliveira— Aspirante a escritor, sonho em poder escrever Light Novels como uma profissão, e agora aos 14 anos de idade, participar desta Coletânea é um passo gigantesco para alcançar meu sonho, principalmente sendo uma Coletânea de Contos de Terror, um tipo que aprecio muito.



Ryan Lima Cavalcante— Tenho 14 anos e sou estudante do colégio Maria Gomes Matias (MAGMA). Gosto muito de estudar, jogar videogame, escrever e ler. Em especial, gosto de ler histórias de terror e suspense. Desenvolvo essa paixão desde o 5º ano. Hoje já estou no 9º ano e pretendo terminar meus estudos e me tornar um advogado de sucesso.



Carlos Gustavo Guaribu— Nasci em Valparaíso de Goiás, mas fui criado na periferia de Luziânia até os 13 anos. Eu já criava historinhas antes de aprender a ler e escrever. Aos 9 anos a professora publicava minhas historinhas nas provas de português. Aos 10, eu quis escrever meu primeiro livro, num caderninho brochura que eu carregava pra cima e pra baixo. Na mesma época o alcoolismo consumia a vida dos adultos chamados meus responsáveis. Aos 13, fugi. Por uma semana, ao menos. Foi um tempo conturbado, eu desanimava a cada crítica negativa que recebia, e um belo dia desisti. Larguei o caderninho. A história, porém, continuou na minha cabeça e foi crescendo. Criei todo um universo imaginário, escrito em folhas soltas, escondidas (ainda trago certo trauma e até vergonha de escrever). Desse mundo maluco, saiu da jaula o Coletor de Almas, agora copiado, disseminado, acessível e (como prefiro dizer) finalmente liberto.

SURUCSBO

SURUCSBO



978-65-995439-0-6